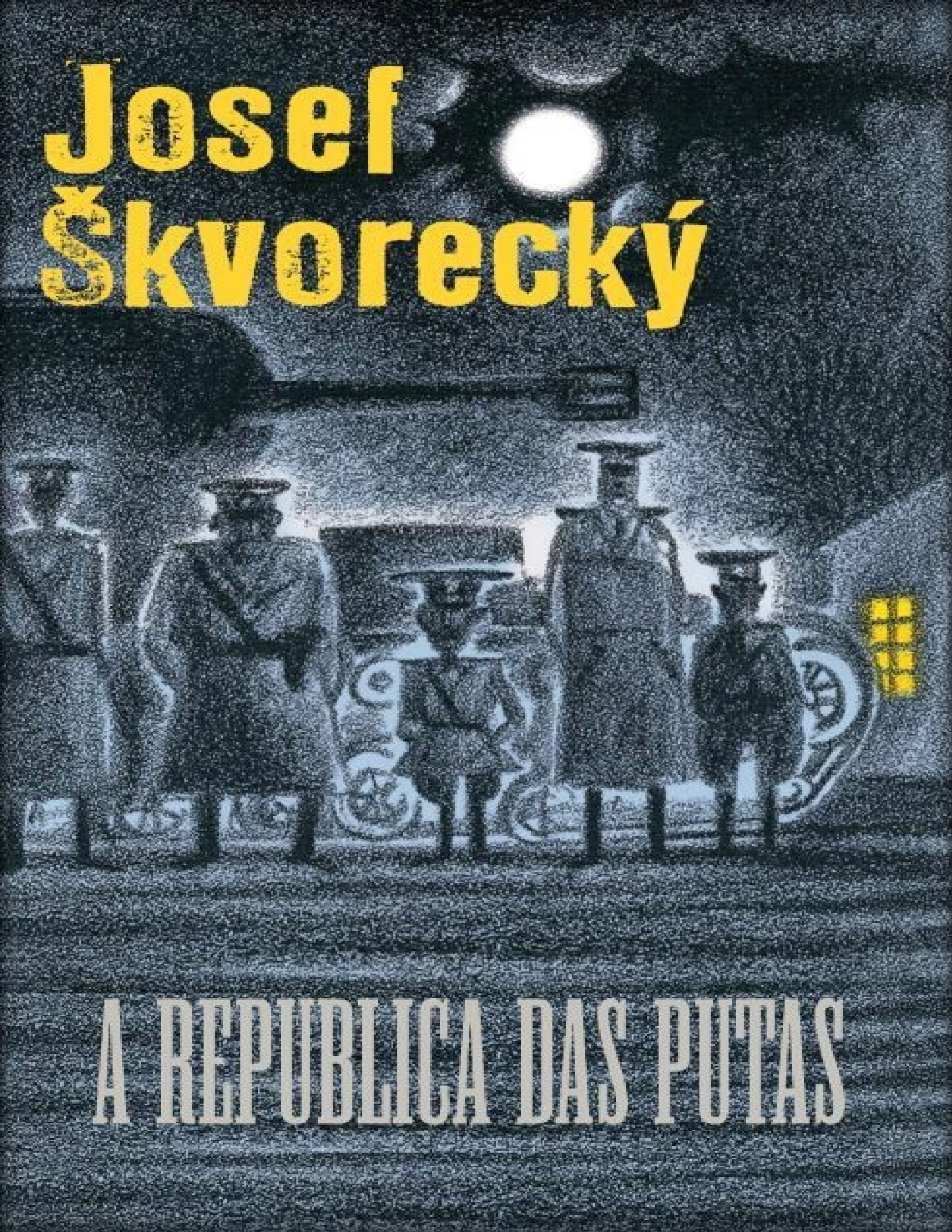
Josef Škvorecký



A REPUBLICA DAS PUTAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

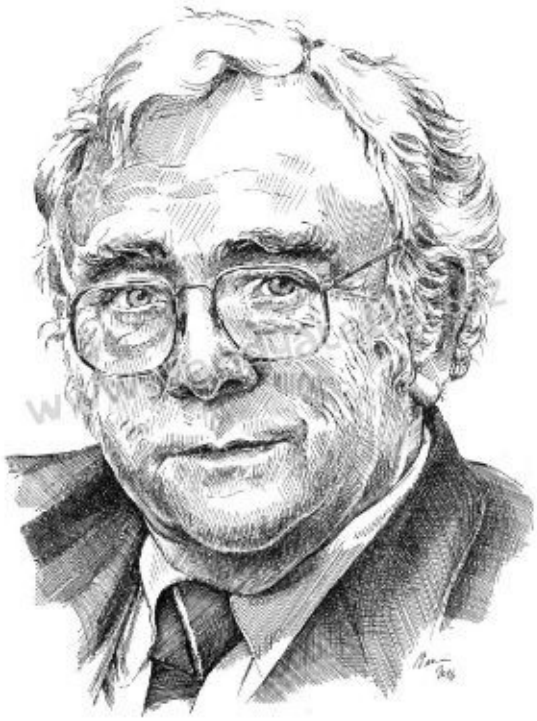
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Josef Škvorecký



A República das Putas

Josef Skvorecky
A república das putas
Tradução de Vera Whately
Editora Record, 1999
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Skvorecky, Josef, 1924-S639r A república das putas /Josef Skvorecky; traduzido do inglês por Vera Whately. — Rio de Janeiro: Record, 1999.
Tradução de: Tankovy prapor ISBN 85-01-04578-0
98-1886
1. Romance tcheco. I. Whately, Vera. II. Título.
CDD — 891.863
CDU — 885-3
Título original tcheco Tankovy Prapor
Copyright © Josef Skvorecky, 1971
Esta obra foi traduzida do inglês com a concordância do autor.
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição para Portugal e resto da Europa.
Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução
Impresso no Brasil
ISBN 85-01-04578-0
Pedidos pelo reembolso postal Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Contracapa

"O sol escondeu-se nas nuvens e as quatro fileiras de homens com macacões cobertos e graxa e capacetes de couro mantiveram-se em silêncio em frente aos tanques escuros. Acima deles o vento fazia as nuvens cinzentas correrem no céu de outono, levando a voz furiosa do oficial diminuto e suas provisões sobre uma série incessante de ações sinistras que aquele monstro — o povo — poderia ainda perpetrar.

Uma obra-prima.

The Times Literary Supplement

Orelhas

Escrito em 1968, após a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas soviéticas que esmagaram a Primavera de Praga, *A república das putas* faz comédia para falar da corrupção e dos absurdos do comunismo durante a preparação do exército tcheco para a "guerra" contra os Estados Unidos. No centro do romance está Danny Smiricky — personagem de outros livros do autor, inclusive na novela *O saxofone baixo* —, comandante de tanques dividido entre o amor de duas mulheres irresistíveis que sonha com a baixa do serviço militar — projeto constantemente ameaçado por sua divertida e independente tropa e por um major politicamente correto e bajulador. Enquanto o major vende a alma aos condecorados soviéticos, a tropa faz de tudo para prejudicar os "adoráveis" oficiais. E, na véspera da dispensa de Danny, um desastre começa a se

desenhar...

Assim é a vida no Exército Democrático do Povo em seu momento mais insano e rude. A república das putas é uma brincadeira com a estupidez que prevalecia sob o regime stalinista e produzia tanto situações de pavor quanto de completo disparate. Por trás desta história exuberante e libidinosa repousa uma paródia furiosa da vida sob o controle soviético. Mas apesar de todas as regras e regulamentos opressivos, os personagens deste livro se desdobram para encontrar seu caminho de triunfo e, acima de tudo, de liberdade.

Josef Skvorecky nasceu em 1924 e tornou-se um dos mais populares escritores tchecos após o lançamento de seu primeiro romance, Os covardes, que em 1958 foi proibido pelo regime comunista. Em 1968, após a invasão da antiga Tchecoslováquia, ele emigrou para o Canadá, onde vive até hoje. Entre seus principais romances estão *O engenheiro das almas humanas* — ganhador do prêmio Governor General em 1984 —, *Dvorak apaixonado, O jogo dos milagres, A noiva do Texas, A história do saxofonista* e *O saxofone baixo*. Em 1990, ele recebeu, das mãos do então presidente Vaclav Havel, a Ordem Leão Branco, a mais alta condecoração da República Tcheca e Eslovaca, por seus serviços em prol da literatura do país. Atualmente, Skvorecky é professor de literatura e cinema na Universidade de Toronto.

Para Jarmila e Vladimír Emmer e
para Na'da e Jan Michal,
que esconderam os originais deste livro
em tempos de perigo,
e para os convocados da reserva,
Doruzka e Stanislav Mares,
que estavam lá.



1

UM ATAQUE A UM SISTEMA DE DEFESA PLANEJADO ÀS PRESSAS PELO INIMIGO

Às onze e quarenta e sete da noite, com exatamente dezoito minutos de atraso para as ordens operacionais, o capitão Václav Matka — comandante do Sétimo Batalhão Blindado da Oitava Divisão Blindada — verificou a disposição de suas forças blindadas no local onde o ataque teria início. Depois ficou uns cinco minutos ao lado do tanque comandado pelo sargento Krajta, observando as escavações. A lua, semioculta pelas nuvens de outono, espalhava sua luz espectral sobre cinco soldados que escavavam o chão petrificado com duas picaretas cegas. Lá no fundo, com a tromba de aço erguida para o céu luminescente, o tanque parecia estar olhando sonhadoramente para as elevações do Velho Roundtop, um morro marcado pela trilha de inúmeros ataques.

Finalmente o capitão e seu ajudante de ordens, agasalhados com pesados sobretudos, seguiram na direção das árvores esparsas na névoa noturna. Debaixo do sobretudo o capitão usava um suéter grosso e ceroulas limpíssimas, ainda com os vincos originais da época em que foram guardadas no Comissariado. Caminhava pela noite fantasmagórica de setembro para chegar ao carro do staff, mas não sentia nenhuma poesia naquele estranho momento da meia-noite e naquela estranha situação. Estava pensando na bobagem que fizera dois anos antes, quando largou a boa vida de funcionário público de recursos humanos na agência de seguros do Estado. Tinha se metido em uma encrenca, e a oferta de um curso de treinamento de dez meses na divisão blindada, com uma comissão garantida no final e uma ascensão rápida, parecera-lhe uma boa ideia. Mas ele não sabia daquelas manobras noturnas que ocorriam a cada semana, com qualquer tipo de tempo, nem de vários outros inconvenientes.

Ao chegar à estrada, Matka acendeu a lanterna para ver a papeleta com as ordens. "2330-0400: equipes em posição, cavar, e veículos blindados camuflados. 0430: preparar ataque. 0450: artilharia pronta. Início: 0500." Isso significava que ele poderia dormir até as quatro e meia da madrugada. É claro

que devia ir de equipe em equipe verificar o andamento dos trabalhos, mas resolveu jogar tudo para o alto. Desligou a lanterna e foi até uns arbustos, onde estava estacionado o veículo camuflado do staff. Esticando o corpo para pôr o pé no estribo do Tatra, virou-se para seu ajudante de ordens, que também era oficial educacional do batalhão.

— Hospodin, vá dar uma volta para ver se esses filhos da puta preguiçosos fazem alguma coisa. Eu vou cochilar um pouco, pois não dormi bem a semana inteira. Tivemos aquela conferência cultural na segunda, na terça a reunião do Partido foi até as três da manhã e eu dei plantão depois, e na quarta foi dia de treinamento dos oficiais. Pode me chamar às quatro horas, Hospodin.

— Sim, senhor, camarada capitão — disse o tenente Hospodin com zombaria, batendo os calcanhares.

Quando o capitão fechou a porta, ele contornou o tanque, abriu a porta da cabine e viu o motorista roncando por trás do volante. Hospodin sacudiu-o com força.

— O que aconteceu? — perguntou sonolento o motorista.

— Olhe aqui — falou o tenente —, preciso que você dê uma mão ao comandante de tanque Smiricky. Eles só têm quatro homens. E me acorde às quinze para as quatro.

— Que merda! — reclamou o motorista, descendo do carro. Ele ainda era novato, estava no primeiro ano de treinamento básico, e não conseguiu conter o palavrão. Do lado de fora, o ar frio o fez estremecer. Nesse meio tempo, o tenente entrou no tanque e bateu a porta. Um cobertor apareceu na janela e o tenente se embrulhou nele. O soldado Holen enfiou as mãos nos bolsos e, tiritando de frio, andou para o norte até uns arbustos, que pareciam cenário de teatro amador. O som distante dos canhões e o barulho das pás e picaretas na terra dura chegaram aos seus ouvidos em meio ao silêncio da noite. Quando passou por um mato alto sentiu o orvalho ensopar suas calças finas de verão, o que só fez piorar seu humor.

O carro do staff da divisão política parecia estar ancorado no meio de um monte de arbustos. Assim que Holeny passou por ele, alguém acendeu a lanterna e contra a luz ele viu as silhuetas de dois oficiais de quepe. A porta do carro foi aberta, o estribo rangeu e os quepes desapareceram dentro do veículo.

— Filhos da puta! — pensou Holen, e continuou a caminhar. Quando chegou no lugar onde, conforme o plano de disposição, a equipe do comandante de tanque Smiricky devia estar cavando num tanque médio, ele viu uma espécie de matagal. De repente um motor tossiu, voltou à vida e o matagal começou a se mexer. Holeny então viu o canhão do tanque na alta elevação. O veículo foi para diante e de repente misturou-se na relva cinzenta e monótona, coberta de névoa,

e desapareceu de vista.

O motor silenciou.

Fascinado, Holeny procurou ver mais de perto aquele fenômeno mágico. Sim, o grande animal de aço estava ali, escondido em uma depressão muito bem preparada. Dos dois lados da cova havia montes de terra empilhados, e o canhão pousava numa elevação sobre uma fortificação padrão. Holeny sentiu um profundo respeito pela equipe que conseguira cavar em tempo menor que o previsto aquele imenso buraco, apesar de estar com um homem a menos (o atirador da metralhadora estava na enfermaria, com gonorreia).

Holeny foi até o comandante de tanque, que naquele momento estava descendo da torre. Falou num tom meio jovial, meio respeitoso, como se espera de um subalterno. Mas não era seu senso de obrigação que o fazia falar dessa forma, e sim uma verdadeira admiração.

— Camarada comandante de tanque, o tenente Hospodin me mandou ajudar a cavar aqui, mas pelo visto...

— Aquele sujeitinho de merda! — disse uma voz vinda da cabine do motorista. Um homem atarracado, com um macacão sujo de graxa e divisa de cabo no peito saiu da escotilha e pulou para o monte de terra. — Será que ele acha que a gente vai se virar pelo avesso porque tem de cavar isso? Ele pode enfiar aquilo onde achar melhor, aquele sacana. — Depois o cabo virou-se para o comandante de tanque e disse, de forma um pouco mais gentil: — O que você acha, Danny? Eu não disse? Uma cova perfeita. Eu sabia que a gente ia conseguir. Eu conheço este lugar como a palma da minha mão. Já vim a essa maldita colina pelo menos umas quinhentas vezes.

O sargento-mor Smiricky — comandante do segundo tanque do primeiro pelotão do Primeiro Esquadrão — olhou em volta.

— Está ótima, Andelín. Só espero que não seja descoberta.

— É claro que não vão descobrir, homem. E foda-se se descobrirem. Deixe os novatos ralarem, não os que já estão saindo. — O cabo Andelín Strevlícek estava servindo seis meses a mais porque o comandante-em-chefe, general Cepicka, prolongara o serviço militar de todos os soldados recrutados em 1950, para aproximar-se ao máximo do grande modelo soviético e cair nas boas graças de Stalin. — Eu vou dormir — anunciou o guerreiro infeliz, e começou a andar.

— Espere um instante — disse o comandante de tanque. — Nós ainda temos que fazer a camuflagem. Vamos acabar logo tudo.

— Por que Juraj e Holeny não podem fazer isso? Hospodin mandou esse cara para cá, não foi?

— Foda-se a camuflagem — disse uma voz de dentro do tanque. Era o municiador Juraj Bamza.

— Não enche o saco, Juraj — disse o cabo. — Vamos fazer essa merda de camuflagem logo, OK?

— Quer largar do meu pé?

— Sem essa, Juraj. Você não vai querer deixar todo o trabalho para o pobre Strevlícek, não é? — falou o cabo.

— Por que a gente não trabalha em conjunto? — propôs o municiador.

— Juraj — disse o comandante de tanque —, nós temos de botar umas coisas aí, para eles nos deixarem em paz.

O municiador foi lacônico.

— Merda!

Uma voz diferente, mais grave, surgiu da torre. — Quer dar o fora daqui, Juraj? Não enche o meu saco. Pode ir andando! — Era o atirador, sargento Zloudek.

— Por que você não some daqui? — falou o municiador. Um som oco veio de dentro da torre, como uma barra de ferro batendo num pote de estanho.

— Vai tomar no cu.

— Seu novato burro — disse a voz de dentro da torre. — Você vai fazer a camuflagem ou não?

— Tudo bem, tudo bem.

Bamza desceu depressa da torre.

— OK, rapazes — disse o comandante de tanque. — Vão buscar mato e uns galhos. Joguem um pouco em cima da torre e espalhem o resto na frente da defesa.

Holeny olhou em volta e o municiador o seguiu, resmungando. Strevlícek subiu no compartimento do motor, deitou-se e enrolou-se no casaco. Um calorzinho gostoso subiu pela aleta de ventilação. O motorista deu um peido e caiu no sono imediatamente.

O comandante de tanque, Danny Smiricky, começou a fazer sua inspeção. Era um rapaz tímido e consciencioso, e as ordens faziam-no responsável pelo tanque e sua equipe. O motorista e o atirador, que deviam estar fazendo uma inspeção técnica do tanque, estavam dormindo, e o tanque ainda nem estava camuflado. Se um dos superiores — um capitão ou um agente do Estado — descobrisse que na realidade eles não tinham feito o buraco, mas simplesmente levado o tanque para uma depressão existente no meio do mato, eles iam se dar mal — teriam que fazer um novo buraco, sob a vigilância dos oficiais. Strevlícek garantiu que todos os oficiais estavam dormindo como pedras àquela altura, mas o comandante de tanque preferiu não se arriscar.

Deu uma volta por ali em busca de galhos. Em um matagal próximo quebrou dois galhos grandes e arrastou-os até o tanque. Juraj Bamza já estava em pé na

torre, espalhando mato por ali. Holeny enfiava uns raminhos por trás das alças da lateral da torre e nas aletas de ventilação. Danny encostou os dois galhos na chapa blindada fronteira da torre. Estava com frio. Olhou o relógio. Se fosse para a cama agora poderia dormir umas três horas. Ótimo! Mas ele sabia que era preciso ficar de plantão, e que todos deviam se revezar — mais ou menos meia hora cada. Mas sabia também que não tinha meios de convencer Strevlícek e Zloudek, que estavam no final do serviço militar, a fazer uma coisa tão inútil. Por isso decidiu passar o plantão para os dois novatos. *Eu sou o superior deles*, pensou. *Tenho direito de descansar depois de acabarmos de cavar a trincheira. Eles têm o dever de obedecer às minhas ordens. Então vou dar uma ordem e vou dormir. Se eles não ficarem de plantão, se também forem dormir, não é problema meu. Se alguém pegar os dois dormindo, não tenho nada com isso*.

— Ei, Juraj — disse. — Você e Holeny vão se revezar no plantão.

— Revezar em quê?

— Serviço de sentinela. Uma hora e meia para cada.

— Foda-se.

— Não seja idiota. Vou cair fora daqui dentro de dois meses, e nesse meio tempo não pretendo arranjar nenhuma encrenca — disse o comandante de tanque com rigor. Subiu para a torre e deslizou pela escotilha do motorista. *Dei a ordem*, pensou. *Tomei a iniciativa como manda o regulamento militar, segui o exemplo dado pelo comandante do batalhão*.

Abaixou-se com cuidado pela escotilha e sentou-se no banco do motorista. Por trás dele, o sargento Zloudek dormia profundamente e roncava em cima das caixas de munição. Danny procurou a tranca da escotilha, soltou-a e fechou a escotilha em posição de batalha. Mas abriu as seteiras para poder ver a aproximação de alguém. Pegou o capacete forrado de Strevlícek que estava no banco ao lado, colocou-o na cabeça para servir de travesseiro e aninhou-se entre os suportes da granada de mão e os tubos de ventilação.

Uma estrela brilhava pela seteira e o tanque cheirava a óleo diesel e gasolina. Dava para ouvir as picaretas funcionando; as outras equipes ainda estavam trabalhando.

Pôs as mãos nas axilas para esquentá-las e olhou para as estrelas. Quando estava quase dormindo, lembrou-se de que devia ir a Okrouhlice tirar uma fotografia, assim que pudesse. Talvez Lizetka gostasse da foto dele com capacete de couro; provavelmente acharia engraçado. Mas ele teria de fazer isso logo porque... Ouviu a voz do municiador falando da torre.

— Chega, seu cabeça de camarão! Depois ouviu as botas do homem batendo na chapa blindada. As aletas de ventilação do motor estalaram. *Eles estão se aprontando para dormir agora*, pensou Danny, meio dormindo. *Mas eu já dei as*

minhas ordens. Sentiu um objeto duro nas costas, viu que sua pistola tinha escorregado e puxou-a para cima da barriga. Se houvesse uma guerra eles não dormiriam nada, estariam cagando nas calças. Segundo as estatísticas militares, a expectativa de vida das equipes de tanque era de quatro minutos durante uma batalha. Não era de estranhar que morressem de medo. Mas talvez não houvesse guerra.

Mas provavelmente haveria, pensou ele, e antes de cair no sono ficou pensando que em breve voltaria à vida civil e em como seria essa vida. Será que a tentadora Lizetka continuaria a rejeitar suas investidas? Ele era apaixonado por ela, ou melhor, tinha uma vontade alucinada de trepar com ela há quase três anos. Mas ou ela respeitava mesmo os preceitos católicos contra a infidelidade conjugal, ou então era frígida. Essa segunda hipótese era muito mais provável que a primeira.

Talvez Lizetka não fosse exatamente frígida, mas tivesse o espírito de um torturador da polícia. Talvez ela fosse sádica, como a maioria das mulheres, pelo menos a maioria que ele conhecia. Talvez só o diabo soubesse...



Era uma hora da manhã quando o comandante do tanque conseguiu conciliar o sono. Àquela altura, o capitão Matka, estirado na sua confortável cama improvisada no veículo do staff, já dormia há muito tempo. Segundo suas ordens operacionais, ele devia agora estar inspecionando os tanques ocultos nas valas. O oficial educacional do Sétimo Batalhão Blindado, tenente Hospodin, também dormia no Tatra ("Proporcionar instrução política às equipes blindadas a respeito do papel de uma camuflagem apropriada na luta pela paz"). Depois de um jantar pesado, o primeiro-tenente Ruzicka mexia-se sem parar dentro do veículo do staff, com sonhos angustiantes ("Inspecionar o nível de conscientização política entre as equipes blindadas"), e o primeiro-tenente Pinkas, chefe do staff do batalhão ("Fazer com que os chefes de equipe se familiarizem com a simulação de batalha e as equipes recebam instruções apropriadas sobre bombardeios"), tentava acalmar os nervos com comprimidos para dormir e pensava na esposa Janinka. Será que ela estava dormindo sozinha no apartamento, ou não estava nem sozinha e nem dormindo?

Sob uma lona estendida sobre outro Tatra, três comandantes de esquadrão

também dormiam ("Verificar as atividades das dez equipes blindadas"). Apenas o quarto oficial, tenente Hezky, do Primeiro Esquadrão Blindado, cumpria suas obrigações com afinco. Além do mais — para tristeza dos seus subalternos —, ele ajudava a equipe do sargento Vytáhly a fazer um arremedo de vala para o tanque, já que a equipe se resumia a apenas dois homens. (Os outros estavam na prisão militar.) O capitão Matka sempre se aproveitava da ânsia que o tenente tinha de agradar, mas naquele momento o único oficial de patente mais alta a observar seu bom trabalho era o Próprio Deus Nosso Senhor, cuja existência o comando do exército negava oficialmente.

Por volta das duas horas da manhã, as últimas picaretas e pás pararam de funcionar. A exaustão superou o zelo do tenente Hezky. Os motores dos tanques voltaram a funcionar, um a um, e eles foram se arrastando pelas depressões rasas, as pseudotrincheiras, e nelas pararam como galinhas no choco.

Um profundo silêncio caiu sobre o Velho Roundtop. Naquele silêncio, a lua, filtrada pela névoa da noite, iluminava os tanques de metal. Dentro deles dormiam os soldados do Sétimo Batalhão da Oitava Divisão Blindada, sonhando com o mundo livre e ensolarado no qual iriam viver dentro de uns dois meses.



Assim, quando o jipe com o número do staff da divisão apareceu na neblina da madrugada, os olhos do major Borovicka — apelidado de Diabo-Anão — viram um quadro tranquilo e realista: uma paisagem com tanques. Ali estavam eles nas trincheiras rasas, parecendo ursos escarrapachados fazendo a digestão, recebendo uma ligeira brisa de início da manhã nos tufos de grama e nos galhos enfiados que lhes serviam de camuflagem. O coração do pequenino major encheu-se de alegria com aquela oportunidade de afirmar sua patente. Ordenou que o motorista parasse, pulou rapidamente do jipe e encaminhou-se para o veículo gritantemente visível do staff do batalhão; suas pernas cobertas por botinas lustrosas movimentavam-se energicamente, como que numa marcha militar.

O sopé do Velho Roundtop estava em silêncio total; não se ouviam nem mesmo passarinhos cantando, pois a maioria deles não teve paciência para esperar pelo final das operações do Sétimo Batalhão Blindado e voou irresponsavelmente para o sul. O major Borovicka caminhou pela grama

orvalhada até o veículo do staff e, com alguma dificuldade, subiu no estribo da cabine do motorista. Quando olhou para dentro, deu um sorriso de felicidade. No banco do motorista estava o tenente Hospodin enrolado num cobertor do exército, só com o nariz e a ponta do queixo de fora. O majorzinho balançou-se um instante no estribo alto, depois deu um riso de satisfação e olhou em volta. Ele queria pular para dentro, mas quando viu que teria de saltar quase um metro perdeu a coragem. Agarrou-se com força na maçaneta da porta com sua mão pequena, dobrou o joelho direito até suas calças se esticarem ao máximo e tentou encostar o pé esquerdo no chão. Mas seu pé direito escorregou e ele caiu, batendo com o traseiro no degrau. Deu um gemido baixo. Por um instante penoso ele permaneceu imóvel, depois, com grande esforço, conseguiu posicionar-se no degrau de novo, virando o corpo com cuidado para ficar de costas para a porta. Depois de avaliar sua posição, escorregou as costas lentamente pela porta até seu traseiro encostar no pé. Ficou pendurado ali um instante, olhando para o abismo, depois pulou e caiu de quatro, com o quepe cobrindo-lhe os olhos. Levantou-se, ajeitou o corpo, e com um sorriso vitorioso foi até a porta do staff, nos fundos do veículo.

O ar lá dentro estava quente e fétido, cheirando a couro de carneiro molhado, fumaça de cigarro e cerveja choca. O capitão Matka, deitado numa cama de campanha, respirou fundo. Estava bem à vontade — em uma ponta da cama duas meias imundas apareciam por debaixo da pele de carneiro, e na outra o rosto do capitão, ressecado pelo sol e pelo vento, brilhava fracamente na escuridão. Uma de suas botinas estava no chão e a outra sobre um mapa em cima da mesa, debaixo da janela escurecida.

Por um instante o pequeno major ficou ali, saboreando aquela cena paradisíaca. Depois levantou-se, com o peito estufado e os glúteos marcando as calças apertadas, e abriu a boca. O general sorridente, que no sonho do capitão Matka estava prestes a prender a Ordem de Kutuzov no seu peito de coronel, abriu a boca, mas em vez de um elogio ouviu-se uma voz cortante. "Aten-ÇÃO!" Matka acordou e, ignorando a fumaça que saía dos velhos tanques americanos, tirou as pernas da cama e ficou em posição de sentido, assim que conseguiu se equilibrar. O rosto do general se dissolveu, dando lugar à expressão familiar do Diabo-Anão.

— Camarada capitão — disse o majorzinho, com sua voz diabólica. — Chegou o momento, as quatrocentas e quarenta horas. Quais são suas ordens?

O capitão engoliu em seco. Ainda estava meio dormindo, e partes do seu sonho misturavam-se com a realidade crua. Quase narrou uma vitória fantástica sobre as unidades blindadas dos americanos, mas depois lembrou-se das ordens escritas. Automaticamente mexeu no bolso das calças, mas só então percebeu

que devia saber aquelas ordens de cor. De repente ele acordou. Era sempre a mesma coisa; todo conjunto de ordens que lhe chegava às mãos era uma variação estranha e primordial sobre um tema básico: "O batalhão blindado deve atacar o sistema de defesa planejado às pressas pelo inimigo." Então ele respondeu sucintamente.

— Estado de prontidão para a batalha. Eu devo inspecionar... — parou, ao perceber que não tinha inspecionado nada. Antes que pudesse continuar a frase, o major falou.

— Quando se diz que um batalhão blindado está em estado de prontidão?

O capitão respirou fundo, percebendo as implicações da sua posição: o terrível major Borovicka o pegara dormindo. Sentiu-se como um coelho abocanhado por uma hiena.

Mecanicamente, começou a repetir as ordens, como se estivesse fazendo uma prece ao Senhor.

— O batalhão blindado está em total prontidão para a batalha quando todos os veículos e suas equipes estão completas, em boa ordem, quando todos os veículos estão abastecidos com a quantidade prevista de munição, combustível, lubrificantes, quando as miras dos canhões estão adequadamente corrigidas, e...

— E as botinas? — gritou o major.

— Botinas?

— Botinas — insistiu o major.

— De que o senhor está falando, camarada major?

— De botinas. Botinas militares comuns — falou o Diabo-Anão com sarcasmo.

Matka olhou para baixo, e ao ver seus pés metidos apenas em meias, morreu de vergonha.

— Camarada major... — começou, mas o major o interrompeu com os olhos fumegando de malícia.

— Em que o senhor estava pensando? — perguntou, histérico. — O que quer dizer isso? É assim que o senhor faz manobras militares? Não dá para perceber que essas manobras são uma tarefa em tempo de paz para a defesa da sua terra? E o senhor calmamente dormindo aqui! Agora vá se apresentar ao comando da divisão, entendeu bem?

— Camarada major... — começou Matka, criando coragem.

— Silêncio! Fale só quando eu mandar. O senhor devia servir de exemplo aos seus homens no cumprimento de suas obrigações. Ficaria surpreso se eles não cumprissem as suas ordens? O senhor devia estar envergonhado do que fez!

O capitão Matka estava em pé, rígido, com o coração fervendo de raiva. Com um movimento abrupto e enérgico, o major levantou o braço esquerdo para o ar,

puxou sua longa luva de couro, e no seu pulso apareceu um relógio suíço.

— São agora quatrocentas e quarenta e oito horas. Vou adiantar em dez minutos o tempo para o início do ataque. Dentro de precisamente quinhentas e dez horas seu batalhão começará a atacar. Por enquanto é só.

— Sim, senhor! — Matka tentou dar meia-volta, mas lembrou-se de que ficaria ridículo, pois não estava completamente vestido. Olhou em volta, tirou uma botina de cima do mapa e a outra do chão com um ar de culpa, e começou a calçá-las. O Diabo-Anão não resistiu a uma observação final, vingativa.

— Se isso acontecesse em tempo de guerra, camarada capitão, o senhor iria para a corte marcial.

— Sim, camarada major — disse Matka com firmeza. Saiu do veículo e gritou: — Soldado Holeny, apresente-se imediatamente. —Mas sua voz de trovão foi tragada pelo silêncio idílico da madrugada quente.

O major Borovicka permaneceu na porta do veículo do staff, falando com uma voz calma e gelada.

— Seu motorista não está aqui, camarada capitão. — Parecia uma faca raspando o fundo de um pote de estanho. — Obviamente ele desertou para o inimigo.

Matka corou, depois caminhou até o veículo do staff, estacionado a uns cinquenta metros dali. No caminho, teve pensamentos rápidos e práticos misturados a explosões de raiva do Diabo-Anão, do seu próprio staff e, como sempre, dele próprio por ter sido idiota em deixar sua boa vida na agência de seguros do Estado.

Entrou no veículo como uma bala de canhão. Os primeiros-tenentes Pinkas e Ruzicka estavam enrolados em um casaco de pele, como um casal.

— Aten-ÇÃO! — gritou. E antes que os dois tenentes pudessem responder adequadamente, começou a cumprir as ordens do major Borovicka. — Vocês chamam a isso estado de prontidão para a batalha? Onde estão os comandantes do seu esquadrão? Onde está a preparação da artilharia? São agora quatrocentas e cinquenta horas. Está na hora de começar.

Os dois oficiais olharam para ele atônitos, com olhos ainda sonolentos.

— Vocês ainda não ouviram nada. Vão ter de se apresentar a mim depois dos exercícios. Estou adiantando a hora de início para quinhentas e dez horas. Quero ver nossas forças se movimentarem para o ataque na hora certa. Camarada primeiro-tenente, junte os comandantes do esquadrão imediatamente. E o senhor, procure o soldado Holeny. É só por enquanto.

Os oficiais pularam para fora do veículo do staff. O capitão seguiu-os com um andar gingado, e quando olhou para seu próprio veículo viu o tenente Hospodin em estado de alerta, sendo repreendido pelo Diabo-Anão, ainda

enfurecido. Mas ele não tinha tempo para se entregar a essa pequena satisfação. Abriu a porta da cabine, sacudiu o motorista até ele acordar completamente, e incumbiu-o de ir até a trincheira mais próxima, com uma ordem secreta de acordar todos da equipe do tanque ao mesmo tempo.



A tripulação do comandante de tanque Smirick recebeu as notícias do mensageiro com desconfiança.

— E a comida? — era a saudação do sargento Zloudek ao dia de batalha. Ele olhou para o relógio e acrescentou: — Meu Deus, já são cinco horas. Nós devíamos estar começando a maldita marcha agora!

Saindo do banco do motorista onde tinha dormido, Smiricky passou por Zloudek, sentou-se ao lado do rádio e colocou o capacete. Zloudek o seguiu com os olhos, com o ar de desprezo de quem já estava no terceiro ano de serviço militar.

— Eu nunca vou conseguir sintonizar essa merda direito — disse o comandante de tanque com um suspiro, girando desesperadamente o dial do rádio.

— Que se fodam — falou Zloudek. — Você não vai conseguir uma boa conexão de jeito nenhum.

Mas Danny continuou a girar o dial. *Nós dormimos um pouco e não nos demos mal*, pensou. *Apesar de Juraj ter recebido ordens para me acordar e não ter me acordado. Mas agora eu preciso estabelecer contato no rádio senão vou me danar todo*.

— O que eu disse para vocês, meus amigos? — falou Andelín Strevlícek, levantando-se sobre o compartimento do motor e olhando curiosamente no escuro para os veículos do staff. — Aposto que o velho Matka estava roncando e Ruzicka também.

Smiricky desistiu de tentar fazer o rádio funcionar e foi para a torre de comando. A área em volta do veículo do staff estava coalhada de oficiais, e havia mensageiros por todo lado. O majorzinho se aproximava no meio daquela confusão.

— Meu Deus, Borovicka está aqui!

— O Diabo-Anão em pessoa? — perguntou Strevlícek encantado.

— Andelín, entre aí — disse o comandante de tanque. — Eu não quero que nenhum filho da puta diga... você sabe o quê.

— Não se preocupe, Danny — disse Andelín. — Eles todos que vão tomar no cu. — Mesmo assim ele contornou lentamente o tanque, depois arrastou-se prudentemente para a escotilha do motorista. O comandante do tanque percebeu que Juraj Bamza ainda dormia no motor frio.

— Juraj, que merda, acorde e entre aí!

— Me deixe em paz, porra.

— Não é hora de ficar xingando. Borovicka está aqui.

— Ele que se foda! — disse Bamza, mas ficou em pé, espreguiçou-se e bocejou. Abaixo de Smiricky, dentro do tanque, Zloudek se ajeitara confortavelmente de novo em cima das caixas de munição. O comandante de tanque olhou para fora. Na torre de comando do tanque vizinho, uns cinquenta metros à esquerda, ele podia ver, da cintura para cima, a figura do sargento Soudek.

— Josef! — gritou Danny. — Você conseguiu fazer contato no rádio?

— Está brincando? — respondeu o sargento-mor Soudek, com um ar de desafio. — Meu rádio está escangalhado. Eles que se fodam.

Nessa hora surgiu um mensageiro.

— Se não conseguiu fazer contato no rádio, observe o comandante do batalhão e faça o que ele fizer. Os atiradores devem realmente fazer os canhões funcionarem. O Diabo-Anão é bom de artilharia. Nós atacamos no vermelho, o inimigo no amarelo, e um foguete verde significa que o exercício terminou. E conserte a camuflagem porque o Diabo-Anão está vindo inspecionar tudo pessoalmente.

— A nossa está legal — falou Bamza, sentando-se na escotilha do municiador. Mas teve que se afastar da cabeça de Zloudek, que apareceu por baixo dele.

— O que eles estão fazendo?

— Consultando — respondeu Danny.

— Duvido. O Diabo-Anão está enchendo o saco deles — disse o sargento.



E estava mesmo. Aos oficiais do batalhão, Borovicka apresentou uma lista

dos erros que eles haviam cometido durante a ronda final do treinamento. Era uma longa lista. À medida que o Diabo-Anão improvisava esse discurso, ficava pasmo consigo mesmo de ver como era sistemático e como aprendera bem a arte da guerra dos tanques.

Falar com os oficiais tornava-o um soldado forte da linha de frente.

Ele estava se divertindo muito. Sabia que todos o detestavam, mas também via que ninguém podia fazer nada contra isso; ele estava seguro por trás da disciplina rígida e do seu posto. Nunca houve nada no mundo tão perfeito assim.

O prazer que ele teve ao destratar os oficiais menos graduados foi ainda maior que a emoção que sentira há muito tempo, antes da Segunda Guerra Mundial, quando ele, então cabo Borovicka, castigou uns relapsos do depósito do quartel-general. A hora de começar as operações já tinha passado há muito, e os dorminhocos agora se arrastavam nas suas posições e observavam, enquanto os poucos oficiais que estavam ali eram destratados por aquele sujeitinho vaidoso e explosivo. Até os sinaleiros das rampas mais altas do Velho Roundtop e os que representavam os tanques inimigos escondidos mais adiante estavam agora acordados, imaginando por que o ataque não começara ainda. Será que tinham dormido demais e perdido as operações?

O major continuou a repreender os oficiais, que tinham a impressão de que ele só pararia quando caísse duro de cansaço. Todos foram atingidos, um por um. O zeloso tenente Hezky sentiu seu mundo desmoronar. (As coisas que ele não terminara de fazer! As coisas que ele se esquecera de fazer!) O tímido oficial-cadete, o sargento-mor Sliva, tremia de medo. O impertinente oficial-cadete Dvorak mal podia conter o riso. O apático tenente Grünlich pensou, com certa mágoa, no estado lastimável do seu estômago, e o discreto tenente Slajs pensou nas trincheiras rasas que seu esquadrão havia cavado. O insensível oficial técnico, tenente Kamen, pensava Vai tomar no cu, seu idiota, e o tenente Tyls, o oficial do rancho, rezou em silêncio para que o major não se lembrasse de que seus homens deviam ter trazido o café às quatro e meia da manhã. Ele não tinha ideia do que acontecera com o café.

Finalmente o major Borovicka terminou, e mandou que sua plateia o seguisse. A hora de começar foi adiada para um futuro vago, provavelmente à luz do dia, o que significava que cada erro e lapso ainda a ser cometidos pelos homens do Sétimo Batalhão Blindado seriam perfeitamente visíveis. O pequeno grupo de oficiais reuniu-se atrás do majorzinho e caminhou com ele pelo campo; ruídos metálicos eram ouvidos na manhã cinzenta quando as tampas das escotilhas se fechavam, isolando as equipes dos tanques do mundo no qual, naquele momento, o Diabo-Anão dava vazão à sua raiva.



O grupo de inspeção aproximou-se do primeiro tanque, que se encontrava numa pequena depressão com um montinho de terra e pedras em volta, como as represas que as crianças constroem com lama para deter a água depois da chuva. Aqui e ali, viam-se tufos de grama espalhados por cima da chapa blindada.

— De quem é este tanque? — gritou o major.

Um dos comandantes do esquadrão, o discreto tenente Slajs, bateu os calcanhares, estufou o peito e gritou:

— Meu, senhor! Primeiro Esquadrão, Sétimo Batalhão. Comandante do Esquadrão, tenente Slajs, senhor.

O major o fitou de modo penetrante.

— O senhor inspecionou a trincheira pessoalmente?

— Inspecionei, camarada major.

O Diabo-Anão não moveu um só músculo do rosto.

— E verificou se a camuflagem estava adequada?

— Verifiquei, camarada major. — Havia um tom de tristeza na voz do tenente.

O major olhou nos olhos dele, e todo o grupo fez o mesmo. O tenente Slajs era obviamente um homem de padrões modestos.

O capitão Matka tentou recuperar sua autoridade.

— Camarada tenente, o senhor chama a isso uma...

Mas o Diabo-Anão o interrompeu.

— Silêncio, camarada capitão. Eu não lhe dei permissão para falar. — Virou-se para o infeliz Slajs. — E o senhor certificou-se de que as equipes do seu esquadrão estavam familiarizadas com a simulação, as ordens para a batalha e seus alvos?

O tenente Slajs tentou sair pela tangente.

— Eu fiz umas inspeções locais, senhor.

— O senhor, por exemplo, inspecionou a equipe do seu tanque?

— Não, camarada major — respondeu Slajs, ainda esperando ser deixado em paz.

— Mas o senhor passou as ordens para os comandantes do esquadrão?

— Passei, camarada major.

— E acha que os comandantes do esquadrão passaram essas ordens com exatidão para seus comandantes de tanque?

Não havia como se furtar à lógica férrea do pensamento militar. Em um tom resignado, Slajs respondeu:

— Acho que sim, camarada major.

— Então, por favor, verifique o comando deste tanque.

Tendo jogado seu último trunfo, o Diabo-Anão enfiou as mãos nos bolsos e esperou.

— Sim, senhor — disse Slajs, e, como que tentando ganhar tempo, subiu no tanque. Todas as escotilhas estavam fechadas, em posição de batalha. Aquela era a única coisa certa, pensou ele. Não ouviu nenhum som vindo de dentro do tanque, como se ninguém estivesse lá, como se a máquina tivesse sido abandonada.

— Sargento-mor Soudek! — gritou o tenente Slajs.

— Senhor! — disse uma voz de dentro do tanque.

— Saia!

— Sim, senhor. — A escotilha do comando foi aberta e, com uma grande mesura, uma grande mão segurou-a na posição. Depois da mão apareceu um capacete, mostrando o rosto avermelhado de um camponês forte. O comandante de tanque Soudek saiu lentamente da escotilha, sentou-se na sua borda e deslizou para o chão com um movimento experiente. Ficou com um ar *nonchalant* e ligeiramente arrogante, do soldado no terceiro ano de serviço militar que confronta um oficial superior.

— Atenção! — gritou o major. — Camarada comandante de tanque, isso é jeito de descer? Desça de novo, desta vez da forma certa.

O comandante de tanque olhou com raiva para o major mas não disse nada. Virou-se e voltou para o alto da torre.

— O que é isso, um filme em câmara lenta? — gritou o major. — Acho que no próximo domingo nós vamos praticar técnicas de subir e descer do tanque, não é? E não pense que só porque seu tempo no exército está terminando o senhor não tem mais de sujeitar-se à disciplina.

Soudek sentou-se na borda da torre e encarou o major com um olhar inexpressivo.

— Para dentro! E feche a escotilha! Quando ouvir a ordem de descer, abra a escotilha e pule da torre. Compreendeu? É para pular, e não descer devagar.

— O chão está cheio de pedras — resmungou Soudek. — Eu não quero quebrar a perna antes de terminar meu tempo daqui.

O major ficou vermelho.

— O senhor passou dos limites! Não sabe o que é uma ordem? Ordem não se

discute. Será uma pena se o senhor quebrar a perna. Agora, obedeça à ordem!

Soudek virou-se e voltou para a abertura. Teve uma certa dificuldade para fechar a escotilha, o que irritou o Diabo-Anão.

— O senhor me ouviu, depressa!

— A merda do trinco está enguiçada.

— Cuidado com o que fala! — disse o major, mas a escotilha já tinha se fechado. Borovicka virou-se para Slajs, que estava meio escondido por trás dos outros como um camundongo.

— Disciplina, camarada tenente, disciplina — disse o major, sacudindo a cabeça com ar professoral. — Dê ordem para ele, ou melhor, para toda a tripulação descer do tanque.

— Sim, senhor! — respondeu o tenente Slajs com firmeza. Fez uma expressão grave e aproximou-se do tanque.

— Tripulação, des-CER!

De início nada aconteceu, mas de repente todas as escotilhas se abriram. O rosto de Soudek brilhou pela escotilha do comando, mais vermelho que o normal devido ao esforço. Pulou da torre com tanta força que seu corpo voou no ar, diretamente sobre o major, como a sombra de um anjo vingador. O major mal teve tempo de se desviar, e ao fazê-lo tropeçou num monte de merda. O capitão Matka gentilmente o segurou antes que ele se esborrachasse naquela sujeira.

— Veja onde o senhor pula! Por acaso está cego? — falou o major. Levou um certo tempo para se recompor, e não notou que o motorista, Desider Kobliha, descia lentamente do tanque, desafiando todos os regulamentos.

Depois a equipe alinhou-se em frente ao tanque da forma adequada: primeiro o comandante, ao seu lado o motorista, o motorista auxiliar, o municiador e o atirador.

Com uma expressão sinistra, o major deu ordem para o tenente Slajs testar o atirador, o soldado Mengele com relação à posição deles e à posição do inimigo. Escolheu deliberadamente o atirador porque achou que ele devia ser o membro menos informado da equipe, hipótese absolutamente correta.

Na verdade, o próprio tenente Slajs tinha só uma vaga ideia de onde estava o inimigo e mal sabia onde ele próprio se encontrava. Só sabia que sua posição, naquele momento, era desesperadora. Seguiu o regulamento e deu uma ordem branda ao soldado Mengele, cujo rosto irradiava desprezo por tudo em volta. Pela sua postura, não se podia dizer que ele estava a três meses de terminar o serviço militar.

— Camarada soldado, onde ficam as forças do inimigo?

A expressão de desprezo no rosto de Mengele aumentou. Com pouco-caso, ele levantou o braço na direção da colina.

— As forças do inimigo estão... lá.

— O senhor poderia ser um pouco menos vago? — disse o tenente Slajs.

— No Velho Roundtop.

— Correto — declarou o tenente.

— E onde nós estamos?

— Estamos na parte de baixo do Velho Roundtop — respondeu Mengele. Até então ele parecia bem informado.

— E quais são nossas forças?

— Mais ou menos um batalhão com um tanque.

— O que o senhor quer dizer com "mais ou menos"? — gritou o Diabo-Anão. — O que quer dizer exatamente "mais ou menos", camarada soldado? O senhor não sabe a que unidade pertence?

Sem perder a calma, Mengele respondeu que sabia.

— Então o que quer dizer com "mais ou menos"?

— É que não sabemos quantos nós perdemos ontem — disse Mengele com frieza.

A lógica do soldado confundiu o major, que estava certo de ter ganhado um ponto ali. Ele abriu a boca para protestar, mas só conseguiu emitir uma baforada de ar.

Por um instante ninguém disse nada. O tenente Slajs tentou parecer calmo, e o major controlou-se e disse:

— Continue, camarada tenente.

O tenente Slajs virou-se para Mengele, que olhou para ele com um ar cordial. Ele tentava ao máximo ajudar o oficial em comando, mas na verdade não sabia de nada. O tenente ficou pensando no que perguntar em seguida para obter uma resposta clara, mas chegou à conclusão de que ele próprio sabia apenas um pouco mais que o atirador. Então resolveu fazer uma pergunta genérica.

— Camarada soldado, quais são as forças do inimigo?

Mengele franziu a sobrancelha.

— As forças do inimigo são um regimento de infantaria.

Slajs olhou de esguelha para o major, mas a expressão dele permanecia inescrutável. Ou aquela era a resposta certa, ou o próprio major também não sabia. A última possibilidade era a mais provável, pensou o tenente. Ele ia fazer outra pergunta quando um raio de luz surgiu de um canto inesperado.

— Corrija-o, camarada sargento. — Era a voz do capitão Matka. Ele tinha consultado furtivamente o plano de batalha e agora tentava restabelecer um pouco da sua credibilidade perdida. Seu castigo foi imediato.

— O senhor... — mas teve de parar porque, para seu horror, não se lembrava do nome do sargento. — O senhor aí com as suíças.

Um sargento com ar de grã-fino, mesmo fardado, bateu os calcanhares.

— Sargento Vejvoda — anunciou-se, sem dizer mais nada. Mais uma vez o tenente Slajs tentou parecer despreocupado.

— Então? — disse o capitão Matka, que se sentia mais confiante por não ter sido interrompido pelo major. — Quais são as forças do inimigo?

O sargento elegante hesitou. — As forças do inimigo.... — Então arriscou e declarou sem nenhuma dúvida: — As forças do inimigo são dois regimentos de infantaria.

Impassível como um bloco de granito, embora fosse bochechudo demais para dar essa impressão, Matka virou-se para outro membro da equipe.

— Camarada soldado?

O homem questionado, o motorista auxiliar, bateu os calcanhares e gritou:

— Soldado Lakatos! — e ficou em silêncio.

— Então? — perguntou Matka.

— As forças do inimigo são... — interrompeu a frase, sem se preocupar em abafar a intensidade de sua voz, e repetiu quase gritando: — AS FORÇAS SÃO... — Seguiu-se uma longa pausa.

— Três — disse o capitão, maliciosamente.

— Ah, sim, três...

— Especiais...

— Espaciais... — Não espaciais, especiais.

— Especiais.

— Automotivas...

— Automotivas...

— Químicas...

Dessa vez Lakatos ficou em silêncio. — O quê? Químicas o quê? — perguntou o capitão. Um sorriso de desculpa estampou-se no rosto do eslovaco. Então ele disse num tom quase coloquial, como se não estivesse ligando mais para aquilo (e não estava mesmo):

— Camarada capitão, acho que eu não sei a resposta.

O que se seguiu foi uma resposta militar clássica. — Como é possível o senhor não saber a resposta?

— Eu me esqueci — disse Lakatos, quase feliz. Mas aquela demonstração de amor pela verdade não comoveu o capitão.

— Esqueceu? — gritou ele, virando-se para o resto da equipe. — Qual de vocês sabe quais são as forças do inimigo?

Toda a equipe olhou para ele com um ar inexpressivo, mas sereno. O capitão sentiu uma onda de pânico. Ao tentar ganhar as boas graças do major, ele se esquecera de algumas informações cruciais que tinha lido às escondidas no plano

de batalha. Olhou para o tenente Slajs, que encarava a equipe com um ar de neutralidade.

Olhou para o majorzinho, que continuava com a expressão de raiva e petulância de sempre. Tentou desesperadamente pensar em uma pergunta que despistasse a ideia de que as unidades sob seu comando não sabiam a quantidade das forças inimigas, e que ao mesmo tempo evitasse a catástrofe que ocorreria se mandassem que ele próprio desse a resposta. Olhou em volta para seus companheiros oficiais, que tentavam parecer invisíveis. Notou que o braço do nervoso tenente Hezky tremia e quase lhe fez a pergunta, mas mudou de ideia. Afinal de contas, ele não podia testar seus próprios oficiais na frente dos subalternos perfilados ali.

Foi salvo pelo nervoso oficial-cadete Sliva, que pediu para falar.

— As forças do inimigo são constituídas de cerca de dois batalhões de infantaria — disse calmamente — reforçados por um esquadrão de tanques e duas baterias de artilharia. Estão formadas em uma linha de batalha no bosque de Jablko. — À medida que ele falava, indicava as direções com a mão. — O ponto de triangulação no horizonte, ponto de elevação duzentos e quinze, o bosque Bumbal...

— Já basta — interrompeu o Diabo-Anão. — Prossiga, camarada sargento-mor.

O sargento-mor Bárak começou de onde o oficial-cadete tinha parado.

— O bosque Bumbal... — disse, resolutamente — o bosque Bumbal — e seus olhos passaram pelo topo do Velho Roundtop como se pudesse encontrar a resposta no meio dos pinheiros —, o bosque Zadni, o... o...

— Basta — falou Borovicka calmamente. — O senhor, camarada comandante de tanque — e deu um olhar cortante para Soudek. — Qual é a capacidade de fogo do inimigo, segundo a missão Recce?

— Foi determinado que o inimigo tem a seguinte capacidade de fogo. — Soudek limpou a garganta com cuidado e tentou se lembrar do que aprendera na noite anterior, na missão Recce. Na verdade, o que ele tinha aprendido eram vários detalhes íntimos sobre a última licença do cabo Strevlícek, detalhes relativos sua namorada.

Como todos tinham ficado sentados ali na trincheira, ignorando a voz ansiosa do oficial-cadete Slíva, que os informava dos resultados da operação de reconhecimento, o comandante de tanque não tinha nenhuma ideia de qual era a capacidade de fogo do inimigo. Seu único problema agora era dizer alguma coisa para poder se safar.

— Dois canhões antitanque — disse, depois de pensar um pouco —, quatro metralhadoras pesadas e um tanque a distância — olhou com um ar questionador

para o Velho Roundtop — à esquerda daqueles arbustos isolados lá, dois dedos à direita do ponto de orientação dois.

— E onde, camarada sargento — perguntou o major, interrompendo o improviso de Soudek e virando-se para Desider Kobliha —, fica o ponto de orientação dois?

Um sorriso incrédulo passou pelo canto da boca do motorista, e ele se virou para o Velho Roundtop, onde acabara de aparecer uma pequena figura carregando uma tabuleta no ombro. O braço de Kobliha descreveu um arco impreciso, e ele gritou: — Por lá.

— Onde é exatamente "por lá"?

— Por lá, dois dedos à... esquerda... daqueles arbustos isolados... — continuou balançando o braço como se estivesse abençoando o campo de batalha histórico e uma peregrinação solitária pela colina com a tabuleta. — Por lá...

— Por lá, por lá! — gritou o major. — É só isso que o senhor sabe dizer? Onde é "por lá"? Eu quero coordenadas perfeitas.

Kobliha olhou vagamente para um ponto a distância além do topo da colina, e o major fingiu que se acalmava.

— Dê uma referência topográfica — ordenou.

Que merda, pensou Kobliha, *eu nunca me preocupei em saber onde fica o norte. E não consigo ver o sol*... Levantou o braço mais uma vez e disse:

— Diante de nós está... o norte. — Fez uma pausa, esperando a reação do major, mas ele não fez nenhum comentário. — Atrás fica o sul — e completou, com mais certeza: — À direita... o oeste, e à esquerda... o leste.

Àquela altura o major estava na ponta dos pés, e seu rosto pálido se tornara vermelho.

— Mas que bobagem é essa que o senhor está falando? Desde quando o oeste fica à direita se o sul está atrás do senhor? E o senhor se diz um sargento? E motorista de tanque? Pode me dizer como atravessa um campo de batalha com o seu tanque se nem sabe onde fica o norte?

Um sorriso simpático passou pelo rosto de Kobliha.

— Eu sigo naquela direção, camarada major — falou, levantando o braço de novo, mas dessa vez com um gesto enérgico e confiante. — Bem ali, onde fica aquela grande depressão. Dou a volta e sigo à direita porque há muita lama à esquerda, e na primavera passada eu encalhei; então, levo o tanque até aquela figueira e passo a primeira porque tenho de virar à esquerda em volta daquele buraco, como fiz da última vez em que nós levamos munição de verdade, mas não dá para ver daqui, camarada major. Não passo a segunda porque da última vez que Strevlícek tentou o motor morreu. Nós sempre paramos cinco segundos do outro lado daquele buraco para acabar com um inimigo ATC, depois vamos

retos até o alto, bem entre o ponto de triangulação e aqueles arbustos pequenos; então eu sigo até aquela capela do outro lado da colina, passo urna terceira, desço para a estrada, atravesso e continuo. Ah, ia me esquecendo, eu tenho de parar na estrada porque há sempre um canhão inimigo perto daquelas árvores, depois continuo reto por aquele prado perto de Okrouhlice, e finalmente paro e espero pela avaliação.

O Diabo-Anão ia contestar mas, considerando a forma como as coisas eram feitas naquele campo de batalha, ele mal sabia o que contestar. Foi salvo do esforço intelectual porque a figura que carregava a tabuleta estava agora perto do grupo e procurava o oficial de patente mais alta. Quando viu o majorzinho, aproximou-se dele bruscamente, pousou a tabuleta no chão e segurou-a com a mão esquerda para bater continência com a direita. Todos leram o que a tabuleta dizia:

TRÊS TANQUES SHERMAN

— Camarada major — disse o inimigo —, peço permissão para fazer uma pergunta.

— Permissão concedida.

— Camarada major — disse o soldado —, o camarada tenente Horánek gostaria de saber se o ataque vai começar e se o inimigo deve começar a abrir fogo.

— Ainda não — falou Matka. — Ele não deve nem pensar em abrir fogo. Nós ainda não estamos prontos.

— Sim, senhor — falou o soldado.

— O inimigo não tem suas ordens? — perguntou o major Borovicka, sem resistir a um tom sarcástico nem a deixar um mero capitão dar a palavra final. — O inimigo não sabe que o foguete vermelho se aplica a eles também?

— Sim, senhor — repetiu o soldado, menos confiante agora. — Camarada major, peço permissão para voltar à minha posição.

O major concedeu a permissão. O soldado deu meia-volta na terra fofa e começou a marchar de volta para a linha inimiga. Quando ia se afastando, eles viram as costas da tabuleta, onde vinha pintado, também em vermelho:

UMA TROPA DE TANQUES CROMWELL

— Sigam-me! — ordenou o major, e foi em busca de novas vítimas.



A equipe do comandante de tanque Smirick viu o perigo aproximar-se através do visor periscópico. Dava para ver o majorzinho e seu grupo parando a cada tanque em linha, onde ocorria sempre o mesmo show idiota que aparecia no campo do periscópio sujo. O Diabo-Anão gritava alguma coisa, os oficiais viravam-se para a torre, a escotilha se abria, o comandante do tanque pulava para fora e, todo preparado para a batalha, com o capacete de couro na cabeça e o revólver de serviço no coldre passado por trás das costas, ficava em posição de sentido. O major lhe fazia uma pergunta e lhe passava uma descompostura.

Olhando as cenas pelo periscópio, Danny sentiu-se um pouco confortado. Afinal, pensou, meu tanque não está em forma tão ruim assim e o major passa uma descompostura em todos. Começou a se sentir quase seguro, e voltou a pensar nas garotas do curso de economia política que tinham sido suas alunas em Hronov antes de ele ser recrutado. Elas lhe deram uma garrafa de conhaque francês quando ele deixou o curso para servir no exército, e ele deu ótimas notas a elas, especialmente às que eram bonitas. E pensou em Vixi no bosque, atrás das torres de observação naqueles dias lindos e nas cerejeiras em flor...

Quando o grupo foi chegando mais perto, o comandante do tanque voltou à realidade. O Diabo-Anão, com as mãos nas costas, mostrava sinais de raiva apoplética. A dois passos dele vinha o capitão Matka andando energicamente, balançando a papada. Atrás vinha um grupo de oficiais. O coração de Danny começou a pular. Os oficiais se posicionaram em volta do tanque e o major passou os olhos por ele. Seguro dentro da sua torre de ferro, Danny olhou diretamente para ele pelo visor periscópico.

A voz do Diabo-Anão parecia fraca por trás da chapa blindada.

— É mais ou menos assim que um tanque entrincheirado deve parecer — dizia ele. — Aproximadamente assim. Poderia estar mais bem camuflado, mas este é o primeiro veículo, camarada capitão — e virou-se para Matka —, que se encontra bem afundado. Quem está no comando?

Disse isso com um brilho malicioso nos olhos. O capitão estufou as bochechas e emitiu um som que mostrava que ele se esforçava para lembrar, mas havia se esquecido por completo do nome do comandante do tanque. O tenente Hezky, superzeloso como sempre, levantou a mão com certa hesitação.

O major fez uma careta e virou-se para ele.

— O senhor deseja dizer alguma coisa, camarada tenente?

O tenente Hezky estufou o peito e falou com voz fanhosa: — Camarada major, peço permissão para falar.

— Permissão concedida.

— Este é o segundo veículo da primeira tropa do primeiro esquadrão do Sétimo Batalhão Blindado. Seu número de identificação é T34/8697 e sua equipe é a seguinte: comandante de tanque, sargento-mor Smiricky; atirador, sargento Zloudek; motorista, cabo Strevlícek; municiador, soldado Bamza. O motorista auxiliar, soldado de primeira classe Hlad, encontra-se no momento na enfermaria da base, no quarto...

— Chame o comandante de tanque — interrompeu o major.

— Comandante de tanque Smiricky — gritou Hezky, obediente. Do outro lado da chapa blindada Smiricky apareceu como um raio. Na sua pressa ele quase quebrou uns ossos, mas dentro dos três segundos do regulamento estava pronto para recitar a fórmula prevista:

— Camarada tenente, comandante de tanque Smiricky.

— Camarada comandante de tanque — disse o Diabo-Anão ameaçadoramente.

Smiricky deu um quarto de volta para a direita, conforme o regulamento.

— Comandante de tanque Smiricky — continuou o major, com a voz mais sombria que suas cordas vocais podiam emitir, como se fosse pronunciar uma sentença de morte. — Meus parabéns pela sua cova funda. Essa cova deve servir de exemplo às outras e, por assim dizer, aos seus outros camaradas.

— Eu sirvo ao povo — disse o comandante de tanque, espantado com suas próprias palavras. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que aquele elogio oficial iria parar no livro de registros de recompensas e punições; em breve ele estaria procurando emprego, e seu dossiê pessoal começava a se tornar importante. Ele teria de lembrar ao oficial do registro do batalhão para não se esquecer daquele episódio. O major então ordenou que ele entrasse de novo no tanque, e quando ele fechou a escotilha, em posição de combate, ouviu Andelín dizer:

— Isso não é uma piada?

— Você tem toda razão — disse o comandante de tanque.



Não havia mais névoa e o sol amarelo do início da manhã de outono brilhava no alto da floresta de carvalho, nos morros do outro lado do Velho Roundtop. A grama das colinas estava coberta de orvalho e os veículos cinzentos de combate pareciam uma manada de elefantes descansando. Minha provação está chegando ao fim, pensou o comandante de tanque Smirick, sentindo-se de repente bem por estar no exército, no meio dos tanques. Ao chegarem ao fim, as coisas de repente pareciam boas.

A vida, como ele sempre dizia para si mesmo, era um problema do passado.

Dentro de poucas semanas aquela existência idiota estaria terminada e ele teria de ganhar a vida. Em Hronov ele se sustentara durante quase dois anos ou, mais precisamente, fora sustentado pelas queridas filhas dos fazendeiros locais, que queriam se formar com sucesso (e se formaram) e se casar cedo (o que não aconteceu, pelo menos não com ele). Ele era o único professor solteiro da escola, mas se tivesse continuado lá acabaria se casando. Mas Smiricky ainda não estava preparado para enfrentar um casamento, por isso não queria voltar a ensinar. E também queria afastar-se do campo e de cidades pequenas, onde a vida era fácil e sem objetivos. Tinha vontade de ir para Praga, para ver aquela tentadora Lizetka. Não desejava se casar com ela, e além disso não podia, pois ela já estava casada com o sargento Robert Neumann.

Só queria ir para a cama com ela.

Uma leve brisa passou pelas castanheiras douradas do Velho Roundtop. A colina brilhava ao sol da manhã, e uma luz mortiça entrava no tanque. As botinas militares pesadonas do comandante de tanque faziam-no sentir-se calmo e seguro de si mesmo. Mas, refletiu ele, o tempo andava rápido e em breve ele também precisaria encontrar uma moça para se casar. Uma moça de boa família, bem-educada, pura, com roupas de seda e náilon, e que não fosse gorda de tanto comer massa. O tipo de moça com quem ele dançava nas soirées do Instituto Americano antes de os comunistas assumirem o poder. Elas cheiravam a perfume e a roupa de baixo importada e, ao contrário de Lizetka, tinham a cabeça oca. Considerando o que ele queria de Lizetka, seus pendores só serviam de impedimento.

Ele ouviu passos no compartimento do motor. Pela seteira, viu o traseiro do

oficial e as botinas de montaria. Depois ouviu uma batida na escotilha. Abriu-a com habilidade, e surgiu a silhueta do primeiro-tenente Bobby Kohn.

— Deixe a escotilha aberta. Eu vou dirigir o tanque — disse o oficial.

— Sim, senhor — falou o comandante de tanque gentilmente.

O primeiro-tenente Kohn, que parecia ter mais dignidade quando seus superiores não estavam por perto, estava de bom humor.

— Que trapaça, hein? — falou, com uma voz sarcástica.

Kohn havia servido na divisão política em Martin e era conveniente ficar em guarda contra ele, que tinha a reputação de um verdadeiro traidor. Mas suas esperanças de subir na carreira haviam sido frustradas por sua preguiça fenomenal e pelo interesse fenomenal de sua esposa por seus colegas oficiais e, recentemente, até por recrutas.

— Que trapaça! — repetiu. — Você parece que não percebe que está apenas brincando. Mas quando a guerra começar vai se arrepender por não ter aprendido a fazer uma boa cova.

O comandante de tanque fez uma careta por trás da chapa blindada. Ele vivia pensando no soldado prestes a morrer numa guerra de verdade, que se arrepende, tarde demais, de alguma falha básica durante seu treinamento. Seus oficiais viam a guerra como um teste de maturidade, um exame final onde só passavam aqueles que não tinham negligenciado os exercícios matutinos, que tinham estudado com afinco os mecanismos de recuo à noite. Sob aquele ponto de vista, só os preguiçosos morriam; os esforçados aprendiam as artes de esquivar-se de balas, bombas, gás e radiação atômica.

A equipe do comandante de tanque, de nível intelectual mais simples, não se contentava com pensamentos sarcásticos.

— Não há nada de errado com a nossa cova — disse Zloudek de dentro do tanque.

— Isso é porque o major ainda não veio aqui olhar — falou Bobby Kohn. — Vocês todos seriam metralhados se estivessem numa trincheira assim no front.

— Foda-se — gritou Strevlícek pelo interfone. Danny olhou nervoso para Kohn, mas o oficial obviamente não tinha ouvido. Ficou com um ar indiferente na torre, com as mãos nos quadris e os olhos de águia inspecionando o terreno.

— Vocês estão no ar? — perguntou.

— O rádio não está funcionando.

— Não fale besteira! — gritou o oficial. — Você acha que vai para casa daqui a umas semanas, mas cuidado para não ter de servir mais um ano a fim de aprender a operar um rádio.

Ele parou, saboreando o momento. Seus olhos pretos vasculhavam o Velho Roundtop, onde uma tabuleta com a palavra BAZUCA tinha acabado de ser

colocada em posição de batalha. No silêncio da manhã uma voz fina e baixa ecoou pelo vale... "Você vai se arrepender disso!" Alguém na linha inimiga estava levando um carão. Eles não chegaram a saber o que o pobre soldado tinha feito para se arrepender, pois nesse instante ouviu-se um foguete vindo das árvores e passando pelo céu. Era um foguete vermelho-escuro, quase roxo, muito bonito.

— Motorista, avançar quando estiver pronto! — gritou o comandante de tanque, empurrando seu microfone de contato para mais perto da garganta. Strevlícek girou o botão da ignição, apertou o acelerador várias vezes e o motor pegou. Parecia o ronco de um rinoceronte pronto para atropelar um turista inconveniente. O motorista engatou a ré no tanque e ele saiu lentamente da cova.

Pela seteira traseira, o comandante de tanque Smiricky ainda podia ver as calças de montaria do tenente Kohn, de pé no tanque com as pernas abertas. Enquanto Strevlícek passava as marchas, o comandante de tanque vasculhava a lateral do Velho Roundtop com o periscópio. À direita, outro tanque surgiu dos arbustos e subiu a colina.

— Motorista, avançar! A toda a velocidade! — disse o comandante de tanque pelo interfone, mas era tarde demais. O astuto Bobby tinha previsto rapidamente sua oportunidade.

— Continue, homem! — gritou. — Veja por onde vai! Fique em linha! Se não se apressar eu vou tirar seu couro.

Strevlícek passou a segunda e eles seguiram em frente com o motor roncando, como um tiro de canhão. Danny levantou a cabeça pela escotilha aberta, olhou para a cara ameaçadora de Kohn logo acima dele e pediu desculpas.

— Os outros tanques estavam em covas rasas e puderam sair depressa.

— Deixe de impertinência. Oriente o seu motorista! — falou Bobby aos gritos.

Vá tomar no cu, pensou o comandante de tanque. Agarrou a trave do teto do compartimento com a mão direita e segurou-se com força, mantendo o visor periscópico na mão esquerda e a cabeça encostada no seu acolchoado. Strevlícek acelerou como um louco. Como todos os motoristas da unidade, ele fora tantas vezes àquele pico que já sabia o caminho de cor. Pelo interfone, o comandante do tanque cantava, *Nós andávamos pelas catacumbas por aquela fileira de túmulos, sentindo o frio dos caixões, ela pegou na minha mão, e então...* De onde Kohn se encontrava, parecia que Danny estava orientando o motorista. Não havia possibilidade de ele ouvir o canto, pois o motor roncava e as caixas de munição e ferramentas espalhadas pelo compartimento batiam umas nas outras fazendo enorme alarido. Eles saíram dos arbustos e entraram em campo aberto.

Dos dois lados Danny podia avistar os outros tanques, alguns bem adiante, outros ainda saindo dos arbustos. Vistos pelas seteiras eles pareciam parados, mas pelas trilhas dava para notar que estavam em movimento. Parecia um filme; sentiu-se corajoso e foi tomado de uma agradável sensação de aventura segura — sentimento próprio dos oficiais.

A voz esganiçada de Bobby superou o barulho e o silvo do vento.

— Fique em fila, porra! — E Danny ouviu a voz clara de Andelín Strevlícek pelo interfone. — Aguentem aí, meus amigos. Vou me livrar desse filho da puta.

Eles se aproximavam da primeira linha de trincheiras. O comandante de tanque olhou para o municiador, que não estava usando o capacete de rádio e portanto não tinha ouvido o aviso de Strevlícek. Mas naquela familiar simulação de combate não eram necessárias instruções. O municiador agarrou-se na cúpula, segurando nas traves com as duas mãos. Danny virou-se, tensionou os músculos, trincou os dentes e apertou o capacete acolchoado contra o visor periscópico.

— Bum! — disse Strevlícek, e o tanque foi para a frente, para trás, e com uma sacudidela ensurdecedora que fez estalar tudo lá dentro, foi para a frente de novo.

O comandante de tanque olhou para cima, para a cara lívida de Bobby Kohn. A manobra não tinha funcionado.

— Esse motorista de merda! — gritou Bobby por cima da barulhada. — Vai passar o domingo todo no curso de obstáculos. E você vai aprender a dirigir o tanque.

— Eu estou dirigindo — gritou o comandante de tanque.

— Está porra nenhuma — gritou Kohn, olhando em volta. — Dê ordem para ele destruir o canhão antitanque do inimigo no ponto dois.

Pela escotilha aberta passou uma brisa agradável. O comandante de tanque tentou lembrar-se do que significava ponto dois, mas não conseguiu.

— Ele caiu? — perguntou Strevlícek.

— Não! — gritou Danny, e então deu a esmo a única ordem que eles sempre usavam. — Inimigo ATC a quinhentos metros; motorista parar, atirador abrir fogo quando estiver pronto.

A equipe deveria reagir imediatamente, mas não reagiu.

— Motorista, parar! — gritou Danny pelo interfone. Mas ainda assim Strevlícek não parou. Estava tentando recuperar o tempo perdido.

— Vocês vão atacar ou não? — gritou Kohn lá de cima.

— Porra, Andelín, pare logo! — gritou o comandante de tanque. E pelo interfone ouviu a resposta calma:

— Ele que se foda.

— Por que o atirador não abre fogo logo? — falou Bobby de novo. — Que

merda de soldado ele é?

— Karel, ponha para funcionar essa porra desse canhão — implorou Danny, e Zloudek mexeu no manete da mira, o que silenciou Bobby por algum tempo.

O comandante de tanque olhou pelo periscópio de novo. Um tanque roncava à direita, mais ou menos a vinte metros de distância, quase no mesmo alinhamento que eles.

Um pouco atrás mas bem juntos, à esquerda, surgiram mais dois tanques. Um alvo ideal, pensou Danny. À sua frente ele podia ver a linha do horizonte aproximar-se, e viu surgir uma pequena figura segurando uma tabuleta que dizia TRÊS TANQUES SHERMAN. Depressa, e com grande prazer, o soldado soltou três rajadas em rápida sucessão à aproximação dos tanques.

— Responda ao fogo — disse Bobby, que tinha se recuperado. — Não viu que o inimigo abriu fogo? Meu Deus do Céu, você vai me pagar por essa.

O comandante de tanque soltou a mão esquerda, mexeu no interfone para chamar a atenção de Bamza e fez um gesto para ele carregar o canhão. Bamza disse alguma coisa inaudível, provavelmente um palavrão, mas levantou-se, abraçou-se ao amortecedor de recuo e enfiou uma cápsula de festim na culatra. Nesse exato momento, Andelín freou de repente e toda a equipe foi jogada para a frente. Ouviu-se uma explosão forte e o compartimento ficou impregnado de uma fumaça acre. Quando Danny caiu por cima de Zloudek, ouviu alguém dizer pelo interfone: "Andelín, seu merda!"

— Por que cargas-d'água você abriu fogo? — perguntou o comandante de tanque, voltando para o seu lugar.

— Eu não atirei, homem — falou Zloudek. — Eu peguei na porra da alavanca e o negócio explodiu.

A essa altura Kohn interferiu.

— O que aconteceu? Vocês abriram fogo com o tanque parado? Não é possível atingir nenhum alvo assim. Quem deu essa ordem?

Danny tirou o corpo fora.

— Não fui eu! — gritou. Ficou envergonhado logo depois, mas antes que pudesse fazer alguma coisa para consertar a situação teve de ouvir outro sermão estridente de Bobby Kohn.

— Não foi você, hein? Sua equipe é tão democrática que atira na hora que lhe dá na telha? E o que aquele motorista de merda está fazendo sentado lá? Em um combate real vocês todos estariam mortos.

— Andelín, avançar! Vá a toda! — gritou o comandante de tanque pelo interfone, olhando depois em volta. A colina por trás dele estava coalhada de tanques. Alguns saindo dos arbustos, outros já subindo. Um deles estava com o cano para baixo, enfiado em uma vala, com a traseira no ar, e o comandante

tentava sair pela escotilha.

Com outra sacudidela súbita o tanque pulou para a frente de novo, jogando tudo e todos para trás. Foram parar na crista do Velho Roundtop. À frente via-se uma elevação coberta de árvores e sulcos pelo chão, e a distância as casas brancas de Okrouhlice. Desceram a colina a toda a velocidade, passando por tanques à direita e à esquerda. Estavam indo depressa demais.

— Mais devagar, Andelín! — gritou o comandante de tanque pelo interfone.

— Mantenha-se em fila! — gritou Bobby Kohn, como que em eco. — E diga ao atirador para manter seu maldito canhão em movimento, senão ele vai se ver comigo.

— Karel, faça essa merda funcionar. Dê um pouco de alegria a esse cretino — disse Danny.

— Mande esse idiota comer merda — disse Zloudek, mas ficou mexendo nos controles.

— Ordens! — gritou Bobby.

— Mortos do ATC adiante — gritou o comandante do tanque, sem pensar mais em quem estava lá fora. Zloudek gritou alguma coisa também. À direita, Bamza soltou um palavrão, mas como um municiador respondendo à ordem de um atirador. O tanque roncou, estalou, balançou, rinchou, Bobby gritou, o interfone chiou, tudo foi jogado para a frente e para trás, e eles se equilibraram com grande dificuldade. Danny afastou-se do periscópio com medo de quebrar o nariz. De repente o tanque deu uma guinada para a frente, alguma coisa lá dentro estalou, e eles voltaram a descer a colina. Quando passaram por um grande obstáculo, alguma coisa se soltou da torre e caiu no chão, e de repente o tanque começou a andar normalmente de novo. Eles tinham atravessado a Okrouhlice, caído numa vala e saído no meio do campo. Com isso, cruzaram as linhas inimigas e aproximavam-se do ponto de reunião.

— *Gott in Himmel*, este motorista é um imbecil! — disse Bobby Kohn trincando os dentes, agarrado na torre. — Vai ser preso. E isso é jeito de comandar um tanque? O atirador podia ter batido com o canhão no chão. Ele nunca ouviu falar em elevação? Numa batalha real, você seria...

Nesse momento Strevlícek apertou o freio.

— O que foi agora? —perguntou o comandante de tanque. Ouviu-se a voz de Andelín.

— Um foguete verde, meu amigo. Eles vão nos fritar.

Pela seteira Danny viu um jipe, e dentro dele o majorzinho. O motorista usava bandeiras de sinalização para avisar que todos os comandantes subordinados se juntassem ao lado do jipe.

— Vocês ficam onde estão! — gritou Bobby, pulando para o chão.

Danny saiu da torre e sentou-se na escotilha aberta. Bobby contornou o tanque até a escotilha do motorista.

— Em que circo o senhor aprendeu a guiar? — perguntou a Strevlícek, cheio de ódio.

— A segunda não entrou, camarada tenente — explicou Andelín calmamente. — E a embreagem está escorregando.

— Escorregando uma ova. O senhor não sabe guiar.

— Mas a embreagem está escorregando. — Danny sabia, pelo tom de voz do motorista, que a repreensão de Bobby deixara-o irritado.

— Não ponha a culpa na maldita máquina. Um bom motorista sabe guiar qualquer coisa, até mesmo um carrinho de mão.

— Mas não uma geringonça como esta.

— O senhor sabe o que está dizendo? Essas máquinas foram usadas em várias ofensivas soviéticas.

— Dá bem para notar.

A boca de Bobby se escancarou e suas sobrancelhas escuras subiam e desciam. Mas antes que ele pudesse dar uma resposta politicamente correta, um novo foguete soltado pelo jipe voou como uma cusparada verde pelo céu dourado, caindo em cima de um grupo de bétulas na margem de um lago. Kohn olhou em volta e viu alguns oficiais convergindo para o jipe, então falou com sua voz sinistra:

— Vou resolver isso com vocês na presença do comandante. — Depois foi andando, com as pernas tortas, até o grupo de oficiais, dos quais o mais proeminente era o capitão Matka, com o rosto cansado e avermelhado.

— Aquele judeuzinho de merda! — A voz de Strevlícek ecoou pelo tanque em silêncio. — Ele se acha com direito de nos dizer o que fazer, mas não conhece merda nenhuma de tanque.

— E a gente tem que aturar esses filhos da puta — disse Zloudek filosoficamente.

— Ele que vá para o inferno — disse o comandante de tanque. — Ele vive enfurecido porque alguém anda trepando com a mulher dele — explicou Bamza.

— Você está brincando. Quem?

— Um sargento da 106a — disse Strevlícek. — Há uns dias Kohn arrastou a mulher pelada pela rua.

— Meu Deus! — falou Bamza. — Mas ela é bonitinha.

— É, mas é uma puta.

— Que mulher não é? — disse Bamza filosoficamente.

— Bom, a mulher de Kohn é, com certeza — falou o cabo Strevlícek. — Basta olhar para ela.

Eles todos ficaram com os olhos colados no oficial enquanto ele se dirigia para o jipe.

— Rapazes, na festa de Ano Novo ela deu em cima de mim. E eu tive de ficar duro como um poste — disse Strevlícek.



A conclusão do exercício — a conquista de outra colina chamada pico Kuzel — foi deplorável, e o major ficou magoado. Do alto da colina, onde seu jipe estava posicionado, ele tinha uma visão esplêndida da elevação norte-leste do Velho Roundtop. Do sopé do pico Kuzel até o horizonte só se viam tanques. Os primeiros, um tanto desalinhados, subiam a colina. Eles deviam avançar em fila, mas não avançavam. O tanque da frente chegou a cerca de cinquenta metros do Diabo-Anão — tão perto que ele podia ver o reflexo do sol nos óculos do atirador na torre, e a cara avermelhada do motorista, que deixara a escotilha aberta para ter uma visão melhor. (Isso era impróprio em uma simulação de batalha, e estritamente contrário ao regulamento. O major guardou na cabeça o detalhe para usar mais tarde.) Logo abaixo do cume havia um tanque parado que havia deixado uma trilha. Perto dele um pequeno carro blindado encontrava-se atolado em uma inesperada protuberância do terreno, como uma tartaruga com a barriga sobre uma tábua, os membros movendo-se no ar. Era o veículo de comando do capitão Matka. Ele estava do lado, berrando com o pobre motorista, que tentava com todas as suas forças tirar o veículo dali. O capitão se esquecera dos tanques do seu próprio esquadrão; eles infestavam o gramado iluminado, diminuindo de tamanho à medida que se distanciavam. Pelo menos três estavam imóveis no meio daquele cenário, e umas pequenas figuras com capacetes de couro andavam preocupadas à sua volta, enquanto foguetes zuniam pelo campo e bombas de festim estouravam por todo lado. O inimigo (carregando tabuletas) abria fogo com entusiasmo e os tanques revidavam os ataques. Essa parte do exercício foi perfeita.

Então a atenção do Diabo-Anão voltou-se para um tanque que descia rapidamente uma colina até o sopé do pico Kuzel, abrindo fogo com o canhão. Por trás da torre estava um oficial, e quando o tanque aproximou-se, acelerando e desacelerando aos solavancos, o oficial quase caiu. O tanque chegou ao aterro acima da estrada, próximo ao sopé da colina. O major levantou os binóculos para

olhar. O motorista estava com a escotilha aberta, é claro. Agora ia desacelerar e... mas em vez disso aumentou a velocidade e o tanque derrapou para a frente e despencou na estrada com um ruído metálico. O oficial da torre desapareceu. Quando o tanque avançou alguns metros, ele reapareceu nos binóculos do major, agora no chão, tentando se levantar, mas caiu de costas; pelo jeito como mexia a boca o major concluiu que ele gritava.

Àquela altura os primeiros tanques começavam a reunir-se em volta do jipe do major, e os oficiais pulavam no chão e corriam para lá. Outros tanques chegaram, e em dez minutos a formação estava completa. Por último apareceram as três barulhentas carretas automotrizes, cuja equipe estava reunida atrás da blindagem como turistas em um carro de janelas panorâmicas. O capitão Matka subiu a pé, encharcado de suor. Por trás dele um grupo de marcadores com pistolas de festim no bolso vinha conversando em altos brados. Um grupo de enfermeiros levou o infeliz Bobby Kohn em uma maca de lona camuflada. Ele gemia e ao mesmo tempo xingava alguém cujo nome não dava para ouvir. Kohn foi pousado no chão e um enfermeiro debruçou-se sobre ele e puxou-o pela perna. Ele soltou um uivo de dor. Depois de examinar aqui e ali, o enfermeiro declarou que o tenente havia quebrado uma perna. A notícia espalhou-se rapidamente.

— Bem feito para o filho da puta! — disse Strevlícek. — Que pena que ele não quebrou também o rabo quando caiu.



Alinharam os tanques e levantaram todos os canhões na mesma altura.

— Nós comentaremos os exercícios mais tarde, camarada capitão — disse o Diabo-Anão com frieza —, quando voltarmos para o acampamento. Por enquanto, eu gostaria apenas de citar algumas falhas para as equipes. Mande-os entrar em forma.

O capitão Matka estava furioso, especialmente com o destino, que o seduzira com visões do poder ilimitado, sem deixá-lo ver que esse poder só não tinha limites para baixo. Para cima, a estrutura de poder era como o sistema feudal que ele aprendera na escola de política. Ele ficou em posição de sentido em frente à fileira de tanques e gritou como um touro:

— Equipes do batalhão em ordem de tropas, entrem em forma!

Em vez de uma confusão de corpos entrando freneticamente em ordem, de acordo com o regulamento, houve uma lenta e confusa movimentação de homens sujos e cobertos de fuligem. Depois de uns dois minutos de empurrões e cotoveladas, uma coluna incompleta de homens com roupas rasgadas tinha se formado abaixo da fileira de canhões erguidos.

— Vocês parecem estar na fila de um maldito funeral — declarou Matka, para não ser repreendido mais tarde por tolerar relaxamento.

— E nada de conversa durante a apresentação — acrescentou o primeiro-tenente Ruzicka. Matka ordenou uma meia-volta, tocou a borda do quepe e foi caminhando pelo terreno irregular para encontrar o Diabo-Anão. Suas pernas gordas moviam-se rapidamente para a frente e para trás imitando uma marcha, mas a uma certa altura ele tropeçou em um monte de sujeira e perdeu sua pretensa dignidade. Aproximou-se do major, parou, bateu os calcanhares e anunciou que o Sétimo Batalhão Blindado estava perfilado, como ele ordenara. Matka teve permissão de descansar, com plena consciência de que quando voltasse para a base enfrentaria um inferno.

Postou-se atrás do major, cujos olhos exprimiam um prazer sarcástico. O Diabo-Anão manteve-se em silêncio por um instante, depois dirigiu-se às tropas.

— Camaradas!

— Isso vai ser mais divertido que uni chute no saco — sussurrou Bamza, que estava ao lado de Danny.

— O objetivo do exercício de hoje — continuou o major — era testar nossa capacidade de montar um assalto blindado ao sistema de defesa planejado às pressas pelo inimigo. E transformou-se numa terrível farsa! Numa paródia! Numa confusão caótica!

— Ele sabe explicar as coisas de um jeito bem claro — disse baixinho o sargento Vytáhly, formado em ciências.

— E usa bem as palavras difíceis — observou o tenente Krajta, que estava à esquerda de Danny. — Onde nós estaríamos sem nosso corpo de oficiais altamente qualificados?

— O que vocês pensaram em chamar de ataque desse batalhão a um sistema de defesa planejado às pressas pelo inimigo — continuou o major — mais parecia uma caçada ao coelho. Vocês saíram cada um por um lado e entraram em todo tipo de buraco. Um idiota deu a volta em uma colina tão íngreme que achei que ele ia despencar morro abaixo a qualquer momento. Camaradas, vocês puseram a vida de seus camaradas de armas em risco, e mostraram que depois de todo esse tempo no exército não aprenderam absolutamente nada. Onde estava a fila? Onde foi parar a regra de cinquenta metros entre os veículos? Obviamente, dois anos de treinamento não são suficientes. Nós teremos de pensar seriamente,

camaradas, em estender esse período para três anos. Outra coisa: há alguns camaradas entre vocês que já estão conosco há dois anos e meio, e deveriam estar mais bem treinados. Mas este exercício mostrou que nem eles são capazes, como se esperava. Eles não levam o plano de batalha a sério, não levam os exercícios a sério, e não levam a preparação de trincheiras a sério. Mas lembrem-se do que o grande comandante soviético Kutuzov disse: "Mais suor..."

— "... no campo de treinamento, menos sangue no campo de batalha" — completaram todos em coro, num tom sarcástico.

Agora o Diabo-Anão estava furioso.

— Sim, camaradas. Quando a guerra começar, muitos de vocês vão se arrepender. Muitos de vocês, camaradas, exceto um pequeno grupo de soldados conscientes. — Apontou o dedo para o céu. - Normalmente eu não diria isso por causa de uns relapsos. Mas esses relapsos são um perigo, não só para eles próprios mas também para todos os seus camaradas. São um perigo para suas esposas e mães. Abusaram da confiança que os trabalhadores depositaram no nosso exército. Mas não temam, camaradas, nós sabemos como lidar com eles. Nós sabemos muito bem quem são eles. Eles não minarão o que nossos trabalhadores construíram com suas próprias mãos. Não, camaradas...

Sua voz ecoou pelas cabeças dos relapsos, cobertas de capacetes de couro, noventa e dois por cento dos quais — segundo o índice de origem de classe organizado pelo primeiro-tenente Ruzicka e em geral enviado para o alto comando — eram trabalhadores urbanos ou camponeses. Uma rajada de vento passou pelas pernas dos soldados, produzindo o som de várias bandeiras esvoaçantes. Eles não aprenderam nada de novo sobre os erros e imperfeições a serem superados ao longo dos exercícios, mas ouviram as ameaças soturnas, onde a classe operária tornava-se um animal estranho, paranoide, sanguinário, com os olhos aguçados contra o exército, e o exército se tornava impregnado de traição e revolta criadas por aquela mesma classe operária. O Diabo-Anão descreveu as tendências desse animal como se estivesse falando em nome de uma terceira parte neutra.

Quem sabe, pensou o comandante de tanque, *talvez ele seja*. O sol escondeu-se nas nuvens e as quatro fileiras de homens com macacões cobertos de graxa e capacetes de couro mantiveram-se em silêncio em frente aos tanques escuros. Acima deles o vento fazia as nuvens cinzentas correrem no céu de outono, levando a voz furiosa do oficial diminuto e suas previsões sobre uma série incessante de ações sinistras que aquele monstro — o povo — podia ainda perpetrar.

Quando ele terminou, derrotado pelo forte vento que criou uma enorme coluna de poeira nas estradas, o cabo Andelín Strevlícek disse em voz alta:

— Ele tem tanta merda na cabeça que chega a escorrer pelo queixo.

2

Os testes para a Insígnia Fucík

Um dos poucos prazeres do comandante de tanque Smiricky era engraxar suas botinas. Ele se sentava na caixa perto do beliche, e com fortes escovadas polia o couro preto até as botinas ficarem reluzentes. Dentre todas as coisas espalhadas no chão do dormitório do Esquadrão Número Um do Sétimo Batalhão Blindado — camisas com círculos de suor debaixo do braço, suéteres manchadas de óleo, papel engordurado dos embrulhos de gulodices enviadas de casa, toalhas sujas e manchadas de sangue dos barbeadores baratos vendidos na loja do acampamento —, suas botinas eram a coisa mais bonita, um objeto estético ao qual ele se prendia naquele mundo dominado por ordens militares e as tristes perspectivas que lhe eram oferecidas. Em comparação com as outras coisas permitidas durante o período de atividade cultural de massa (um monótono passeio noturno pela base do acampamento, escrever a milésima carta para Lizetka ou dormir durante um filme soviético no cinema da base), engraxar as botinas correspondia à prática Togue de contemplar o próprio umbigo para acalmar os pensamentos.

A atitude de Danny não era típica do Sétimo Batalhão Blindado. A maioria dos homens do primeiro esquadrão, agora sentados sobre suas malas ou nas camas, achava que engraxar botinas era coisa para novatos. Suas botinas ficavam jogadas debaixo das camas e nos corredores, cheias de lama e poeira das manobras da manhã.

O esquadrão passara a tarde limpando e consertando os tanques. Agora eles descansavam em um dormitório apertado como um submarino, com vinte e cinco beliches e colchões de palha empelotados, tentando matar o tempo. O motorista Strevlícek estava na porta falando com o sargento Ocko a respeito da superioridade da motocicleta alemã BMW sobre a Jawa tchecoslovaca. No Terceiro Batalhão Blindado, quatro soldados tinham ido à corte marcial por elogiarem a tecnologia do inimigo, minando a prontidão para o combate. Mas o

último informante do Sétimo Batalhão, ou pelo menos o último que seus membros conheciam — um certo Otakar Hrouda —, se tornara inofensivo depois de uma perseguição, e acabou pulando de uma janela do segundo andar de um prédio. O Dr. Sadar, médico do treinamento básico, disse que Hrouda tinha um sério desequilíbrio mental e que fora mandado para um hospital militar em Praga. Em uma das camas adiante o soldado Bamza lia um livro ensebado, e no beliche do sargento Zloudek os soldados mostravam fotos de mulheres, algumas quase nuas. Vários homens estavam dormindo nos beliches. O único de todo o batalhão que fazia alguma coisa próxima de uma atividade cultural de massa era o soldado Mengele, cantando com seu bandolim de três cordas, rodeado por um grupo de soldados que gostavam de ouvir música. Sua canção sentimental tomou conta do dormitório todo:

Na noite passada eu me masturbei
Duas vezes, foi muito bom...

O oficial político do esquadrão, sargento Mácha, estava sentado numa mala, de costas para o grupo musical, mordendo a língua e escrevendo uma carta para sua esposa, Majka. Eram sete e quinze, e o plano para a atividade cultural de massa daquela noite (o sargento tinha preparado o plano sozinho e era responsável por sua execução) dizia: *1900 — 2100: Ensaio de canto, torneio de xadrez, reunião de preparo para o teste*. Nesse meio tempo o sargento Mácha escrevia: ... *eu estou cortando os últimos cinquenta centímetros da minha fita métrica. Vou voltar para casa mais cedo do que você pensa para ficar com você e Marenka, e deixarei para trás só belas lembranças do exército*. Depois ele sublinhou a palavra "belas". Suas lembranças não podiam ser escritas em detalhe, pois incluíam a filha do gerente do Jan Zizka Inn, localizado no vilarejo vizinho de Okrouhlice, uma linda moça de cabelos pretos.

Nos fundos do dormitório alguém gritou "Gin!", e ouviu-se um tapa seco. Era um torneio, tudo bem, mas não tinha nada a ver com xadrez. A voz do soldado Mengele elevou-se numa expressão lirica de protesto:

Primeiro você mexe para cima e para baixo, para cima e para baixo,
Depois tenta mexer mais rápido para ter a sensação...

Sentado no último beliche, em um canto, o sargento Krajta trabalhava no terceiro capítulo do seu livro, que se chamaria *O folclore do exército da Tchecoslováquia*.

Ele escrevera o livro com base na psicologia junguiana ortodoxa, e não

pretendia publicá-lo.



Às oito e quinze a porta do dormitório foi aberta e o sargento Feurbach entrou. Ele estava com uma pistola na cintura e uma faixa vermelha na manga, o que indicava que estava de plantão. Inclinou-se para a frente a fim de ver sobre o beliche, e fez um sinal para o comandante de tanque Smiricky.

— Ei, homem, Ruzicka quer falar com você.

— Que merda ele quer comigo?

— Não tenho ideia. Ele só disse para você ir logo para lá.

— Ele que se foda — falou o comandante de tanque, colocando sua escova no chão e calçando as botinas. Ajeitou a bainha das calças com cuidado por cima das botinas, pegou a jaqueta de cima da cama e vestiu-a, apertou o cinto, colocou o quepe na cabeça e olhou mais uma vez para as botinas. Elas brilhavam. Satisfeito, saiu do dormitório, ainda ouvindo o canto do soldado Mengele e de todo o seu grupo:

Bata, aperte, amasse no chão,
Esprema, brinque e enfie na porta...

A solidão profunda sugerida por aqueles versos deixou-o comovido, como sempre. Há dois anos ele não conseguia esquecer o terrível desespero que sentiu num dia em novembro, há muito tempo, quando olhou para uma parede onde um cínico tinha escrito as palavras Faltam 730, e ouviu outro coro de soldados cantando comovedoramente essa mesma canção.

A verdadeira alma popular — ao contrário do espírito puramente intelectual — não é dada a sentimentalismos, pois vê o mundo e seus tormentos com um senso de vingança.

Quando o comandante de tanque fechou a porta, as vozes continuaram a cantar alto, e a música chegava ao final.

Mas para ter perfeição pessoal
eu prefiro a mão humana!



O comandante de tanque saiu das barracas e foi envolvido pelo forte cheiro de castanhas maduras no ar da noite. Passou pelas janelas iluminadas do escritório cio staff e chegou na porta da sede do batalhão. Uma sentinela estava sentada ao lado da porta, com o nariz enfiado num romance barato do século XIX chamado *Encontro sangrento, ou Os contrabandistas de Dark Glen*. O livro era dos tempos do Império Austro-Húngaro, quando a base do exército fora construída. O soldado estava tão absorto na leitura que não notou a chegada do comandante de tanque, nem tampouco o seu assistente que estava por trás de uma janela no salão brilhante, encostado num balcão, lendo um folheto que certamente não provinha da imprensa militar, estrategicamente escondido dentro de um exemplar aberto de Regras e regulamentos que governam o comportamento de guardas e oficiais de plantão.

Danny atravessou o escritório do chefe técnico, onde vários soldados comandados pelo malcriado primeiro-tenente Kámen conversavam sobre assuntos extramilitares, e foi para a sala de datilografia. O soldado de primeira classe Dr. Mlejnek estava ali, batendo furiosamente à máquina. Parecia muito aborrecido. Um quarto de hora antes fora chamado por ordem do capitão Matka, e agora, em vez de ler o manuscrito do livro do sargento Krajta sobre o folclore do soldado tchecoslovaco, ele tinha de montar uma obra de ficção chamada *Relato do comandante sobre o exercício de campo onde um batalhão blindado monta um ataque contra um sistema de defesa planejado às pressas pelo inimigo*, embora, como datilógrafo do staff, ele não tivesse tomado parte desse evento. Parecia tão desesperado quanto o sargento Kanec, sentado na mesa seguinte desenhando as etapas do ataque do batalhão em um mapa a ser usado pelo capitão Matka dois dias depois, durante os exercícios do staff.

Com uma olhada experiente o comandante de tanque viu que aqueles dois soldados superqualificados teriam trabalho para pelo menos umas quatro horas depois que apagassem a luz.

— Danny, venha nos dar uma mão aqui — implorou o Dr. Mlejnek.

— Não posso. Ruzicka quer falar alguma coisa comigo.

Girou a maçaneta e abriu a porta do departamento político, entrou, bateu os calcanhares e recitou o de sempre: "Camarada primeiro-tenente, comandante de

tanque, sargento-mor Smiricky, apresentando-se a seu pedido, senhor."

Os dois oficiais políticos do batalhão pareciam absortos em seu trabalho. Hospodin datilografava alguma coisa com dois dedos. Olhando por cima do ombro dele, o comandante de tanque leu o título do trabalho — RELATR SOBR PSIVTIVO VETTINH — e abaixo, em letras minúsculas, *on Sorg. Amt. Paveza*.

Hospodin não tirou os olhos do teclado, mas olhou ao lado para uma folha de papel cheia de correções, um rascunho do laudo que ele tentava passar a limpo. Ruzicka olhou para o comandante de tanque com seus lindos olhos e apagou sua ponta de cigarro no cinzeiro. Ele tinha um ar inteligente, mas era pura ilusão. Pegou um lápis bem apontado (usava um enorme anel em um dos dedos) e começou a bater com a ponta em um papel mimeografado que estava à sua frente.

— Smiricky — disse, com um ar sarcástico —, você é o representante cultural do batalhão da União dos Jovens Tchecoslovacos, não é?

— Sou, camarada primeiro-tenente.

— Então vou ler o que acabei de receber da sede da divisão. — Começou a ler a folha mimeografada. — "Os grupos da unidade e seu representante cultural garantem plena cooperação no cumprimento dos compromissos assumidos em maio de 1951, no Dia do Exército, a fim de serem agraciados com a insígnia Fucík caso passem nos testes necessários. Os testes para a insígnia Fucík serão feitos em todas as unidades ao mesmo tempo, entre 9 e 16 de setembro."

A essa altura o tenente Ruzicka parou, levantou os olhos e fitou o comandante de tanque; a semana em questão já estava terminando. Então ele continuou. — "Os grupos da unidade da União dos Jovens Tchecoslovacos e os oficiais ligados à cultura, juntamente com os organizadores do Partido, agitadores e trabalhadores políticos, fornecerão..." — mas Danny não ouvia mais nada, pois lia de esguelha um texto muito mais interessante, o laudo de avaliação positiva que Hospodin estava preparando sobre o sargento Antonín Paveza.

O camarada Paveia é de origem operária, com nível político padrão. Ele é consciente e leal ao sistema democrático popular. Tem boa índole e é querido por seus companheiros.

Desempenha bem suas funções militares e civis. É às vezes arrogante e fala um palavreado grosseiro, mas embora não seja um com...

Hospodin tinha parado nesse ponto. Mas como Ruzicka ainda estava lendo sua carta com um fervor quase religioso, o comandante de tanque manteve os olhos no teclado da máquina de escrever em que Hospodin continuava a bater com hesitação.

— "E os representantes culturais são pessoalmente responsáveis pelo evento" — lia o tenente Ruzicka com firmeza. O comandante de tanque olhou para ele e

fez um sinal com a cabeça, demonstrando atenção. Então o primeiro-tenente voltou a ler as ordens, enquanto Danny observava de esguelha a continuação do texto de Hospodin. Depois de muito esforço, Hospodin encostou o corpo para trás e leu satisfeito o que tinha acabado de escrever: *mas embora ele não seja um oficial comunista, dá conselhos para os outros*. Danny não tinha certeza se esta seria uma característica positiva ou negativa.

Mas ele não tinha tempo para pensar. O tenente Ruzicka levantou a voz e olhou para ele.

— "Um laudo será apresentado pelos oficiais ligados à cultura até o dia 17 de setembro", amanhã, "ao comandante das unidades superiores. Assinado: Oficial Comandante do Clube Cultural, major Kudrnac."

Ruzicka olhou para seu subalterno.

— Você tem de preparar o teste até amanhã, Smiricky — disse ele. — Como vai indo a história da insígnia Fucík? Está tudo progredindo conforme os planos?

O comandante de tanque deu de ombros.

— Nós não temos livros, camarada primeiro-tenente. Os camaradas querem participar, mas nós não temos quase nada a respeito da insígnia Fucík na biblioteca da nossa unidade.

— Eu sei que há dificuldades — admitiu Ruzicka —, mas isso não é desculpa. Você terá de contornar isso, como os camaradas do Komsomol fizeram. Não só eles não tinham livros — falou, dando um tom dramático às suas palavras —, como em geral não tinham quase nada para comer. Mesmo assim eles cumpriram seus compromissos. Quantos camaradas seus estão preparados para fazer o teste Fucík?

— Uns dez — disse Danny. Baseou essa suposição no número de homens do seu esquadrão que estavam preparados para qualquer coisa, ou que não ligavam para nada.

— Isso não basta, Smiricky — objetou Ruzicka. — Você tinha falado em trinta por cento, o que é no mínimo uns quinze homens. É claro que você sabe que o ônus será seu, não é?

Por que este idiota vem com essa de ônus pessoal?, pensou Danny. Ruzicka era quem tinha assumido o compromisso, e simplesmente entregara o papel para o comandante de tanque assinar "em nome do grupo". Então, por que ele estava se preocupando? O exame seria realizado diante de uma comissão formada por aqueles que já tinham recebido a insígnia Fucík, isto é, o representante cultural (ele próprio), o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek e o sargento Kanec. *O compromisso será cumprido 120 por cento, como tudo sempre é, talvez até 130 por cento, se Matka ficar com a insígnia especial. Isso é óbvio para nós dois*. Danny praguejou em pensamento, mas disse em voz alta:

— Eu sei, camarada primeiro-tenente. Mas já falei várias vezes que nós não temos livros, e nem os camaradas nem eu mesmo temos tempo para procurar livros. O senhor prometeu encarregar-se disso.

— Eu sei, mas coisas mais importantes exigiram a minha atenção. E os Komsomols, vou dizer de novo, camarada comandante de tanque, também não tinham livros mas passaram no exame Fucík, ou melhor, fizeram o que se esperava deles. Você incluiu os oficiais nos testes? Os grupos da unidade e do esquadrão estão trabalhando bem? Estão ajudando? E a banca examinadora, quantos deles já receberam a insígnia Fucík? Você sabe que todos eles precisam ter essa insígnia, não é?

A voz de Ruzicka crescia no final da cada pergunta, em sinal de censura. E é claro que ele tinha razão. Lavava as mãos com relação àquele problema. Ele sabia muito bem que a banca examinadora sequer tinha se reunido. E por que iria se reunir?

— Essa é a minha preocupação, camarada primeiro-tenente — disse Danny. — Todos aqui vão conseguir suas insígnias.

— Mas você não está fazendo as coisas da forma certa, Smiricky. — Ainda havia um tom de censura na voz de Ruzicka, mas agora um pouco mais cordial, em resposta à forma confiante de Danny. — Fazer tudo às pressas não é uma boa forma de ganhar tempo. — Com a diminuição de suas preocupações, sua vontade de discursar aumentou. Ele começou a achar que tinha feito o possível, e que a responsabilidade agora era apenas do comandante de tanque. — É essa a forma correta de entender a missão e o objetivo da insígnia Fucík? O que você acha?

O comandante de tanque assumiu um tom confidencial.

— O senhor sabe como é, camarada primeiro-tenente. O que se pode esperar de uns sujeitos que estão servindo seis meses a mais no exército?

— Isso não é verdade, camarada comandante de tanque — disse o oficial sacudindo as mãos. — Veja o belo papel que esses mesmos camaradas fizeram na competição de metralhadora, atirando de um tanque em movimento em um alvo fixo. Eles se saíram muito bem. Por que não podem fazer o mesmo com a insígnia Fucík?

Danny sabia que a verdadeira razão daqueles lendários resultados devia-se à habilidade do mestre do alvo, o sargento Kobliha, que simplesmente conseguira melhores resultados perfurando o alvo com um estilete. Mas ele deu uma explicação diferente.

— Mas isso não é a mesma coisa, camarada tenente. A recompensa por um bom desempenho no exercício de tiro ao alvo foi uma licença de cinco dias.

— E é precisamente seu trabalho, como representante da cultura, motivar os

camaradas, mostrar a eles que licenças não são o verdadeiro motivo para um bom desempenho. — Ele falou com firmeza, sublinhando com um floreado profissional a linha do papel mimeografado que dizia cumprir o compromisso passando no teste. Batendo com a ponta do lápis em cada palavra sublinhada, acrescentou: — É errado tentar passar nesse teste deixando os estudos para a última hora. Tente estudar com eles no intervalo do meio-dia, amanhã. À noite você terá de fazer o teste com os oficiais e suas esposas.

Danny ficou assombrado.

— Para a insígnia Fucík?

— É — respondeu Ruzicka. — Aqui está a lista. — Abriu uma gaveta à procura do papel. Por cima do ombro dele Danny conseguiu ver a última frase do laudo positivo de avaliação: *O camarada Paveza é um camarada competente. Tem capacidade para assumir um posto na União dos Jovens em seu distrito local*. — Aí está. Você vai testar o pessoal amanhã às duas horas. Aqui.

Passou uma lista para o comandante de tanque. Ao olhar a lista, Danny logo viu alguns nomes familiares, um deles de mulher. Jana Pinkasová. Foi o suficiente para deixá-lo mais animado.

— Sim, camarada — disse, com mal disfarçado deleite. — Camarada primeiro-tenente, peço permissão para me retirar.

A permissão foi concedida sem qualquer objeção.



Lá fora já estava escuro. Uma brisa suave agitava as folhas de um castanheiro no parque do outro lado do departamento político, ouvia-se o distante barulho dos tanques saindo para as manobras noturnas, e no rancho dos oficiais um rádio tocava jazz. O ar da noite estava quente, irradiando a extraordinária beleza do verão, embora já fosse setembro. A sentinela tinha deixado de lado seu romance de violência e estava sentada nos degraus com as mãos nos bolsos, olhando a lua com um jeito ausente. A lua atravessava as copas das árvores, e pequenos raios vermelhos e verdes moviam-se por entre as nuvens. Em algum lugar lá em cima o ronco de um jato interrompeu por um instante o silêncio da escuridão. A filha do coronel Vrána caminhava entre as árvores, seu vestido branco de verão balançando-se sedutoramente à brisa noturna; o comandante de tanque seguiu-a durante um longo tempo com olhos

ávidos. Até o assistente do saguão tirou os olhos da porcaria que estava lendo às escondidas por trás do livro de regulamentos, e deu um beijo sonoro no ar. A filha do coronel estava acostumada a esse tipo de atenção e nem olhou para trás.

Sua saia branca sumiu na escuridão, o zumbido do jato desapareceu, e as árvores voltaram ao seu murmúrio. Diante de tanta beleza, tudo o mais parecia sem importância.



Mas o mestre do destino, aborrecido com o progresso irregular da vida no Sétimo Batalhão Blindado, preparou uma surpresa desagradável para o dia seguinte. Seis novos tenentes recém-formados pela escola de divisão blindada apresentaram-se ao oficial no comando, ainda cheios de entusiasmo, tão brilhantes quanto as insígnias nas suas fardas. Àquela altura seus antecessores andavam por ali como zumbis, as botinas sujas, as insígnias azinhavradas, entre a loja do acampamento e o rancho dos oficiais, sonhando com a mulher de Bobby Kohn, que tomava banho de sol nua na mata e podia ser vista com a ajuda de binóculos da torre de observação do campo de instrução. Em vez de se preocuparem com suas obrigações, ficavam pensando em dar um jeito de sair da base no domingo. Mas os seis novos mosqueteiros prontamente perguntaram o que havia para fazer. Cinco tiveram satisfação imediata, e durante as doze horas seguintes — isto é, até bem depois de apagadas as luzes — ficaram debruçados sobre mapas táticos, fazendo cuidadosos esboços de simulações de batalha. O sexto e último oficial procurou em vão um mapa para ele, e durante essa procura infelizmente cruzou com o bilhete do comandante de tanque Smiricky em um quadro de avisos:

> *O teste para os candidatos à insígnia Fucík terá lugar no Departamento Político, hoje à 1h30.*

Mostrando sua própria insígnia Fucík recém-conquistada, o oficial imediatamente ofereceu seus serviços ao tenente Ruzicka. O encantado ex-garçom (na vida civil) aceitou a oferta e, exercendo sua autoridade — e também sua percepção —, nomeou o rapaz presidente da banca examinadora, um posto para o qual nenhum oficial do Sétimo Batalhão Blindado era qualificado.

Assim, o comandante de tanque Smiricky foi destituído de seu posto. A destituição não o incomodou, mas o novo presidente da banca examinadora criou muitos problemas.

Ele achou que teria muito sucesso na tarefa de atrair os recrutas mais relutantes para a conquista da insígnia de prata (que parecia muito uma condecoração por bravura). Afinal de contas, a constituição da banca examinadora original era uma garantia absoluta de fraude. Um dos elementos, o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek, era conhecido como o último recurso para obtenção de passes, pois tinha acesso aos selos necessários e sabia imitar as assinaturas de todos os oficiais em comando. Havia também o sargento Kanec, contador da cantina que conseguia artigos de luxo das lojas para as festas de sábado à noite promovidas pelos que não conseguiam os passes falsificados do dr. Mlejnek. Isso sem contar que Danny estaria sempre acobertando as fraudes. Mas depois do almoço, quando se começou a dizer que o tenente Prouza, um novato da escola de treinamento blindado, tinha caído de paraquedas na presidência da banca examinadora, um grupo de soldados que Danny quase persuadira a tomar parte no ritual o cercou, protestando ardentemente.

— No que me diz respeito, eles que se fodam.

— Estão todos malucos? Ninguém aqui leu porra nenhuma disso.

— Eles que enfiem a insígnia Fucík no cu.

Assim, de todos os candidatos que deveriam comparecer para a marcha de mil e trezentos metros pelo departamento político sob a liderança do comandante de tanque Smiricky, só um soldado no primeiro ano de serviço militar apareceu. Seu nome era Pravomil Poslusny, e ele tremia de aflição porque, embora tivesse lido todos os outros livros da lista, não tinha lido Lenin, Stalin e Kalinin falando aos jovens, e sentia-se pouco preparado. Os demais potenciais candidatos ficaram nas barracas protestando, preparando-se para o descanso da tarde.

Danny ordenou que Poslusny revisse o material em silêncio, e foi até o departamento político. O primeiro-tenente Ruzicka estava lívido.

— Como é possível uma coisa dessas? É isso que você chama cumprir um compromisso? Por que eles não se apresentaram?

— Eles têm medo de que o camarada tenente Prouza seja rígido demais no exame — disse o comandante de tanque, virando a cabeça para o novato almofadinha e esperando que Ruzicka entendesse a situação.

Mas antes que o oficial dissesse alguma coisa o tenente Prouza interveio. Falou no tom caloroso e cordial que alguns oficiais-cadetes, pelo menos os mais ingênuos, aprendiam na escola de treinamento.

— Têm medo? — perguntou atônito. — Pode dizer aos seus camaradas, camarada comandante de tanque, que nós vamos discutir o assunto com

camaradagem. Que o principal objetivo é nos satisfazer, não por terem realmente lido tudo, mas por conseguirem assimilar, por assim dizer, tudo o que leram nos livros, o que lhes será muito útil em todo o seu trabalho futuro.

Com isso o comandante de tanque viu sua última esperança de evitar uma catástrofe naufragar.

— Eu já disse tudo isso, mas eles continuam com medo.

— Mas eles assumiram um compromisso — disse Ruzicka —, e precisam saber que é a obrigação deles como membros da União dos Jovens.

— Vá dizer aos seus camaradas o que eu falei, comandante de tanque — disse o tenente Prouza. — Nossa intenção é simplesmente explicar e esclarecer problemas uns aos outros numa discussão entre camaradas. Se alguma coisa não ficar clara para um camarada nós explicamos para ele, que, por sua vez, poderá nos falar de outros problemas. É assim que fazemos as coisas no Exército do Povo, e isso nos ajuda a eliminar barreiras no nosso futuro trabalho.

Danny olhou para o tenente como se estivesse vendo uma criatura do outro mundo.

— Foi isso que eu disse a eles, mas não adiantou nada.

O comandante de tanque não sabia que, naquele exato momento, ecoava na cabeça do jovem tenente a voz do instrutor de prontidão moral e política da escola, o major Kondrác. *Nós temos boas pessoas, mas não sabemos como persuadi-las da verdade. Não descobrimos uma forma de estimular o interesse delas*. Siderado por esse grande pensamento, o tenente empertigou-se energicamente, ajeitou a farda na frente e atrás, alisou as rugas dos quadris e disse:

— Neste caso, comandante de tanque, eu vou até lá com você.

— Por favor, vá mesmo, camarada tenente — disse Ruzicka, virando-se para o comandante de tanque. — Como está vendo, Smiricky, o senhor e a banca examinadora assumiram um compromisso, mas não conseguiram torná-lo uma realidade concreta. Quando isso acontece, seu trabalho fica alienado dos camaradas. O senhor pode estar atendendo ao seu compromisso, e cumprindo sua obrigação, mas de que servem esse compromisso e essa obrigação se não os executa entre seus camaradas?

Danny não disse nada. Nesse meio tempo o tenente Prouza tinha terminado de ajeitar a farda, ficou em posição de sentido e disse:

— Camarada primeiro-tenente, peço permissão para me retirar.

O tenente Ruzicka, lembrando-se do seu tempo de garçom, abriu a porta para eles e murmurou distraidamente:

— Por aqui, por favor.



Mas o tenente Prouza, imbuído da grande missão a cumprir, mal ouviu. Com um ar rígido, mas seguindo o regulamento, deu meia-volta e saiu da sala, seguido pelo comandante de tanque. Marchou entusiasmado pelas castanheiras, respondendo a cada uma das continências batidas pelos soldados do segundo ano de serviço militar que tomavam sol do lado de fora das barracas; seu braço subia e descia como um boneco de mola. Nas barracas do Sétimo Batalhão Blindado ele girou a maçaneta com energia e empurrou a porta tão abruptamente que bateu no nariz de um sargento míope que estudava os horários de limpeza afixados na face interna da porta.

— Seu filho da puta, não dá para ver onde está passando? — gritou o sargento, mas, quando ergueu os olhos e viu aquele tenente desconhecido na porta, saiu correndo entre os beliches e pulou por uma janela aberta. O tenente deu vários passos no dormitório. Quatro ou cinco sujeitos olharam para ver quem era, depois afastaram-se como se não o tivessem notado.

O tenente sabia que teria de mostrar paciência e compreensão para com os soldados comuns; ele não era um oficial em comando, mas uni conselheiro, e ficou tentado a desprezar essa falta de observação às obrigações. E mais uma vez lembrou-se das palavras do major Kondrác: *A disciplina começa com um botão faltando na farda. Você tem de ser enérgico e coerente e exigir que os soldados cumpram suas mínimas obrigações. Isso, camarada, é precisamente o que vai fazer com que os soldados comecem a respeitá-lo.*

O que o infeliz tenente não sabia era que o conselho do major baseava-se apenas nos livros que, por sua vez, baseavam-se em um espírito otimista. Sua resposta, portanto, não era guiada pelo bom senso e sim por uma ciência pedagógica militar não empírica. Ele andou em silêncio pelo estreito corredor entre as duas fileiras de beliches até o outro extremo do dormitório. E voltaram-lhe as palavras do major. A cada gesto seu, a cada ação sua, os soldados devem reconhecer que você é um camarada e comandante deles. Então ele se virou e voltou, ainda em profundo silêncio, começando a perceber que não seria fácil desempenhar aquelas duas funções ao mesmo tempo. Começou a transpirar. Olhou para o comandante de tanque, que nada fazia para ajudá-lo. O oficial convocado é o assistente mais próximo do oficial em comando, dizia o major

Kondrác. Então, por que o comandante de tanque não o apoiava? O tenente foi para a porta, muito sem jeito e encabulado, e parou na frente de um soldado sentado sobre uma mala, fingindo estar absorto com o trabalho de remendar um buraco na sua túnica de cabo. O tenente resolveu agir.

— O senhor, camarada cabo — disse, com uma voz confusa e insegura.

O soldado olhou para o alto, com a cara avermelhada. Colocou a túnica em cima da mala e levantou-se lentamente. O tempo dessas ações não atendia ao regulamento. Com um sotaque polonês, ele respondeu:

— Cabo Strevlícek.

— Camarada cabo — disse Prouza, com o máximo de severidade que conseguiu. — O senhor não sabe qual é a obrigação de um soldado ou oficial convocado quando um oficial entra no recinto?

O cabo deu um sorriso estranho, quase insolente.

— É claro que eu sei.

— Então por que não seguiu o regulamento? Como é possível uma coisa dessas?

— Eu não vi o senhor — disse o cabo, com a maior naturalidade. Seguiu-se um silêncio por todo o dormitório.

— Como é possível uma coisa dessas? — repetiu o tenente mecanicamente. Será que seu tom não tinha autoridade e camaradagem suficientes?

— Eu estava pregando um botão — explicou o cabo.

— Não minta para mim! — explodiu Prouza, mas logo depois se conteve. Aquele tom não era nada camarada. —Não tente dizer que... — começou a frase mas parou de novo. — Qual deve ser sua atitude quando fala comigo? — Esse tom não era definitivamente camarada.

O cabo olhou para suas botinas sujas, parecendo examinar cada uma em separado, e respondeu:

— Posição de sentido, certo?

— E o senhor chama isso de posição de sentido?

— Minhas pernas são tortas, camarada tenente — disse o cabo.

Para não deixar que a situação se tornasse ridícula, o tenente, dessa vez sem se esforçar para falar como comandante e também como camarada, disse:

— Qual é a responsabilidade do soldado quando um oficial entra no seu dormitório?

— Ele tem de chamar a atenção de todos.

— Então faça isso! — Foi uma forma brilhante de sair do impasse, e o tenente ia dar um suspiro de alívio quando, vindo de algum lugar do fundo do dormitório, ouviu-se uma voz rouca.

— Nós estamos no horário do descanso da tarde.

A primeira reação de Prouza foi saber quem tinha falado. Afinal de contas, era uma quebra do regulamento falar sem permissão na presença de um oficial. Mas ele não teve coragem, então olhou para o relógio, corou e falou na direção da voz:

— Agora são cinco para a uma, e o período de descanso só começa à uma hora.

Depois virou-se para o cabo, ainda em posição de sentido, em mangas de camisa, e disse com energia:

— Obedeça à ordem, camarada cabo.

Se é isso que ele quer, vai ter, pensou Strevlícek, e, tentando ser o famoso bom soldado, obedeceu à ordem com exagerado zelo.

Com uma voz de leão ferido e um sotaque grotesco, gritou:

— Todos aqui PRE-SEN-TES, SENTIDO!

or todo o dormitório os homens em mangas de camisa levantaram-se. Quase todos estavam de cuecas samba-canção e um deles, o cabo Vomakal, recém-chegado das matas de Sumava, ao sul da Boêmia, vestia ceroulas imundas. O infeliz tenente teve vontade de fazer um belo sermão para todos aqueles soldados sujos, repreender o cabo de pernas tortas diante do oficial em comando e cancelar todas as licenças. Mas a ilusão pedagógica na qual ele fora formado confundiu-o de novo.

— Camaradas — disse —, não pensem que eu quero que vocês façam malabarismos ou que eu vou lhes "dar um carão", como vocês dizem. — O uso ocasional de gíria militar tem um impacto positivo sobre os homens; faz com que eles se lembrem de que todos vivem juntos na mesma coletividade, por assim dizer. — Mas a disciplina deve ser mantida e as obrigações cumpridas. Eu também tenho de cumprir minha obrigação, e se vocês cumprirem a sua nós nos daremos muito bem. Não é mesmo, camarada sargento? — e se virou para o sargento Kostelník, pois o major Kondrác dizia que, *sempre que possível, devem-se fazer perguntas detalhadas em separado para cada camarada para uma melhor comunicação com a coletividade*.

— Certo — resmungou o sargento.

Aquela resposta pouco militar fez o tenente hesitar, mas ele continuou num tom paternal.

— E talvez vocês se perguntem por que eu estou aqui, não é, camaradas? — Fez uma pausa e olhou em volta. — Vim até aqui perguntar como vão indo os preparativos do seu esquadrão para os exames da insígnia Fucík. Qual seria sua resposta, camarada cabo?

Dessa vez ele dirigiu a pergunta a Fristensky, um motorista apelidado de Mão-de-Chumbo porque tinha conseguido quebrar duas vezes a embreagem e a

alavanca de mudança do seu T-34. Ele respondeu quase latindo.

— Cabo Fristensky.

— Camarada cabo, sua tropa está cumprindo seus compromissos para com a insígnia Fucík?

— Bom, estamos sim.

— Estão mesmo?

— Estamos.

— Então por que ninguém quer o teste?

Fristensky deu uma risada e sacudiu os ombros, e até mesmo o tenente podia ver que não conseguiria arrancar outra resposta dele.

— O que o senhor diz, camarada sargento-mor? — perguntou, virando-se para Soudek.

Ele deu a resposta regulamentar.

— Sargento-mor Soudek.

— O senhor leu todos os livros exigidos?

— Não todos.

— Quais o senhor não leu?

— Bom, aquele sobre... — respondeu, franzindo a sobrancelha. A lista de livros que ele não lera era longa, mas nem mesmo ele sabia quais eram. — Aquele sobre... como era mesmo o nome? A uma grande distância da cidade de Moscou...

— *Longe de Moscou*? — Esse mesmo. — E o resto todo o senhor leu, não é?

Soudek engoliu em seco e confirmou.

— Está vendo, camarada sargento-mor? Esse livro nem é de leitura obrigatória. É opcional. Então, certamente o seu medo de fazer o teste é exagerado. — Olhou em volta e viu aqueles rostos petrificados. — Então, o que vocês acham, camaradas? Podem fazer o teste?

Nenhum músculo se moveu no rosto deles e, sentindo-se derrotado, o tenente Prouza virou-se para um soldado com uma expressão menos rígida que a dos outros. Dessa vez ele teve sorte, pois escolheu por acaso Pravomil Poslusny, o soldado puxa-saco que tinha lido tudo da lista menos Lenin, Stalin e Kalinin falando aos jovens.

— E o senhor, camarada soldado, pode fazer o teste?

— Posso, camarada tenente— respondeu o soldado Poslusny, com uma voz respeitosa que Prouza achou ser um sinal de boa vontade.

— E os outros também vão fazer o exame? — perguntou ao grupo todo.

Ninguém respondeu.

— Vamos, camaradas, vamos! — disse ele em tom hipnótico. — Vocês verão com seus próprios olhos que podem fazer. Como dizia Suvorov, camaradas... —

mas interrompeu a frase, pois lembrou-se que Suvorov não dissera nada sobre a insígnia Fucík. Mas o major Kondrác continuava nos seus ouvidos. — "... e repito para vocês que é só uma questão de mostrar o que aprenderam com a experiência do grande Julius Fucík. E vocês podem fazer isso. Tenho certeza de que podem. Sei que podem." — Camarada comandante de tanque — disse, virando-se para Danny —, em dez minutos mande os candidatos entrarem em forma e marche com eles para o departamento político, entendeu?

— Sim, camarada tenente — disse o comandante de tanque, sem a menor fé na sua capacidade de cumprir aquela ordem.

— Então eu vejo vocês daqui a um quarto de hora, camaradas. — Virando as costas para o grupo de cinquenta camaradas, o tenente marchou porta afora.



Dez minutos depois, o único soldado no corredor completamente vestido era o soldado Poslusny, tremendo de medo. O comandante de tanque ordenou de novo que ele fizesse uma revisão mental do material, e saiu resmungando.

— Aquele filho da puta intrometido — falou, a caminho da sede do batalhão. Ele não estava inteiramente indiferente aos resultados; achava que se não conseguisse juntar os candidatos, seria afastado da banca examinadora que iria fazer o teste com as esposas dos oficiais naquela noite.

Ao virar a esquina deu de cara com um dos convocados da reserva, o sargento Semancák, conhecido por quase todos como "Dinheiro", devido ao seu apetite insaciável por dinheiro, tempo livre, diversão, indolência e por todas as insígnias honorárias e condecorações que tornassem mais acessível o tempo livre, a diversão e a indolência.

Sem realmente saber por que (talvez por ceticismo ou um senso de humor negro), Danny o chamou.

— Ei, camarada sargento! Venha fazer o exame conosco para a insígnia Fucík.

— Hein? Quando? — perguntou Dinheiro alegremente.

— Agora. No departamento político, dentro de quinze minutos.

— Mas eu, eu não li nenhum dos livros — disse o sargento, ainda muito animado. Ele falava eslovaco, mas depois de longo tempo de convivência com os tchecos sua língua materna transformou-se num exemplo vivo de uma

linguagem oficialmente irreconhecível — o tchecoslovaco.

— Não tem erro. Eu vou estar na banca examinadora.

— Muito bem, nesse caso... — disse o sargento convocado. — Mas você precisa me dizer o que eu vou ter de falar.

— Não se preocupe. Então você vem?

— É claro. Mas não se esqueça de me ajudar. Eu não tenho nada na cabeça. — E foi andando para a cozinha.

Eles não podem dizer que eu não fiz nada para cumprir esses compromissos, pensou Danny. *Até convenci um convocado profissional a participar de uma sessão de conscientização. Mas isso não vai me ajudar muito. Vai ser um desastre*.

Danny caminhou para a sede do batalhão e bateu na porta do departamento político. Do outro lado ouviu um ríspido "Entre!".



Dentro da sala, Ruzicka e Hospodin estavam perfilados diante de Matka, ouvindo uma repreensão daquelas. O tenente Prouza, também em posição de sentido, encontrava-se do lado, e embora Matka não o estivesse repreendendo, Danny achou, pela sua expressão, que suas ilusões começavam a esfacelar-se.

— Comandante de tanque Smiricky! — Danny anunciou-se. Matka virou-se e olhou para ele, com aquele jeito furioso tão próprio dos oficiais.

— O que o senhor deseja? — gritou.

— Camarada capitão, peço permissão para falar com o camarada primeiro-tenente.

— Sobre o quê?

— Vim informar sobre os candidatos à insígnia Fucík, camarada capitão.

Em qualquer outra circunstância o capitão provavelmente o teria expulsado e ordenado que ele esperasse lá fora. Mas como estava sempre procurando alguma coisa para enfiar goela abaixo dos seus subalternos, a chegada do comandante de tanque interessou-o. Ele concluiu rapidamente que a informação sobre os testes para a insígnia Fucík poderia ser útil.

— Dê a informação para ele — disse, enfiando as mãos nos bolsos.

Danny, que adivinhara o que estava acontecendo e ficara feliz por dificultar a vida dos oficiais, virou-se para Ruzicka.

— Camarada primeiro-tenente, tenho de informar que somente dois homens se candidataram à insígnia Fucík.

— Como é possível isso? — replicou Ruzicka com voz rouca, tentando em vão manter sua autoridade diante do comandante de tanque, o que não era fácil, já que ele próprio estava sendo repreendido.

— Eu tentei convencer os camaradas, mas não consegui — afirmou Danny — e o tenente aqui fez o mesmo — virou a cabeça para Prouza. — Mas eles não querem participar dos exames.

— Então é assim? Bom... — Ruzicka não sabia mais o que dizer. — O senhor será responsável por isso lá em cima, sabia?

— É um problema, camarada primeiro-tenen... — disse Danny como que se defendendo, mas foi interrompido por Matka abruptamente.

— Quantos homens o senhor disse que vêm?

— Dois, camarada capitão.

— Bom, isso é uma maravilha — falou o capitão lentamente, com um tom de quem perdeu a confiança nos seus homens. Virou-se para Ruzicka. — É isso que o senhor chama de trabalho político? É isso que o senhor chama de agitação política? Um batalhão de duzentos e cinquenta homens, em que apenas dois vêm fazer o exame? Que exemplo maravilhoso de seu trabalho, camarada primeiro-tenente.

Ruzicka respirou fundo, mas deixou o ar sair devagar. Quanto a Prouza, decepcionou-se com mais um ideal. Ali estava um oficial repreendendo outro diante de um soldado convocado, quando o regulamento era muito claro sobre isso: repreensões verbais a oficiais só deviam ser dadas quando não houvesse soldados de patente inferior presentes. Devia haver muito mais coisa imperfeita nas unidades mais baixas, pensou o jovem oficial com amargura.

— Isso é ótimo — continuou o oficial em comando. — Durante uma revista eu descobri que nenhum homem —nenhum mesmo, camarada primeiro-tenente — sabe o nome dos ministros do governo. Descobri que nenhum homem sabe qual é a capital da Bulgária, camarada, nem quando ocorreu a Revolução de Outubro. A Grande Revolução de Outubro. E o relatório de agosto sobre a atividade política de massa ainda não está pronto e nós já estamos no final de setembro. Os agitadores políticos não são doutrinados regularmente. As palestras matinais de dez minutos sobre politica são meramente formais, e os quadros políticos de aviso estão vazios. E agora, somente dois homens — dois homens! — vão aparecer para fazer o teste para a insígnia Fucík.

— Camarada capitão — Ruzicka tentou interromper.

— Dois homens, camarada tenente! — continuou Matka rispidamente. — O que o senhor pretende fazer sobre isso? Então? O que o senhor pretende fazer?

— Camarada capitão, vou para as barracas e... como sei que não posso depender dos comandantes convocados, eu e o tenente Hospodin tentaremos iniciar uma campanha pessoal para...

— Não é um pouco cedo para isso? Não é um pouco cedo para começar uma campanha pessoal, camarada primeiro-tenente? — perguntou o capitão com raiva. A tentativa de Ruzicka de passar pelo menos parte da culpa para o comandante de tanque obviamente não funcionou. — Há um ou dois meses, ou melhor ainda, há meio ano é que essa campanha deveria ter começado. Mas agora não há mais tempo para persuadir esses homens, por isso faremos as coisas de forma militar. — Virou-se e saiu do departamento político, seguido dos três oficiais e do comandante de tanque.

Os datilógrafos e oficiais que estavam por ali levantaram-se rapidamente; a sentinela da porta principal bateu continência quando eles passaram. Danny era o último da fila quando eles entraram no corredor do dormitório; pôde ouvir a voz anormal do homem de plantão gritando "ATENÇÃO!", o rápido bater de calcanhares quando os soldados se perfilaram, e finalmente a informação aos berros, como os sargentos costumam gritar:

— Camarada capitão, peço para informar que durante meu plantão no Sétimo Batalhão Blindado nada digno de nota ocorreu. A companhia está se preparando para o período de descanso da tarde. Sargento Feurbach informando.

— À vontade, camaradas — disse o capitão, entrando no dormitório do primeiro esquadrão. — Atenção! — gritou. Houve um rebuliço entre os beliches e num instante duas fileiras de soldados malcuidados perfilavam-se no estreito corredor. Alguns estavam só de camiseta e cueca, mas a maioria vestia calça e alguns até botinas.

— Os que estão de cueca, um passo à frente — comandou o capitão. Cerca de dez homens saíram da fila. — Vão já para a cama e fiquem lá até o período de descanso terminar. Os outros, prestem atenção. Dentro de três minutos o oficial de plantão vai pedir que os candidatos à insígnia Fucík se reúnam em frente ao prédio. Todos vocês que não conhecem bem as ordens vigentes e passam o período de descanso da tarde completamente vestidos vão se apresentar para o exame. Se não se apresentarem, eu acabo com a vida de vocês. Quando o comandante de tanque Smiricky der a ordem, vocês marcharão para o departamento político. Na qualidade de seu agitador político, o sargento Mácha providenciará para que todos os parasitas que não conhecem as ordens vigentes se apresentem para o teste.

Matka virou-se e marchou para fora do dormitório, seguido do seu séquito. Danny ficou para trás. Os soldados condenados a tentar o teste para receber a insígnia, a que os livros do exército se referiam como "o orgulho do homem" xingaram com todos os palavrões que conheciam.



Quinze minutos depois, um grupo de cerca de trinta soldados estava socado no fundo da sala do departamento político, o mais longe possível da mesa da frente, onde a banca examinadora se sentava. Estavam muito juntos, colados um no outro, encostados em uma fileira de armários que dividiam a sala em duas. No centro dos armários havia uma pequena abertura que dava para uma área sombria cheia de pilhas de relatórios velhos cobertos de poeira e fétidas latas de lixo já sem uso. Em frente aos soldados havia fileiras de cadeiras vazias, e bem na frente, sozinho, o soldado Poslusny encontrava-se diante da banca examinadora. A banca, presidida pelo tenente Prouza, tinha lugar de destaque em uma longa mesa, por trás da qual viam-se retratos oficiais de estadistas; Ruzicka e Hospodin, na qualidade de observadores, sentavam-se atrás de uma escrivaninha junto da janela.

O tenente Prouza olhou em silêncio para os homens, com uma expressão estranhamente acanhada, enquanto uma vozinha secreta soprava no seu ouvido. Você precisa superar a desconfiança que os camaradas às vezes têm de você. Geralmente os soldados têm vergonha de admitir um interesse por literatura porque temem parecer ridículos aos outros. Você precisa conquistar a confiança deles através de um comportamento adequado. Prouza se levantou.

— Eu gostaria que os senhores viessem aqui para a frente, calourada — disse animadamente. — Há muito lugar por aqui, e eu não vou comer os senhores.

Mas os soldados recusaram-se a sair de onde estavam, e a distância entre os oficiais e os homens, na verdade um abismo, permaneceu grande como sempre, enquanto a figura solitária e absurda do soldado Poslusny, um soldado modelo com o botão da União dos Jovens na túnica, continuava na frente.

— Por favor, venham para a frente, camaradas. Não fiquem espremidos aí no canto. — Prouza queria dizer alguma coisa para encorajá-los, alguma coisa humana, e então disse: — Como disse o grande Stalin, "Com nossas novas formas de trabalho, estamos mais ou menos reconstruindo o antigo sistema de educação, por assim dizer, a base da cooperação de camaradagem entre o professor e o aluno". Nenhum de nós deseja dificultar as coisas para vocês. Só queremos ter uma discussão cordial sobre os livros que todos da União dos Jovens devem conhecer, como auxílio em seu desenvolvimento e crescimento.

A massa rígida e silenciosa no fundo da sala permaneceu imóvel. Danny, sentado ao lado do tenente, resolveu ajudá-lo.

— Vamos, rapazes, cheguem um pouco mais perto. Não faz sentido vocês ficarem espremidos aí no canto. Não vai adiantar nada. Saiam logo daí.

Mas o tenente achou que essa abordagem não era apropriada. Para apagar a impressão negativa que o comandante de tanque poderia ter dado, ele acrescentou depressa: — Que tal, camaradas, se um de nós fosse para aí e se sentasse com vocês para acabar com essa ideia de exame? Nós nos sentaremos aí e discutiremos as coisas com vocês, pois esse é o verdadeiro sentido da insígnia Fucík.

Mais uma vez nenhuma reação. O tenente já estava perdendo as esperanças quando de repente a porta se abriu e entrou o sargento Semancák, arfando, carregando sua própria cadeira. Olhou em volta da sala para ver quem era o oficial de patente mais alta, colocou a cadeira no chão e falou:

— Camarada primeiro-tenente, peço permissão para juntar-me ao grupo.

— Naturalmente — disse Ruzicka, de trás. — O senhor veio para fazer o teste para a insígnia Fucík, camarada sargento-mor? — perguntou gentilmente o tenente Proeza.

— É claro que sim — falou Dinheiro, e o entusiasmo da sua voz renovou as

esperanças do tenente. Semancák colocou a cadeira no canto, sentou-se ao lado do soldado Poslusny e olhou para a banca examinadora.

— Estão vendo, camaradas? — disse Prouza. — O camarada sargento-mor veio direto para a frente e sentou-se. Agora, todos vocês cheguem mais perto para podermos começar.

Dinheiro virou-se de costas e dirigiu-se ao grupo. — Vamos, camaradas. Não há nada a temer. Há muito lugar por aqui. Vamos, cheguem mais perto.

O amontoado de soldados finalmente começou a se mexer. O primeiro a desgrudar-se da divisória dos fundos foi o agitador político Mácha. Talvez alguma antiga conscientização de suas responsabilidades o tivesse impulsionado. Foi seguido de Mengele, Kobliha, Bamza e vários outros. Poslusny e o pequeno sargento-mor continuavam sozinhos na primeira fileira, mas o abismo que ameaçara as esperanças do tenente Prouza começava a diminuir rapidamente. Apesar das botinas sujas, das fardas manchadas de graxa e dos rostos por barbear, os homens não pareciam tão ameaçadores como quando estavam no canto. Eram jovens, e seus superiores simplesmente não tinham conseguido se aproximar deles. Prouza foi tomado por um sentimento agradável e visionário: aquilo poderia ser um marco na vida do Sétimo Batalhão Blindado. Respirou fundo, encheu o peito, olhou em volta com ardor e iniciou a seguinte preleção retórica:

— Camaradas! Nós estamos reunidos aqui, por assim dizer, para cumprir os compromissos que todos nós assumimos de alcançar o disputado título de portadores da insígnia Julius Fucík, um homem que diversas vezes nos exortou, como dizia o camarada Lenin, a estudar, estudar, estudar. — Fez uma pausa e, lembrando-se de uma coisa, acrescentou: — Estudar! — Bem colocado, pensou, mas ainda faltava alguma coisa. — Nós temos de estudar, e estudar com afinco. Como dizia Fucík, temos de alcançar e superar, de todas as formas, os capitalistas para podermos atingir e esmagar o inimigo de nosso país e do nosso sistema democrático popular, para podermos, por assim dizer, aprender a fazer e a conhecer o que nos pode ser ensinado pelo povo e seu grande líder e professor, o generalíssimo Jossip Vissarionovich Stalin, e o camarada Malenkov. — Acrescentou rapidamente o nome do sucessor do falecido imortal.

— E para podermos, por fim, cumprir nossas tarefas de combate e treinamento político ao entrarmos no ano de 1953. Portanto, camaradas! — Respirou fundo. — Para começar, para discutir com fluência, por assim dizer, vamos ver alguma coisa da lista dos livros. Estamos entendidos, camaradas? — Virou-se para a banca examinadora, com a ligeira sensação de que suas observações introdutórias não tinham sido tão boas como deviam. A banca fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Vamos começar com um livro que vocês

todos leram e talvez tenham visto no cinema. Longe de Moscou. Quem dentre vocês não leu esse livro, camaradas?

Ele tinha começado a usar um truque do arsenal pedagógico do inesquecível major Kondrác. Nós sabemos, por experiência, dizia aquele professor exemplar, que se perguntarmos aos soldados quais deles sabem, viram ou leram alguma coisa, eles ficarão calados, e se perguntarmos qual deles não sabe, não viu ou não leu *etc.* ... eles ficarão calados também; mas nesse último caso temos pelo menos um ponto de partida para outras perguntas. Por exemplo, nós podemos voltar e dizer: "Bem, nesse caso, o que aconteceria, camarada", apontando para um camarada específico...

— Bom, nesse caso — disse o tenente Prouza no silêncio total do ambiente —, que tal falarmos alguma coisa sobre o livro... — e olhou em volta, dando aos soldados um instante para pensar na resposta. — Usem suas próprias palavras, da forma como se lembram do livro. Que tal... — disse, examinando os rostos à sua frente, alguns sérios e com ar ignorante, outros tentando se lembrar de alguma coisa, e outros olhando fixamente para o teto. Três ou quatro candidatos foram acometidos de uma súbita necessidade de assoar o nariz com força. Os olhos do tenente pararam no sargento da reserva, na primeira fila. Será que eu devo testar esse? Dinheiro sorria com um olhar confiante, aparentemente encantado com a perspectiva de outra medalha fácil, mas o tenente interpretou seu otimismo de forma diferente. *Ali está um sargento da reserva*, pensou. *Ele deve estar bem preparado para o teste. Seu exemplo irá estimular os outros*. — Então, sargento-mor, por que não nos diz o que se lembra do livro?

Semancák não deu a resposta que o jovem oficial esperava. Obviamente apavorado por ter sido escolhido, ele empalideceu e começou a gaguejar coisas incoerentes.

— *Longe de Moscou* é... bom, como dizem, é... a coisa sobre ele é, quer dizer... é um livro, né?... em que o sujeito... o escritor, quer dizer... ele escreve sobre, ele nos conta sobre a coisa... a coisa que se passa por lá, o senhor sabe, longe de Moscou, quer dizer, muito longe de Moscou, que é a capital da... União das Repúblicas Socialistas Soviéticas...

Danny tentava em vão lembrar-se do tema de *Longe de Moscou*, mas só lhe veio à memória uma cena de quando ele era um despreparado professor de escola primária, antes de entrar para a carreira militar. Durante uma prova de zoologia ele mandou um menino dizer para a classe tudo o que sabia sobre o elefante indiano. O garoto tinha hesitado. "O elefante indiano... é um... animal que... vive na Índia..." Fez uma longa pausa e de repente começou a fazer uma apresentação fluente. "A Índia é um país onde os capitalistas ainda exploram os trabalhadores. Exploração significa..." e deu uma perfeita definição marxista de

exploração, que era tudo de que Danny se lembrava sobre os elefantes indianos.

Danny sacudiu a cabeça e voltou ao presente, e ouviu Dinheiro falando.

— ... e ele escreveu como as coisas eram lá, naquela época, quer dizer, quando eles estavam lá... bom, eles estavam trabalhando, né? Quer dizer, não muito bem porque, como eu disse, eles estavam muito longe de Moscou, né? Mas aquela gente trabalhava lá há muito tempo, menos aqueles sujeitos, quer dizer... eles, bem, viram que tinham de fazer alguma coisa, para eles mesmos, quer dizer, tinham de trabalhar, todo mundo que era... e não havia mais capitalistas para... explorar os camponeses... por isso eles tiveram de, bom, de fazer melhor ainda que os outros para atingir as — como se chamam mesmo? — os padrões — acho que é assim que dizem — porque tudo pertence ao povo, né? E daí em diante eles tiveram muitas ideias boas sobre... como fazer melhor as coisas e outras ideias parecidas, então eles assumiram todos esses compromissos socialistas porque naqueles lugares o povo ouvia o padre dizer que eles morreriam no inferno se trabalhassem, então até mesmo os camponeses ricos e os caras faziam sabotagem, quer dizer, todos iam... iam... a esses lugares onde... muito longe de Moscou, a capital da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas...

Danny de repente viu que Dinheiro dera a eles a essência da história universal que era repetida, com pequenas variações, em todos os romances, e naquele sentido sua resposta podia ser considerada correta.

Mas Prouza, em vez de aceitar o resumo de Dinheiro, caminhou obstinadamente para o desastre. Ele não esperava uma exposição tão incompreensível nem tanta ignorância sobre o livro. Afinal de contas, não havia nada no livro sobre padres. Ou será que havia? De repente ficou inseguro, percebendo que também tinha se esquecido de como o livro era exatamente.

— Alguém aí pode ser mais específico? — perguntou, olhando em volta para a plateia.

Ninguém se manifestou.

— Ninguém? — perguntou desapontado, e fixou os olhos no sargento Mácha, que estava assoando o nariz quando Prouza fez as primeiras perguntas e parou quando Dinheiro começou a falar; mas quando viu que ia ficar sem ar se não respirasse imediatamente, puxou o lenço de novo e outra vez assoou o nariz.

Ao guardar o lenço no bolso, tornou-se a próxima vítima do presidente da banca examinadora.

— E o senhor, camarada sargento? Não quer ajudar aqui o camarada sargento-mor?

— É claro — disse Mácha com tristeza. — O livro se passa em... em... — Pensou bastante e resolveu continuar. — ...bem longe de Moscou, no deserto de

Kyzl Kum.

— Acho que o senhor está confundindo com...

— Eu sei! Já percebi isso. O livro se passa em... em... Seria na Sibéria? Isso mesmo, Sibéria. E o secretário do Partido, ele... organiza os detalhes do trabalho lá. Com métodos modernos. — Mácha agora sentia-se confiante. — Os trabalhadores lá trabalham com métodos antigos, mas o secretário do Partido convence-os a melhorar o trabalho com métodos novos. Alguns trabalhadores são politicamente ignorantes, e não gostam dos métodos novos porque acham que vão ter de trabalhar mais, mas esse sujeito, o secretário, mostra que se eles ajeitarem as coisas bem não terão de ralar tanto no trabalho. E é assim que eles conseguem aceitar o plano e... e...

— Muito bom! — disse Prouza. — Então eles constroem o edifício em menos tempo. O senhor se lembra de como eles fazem isso? — Ele esperava que o sargento se lembrasse, pois de repente percebeu, para seu horror, que ele próprio não se lembrava nem ao menos do que eles estavam construindo. O sargento não o desapontou.

— Eles construíram em menos tempo porque se usassem os métodos antigos teriam terminado muito mais tarde, como tinham planejado; mas com os métodos novos, usando o movimento em prol do trabalhador, oferecendo prêmios a quem fizesse trabalho extra, eles construíram em menos tempo, porque podiam começar a produção muito mais cedo do que tinham planejado, de acordo com os planos baseados nos métodos antigos, que atrasariam muito...

— Certo! E pode nos dizer qual foi a importância, para a União Soviética, das coisas serem construídas mais depressa? O senhor saberia responder, camarada soldado?

O soldado Mengele levantou-se. Depois de uma longa pausa, ele respondeu:

— Bom, foi muito importante.

— É claro, mas o que isso significou para eles?

— Significou que... — O soldado Mengele hesitou, depois continuou: — Eles tiveram um aumento de produtividade...

— Exatamente isso! Eles puderam aumentar a produtividade do trabalho e aumentar os padrões à medida que realizavam os planos. Estão vendo, camaradas? Não é tão difícil assim! Vocês não devem ter medo da literatura.

Encorajado pelo sucesso de seu método dialético, Prouza fez outras perguntas aos estudantes reunidos ali sobre um livro que ele achava ser mais conhecido que o romance russo. Afinal de contas, a insígnia que eles iam ganhar naquele dia levava o nome cio autor. Mas quando ele perguntou sobre o Relatório do patíbulo, só um homem levantou a mão: o sargento Mácha. Acontece que ele só tinha lido um artigo sobre Julius Fucík no último número da

revista O soldado tchecoslovaco. Desafiado a reproduzir o conteúdo do artigo, Mácha mostrou que seu conhecimento até mesmo desse artigo era bastante limitado.

— O nome do artigo era... "Julius Fucík, o soldado". Fucík... — pensou um pouco e continuou — serviu o exército durante a primeira república capitalista burguesa pré-Munique e tomou parte na agitação política ilegal entre os camaradas.

Prouza concordou e o sargento sentiu-se encorajado. — Ele serve de exemplo para nós trabalhadores políticos, pois nos ensina como trabalhar com outros camaradas.

Olhou para Prouza com hesitação, e Prouza disse: — Isso mesmo.

— Na verdade — continuou o agitador político, mais confiante agora —, ele foi um dos primeiros agitadores políticos.

— Excelente, camarada sargento — falou o tenente. — Julius foi, de certa forma, um dos nossos primeiros agitadores políticos, no exército capitalista da república pré-Munique. E agora, camarada sargento, como podemos ver o trabalho dele como modelo para o nosso?

O sargento, agora absolutamente seguro, respondeu com firmeza: — Esse tal de Fucík disse aos camaradas como tornar a vida no exército mais fácil. Disse que quando um oficial dava ordem para os soldados cantarem, eles deviam cantar, mas só para não serem obrigados a fazer ginástica abdominal, pois tinham de guardar forças para a verdadeira luta quando voltassem para a vida civil. Ele sempre ficava a favor dos soldados e contra os oficiais e... e...

O tenente estava tremendo. A interpretação de Mácha sobre o artigo era materialmente correta, mas de certa forma seu entusiasmo dava ao artigo um significado que perdia de vista a perspectiva correta. Ele sabia os fatos mas não os tinha compreendido sob uma perspectiva de classe, enquanto o tenente Prouza era capaz de dar uma perspectiva de classe até mesmo a problemas que não conhecia. Como muitos de seus colegas, o tenente encontrava o significado politicamente correto de uma situação sem saber nenhum detalhe sobre tal situação, e isso lhe dava calma e segurança.

— Naquela época essa era a abordagem certa — disse. — Mas de que forma podemos usar o trabalho de Julius como um modelo direto, em certo sentido, para nosso próprio trabalho hoje? Entendeu o que eu estou tentando dizer, camarada sargento?

Mácha parecia agora menos confiante. — Bom, em... da forma que ele sempre defendeu os soldados comuns contra os oficiais, quer dizer...

De repente o tenente Ruzicka levantou-se por trás de Prouza. Até então ele tinha se mantido em silêncio, mas agora decidira salvar o infeliz oficial novato.

— Espere um instante, Mácha — disse, e virou-se para o tenente. — O camarada sargento tem uma ideia correta, só que deve ser mais preciso. Mácha, como nós chamávamos a primeira república?

Diante do seu superior imediato, a eloquência e a loquacidade do agitador desapareceram.

— Uma democracia burguesa — disse rapidamente.

— E o que mais?

— Capitalista.

— E como chamávamos a classe dominante?

— Capitalista.

— E quem servia o exército?

— O povo.

— E quem eram os oficiais?

— Os capitalistas.

— E hoje?

Uma luz veio finalmente à cabeça do sargento. — Hoje nós dizemos que os oficiais são filhos da classe operária.

— E o povo faz o quê?

— Governa.

— Portanto, o que não existe entre os oficiais e os homens?

— Um abismo — disse o sargento, suspirando de alívio.

— Isso mesmo — falou Ruzicka. — Portanto, Fucík estava certo ou errado mandando os camaradas cumprirem as ordens apenas formalmente?

— Certo.

— Então hoje ainda é certo dar ordem para os camaradas não cumprirem suas obrigações, evitarem responsabilidades, não participarem dos exercícios, negligenciarem o crescimento político?

O tom de voz de Ruzicka não deixava dúvida sobre a resposta certa, e Mácha respondeu com a maior segurança.

— Não, não é.

— Então, Julius Fucík, que foi realmente nosso primeiro agitador político, deu que exemplo?

— O exemplo dele foi... — disse o sargento, começando com coragem mas entrando depois em confusão —, o exemplo dele foi... ele encorajou os camaradas a cumprirem suas obrigações... a se tornarem politicamente conscientes... a participarem dos exercícios e a se prepararem para o combate...

— Isso, camaradas — concluiu Ruzicka, que não ouvia mais o que Mácha dizia, pois preparava frases grandiosas e difíceis para encerrar sua palestra. — Julius Fucík foi capaz de inspirar os camaradas ao socialismo e à luta da classe

operária com entusiasmo. Como disse o próprio Stalin, "Aqueles que desejam inspirar os outros têm de se queimar". E Julius Fucík se queimou, camaradas, e influenciou os camaradas mais fracos. E nós também devemos nos queimar, camaradas, e inspirar os camaradas mais fracos a cumprirem com suas obrigações, a seguirem as ordens, a se prepararem política e fisicamente para o combate, a serem disciplinados, a fazerem exercícios com todo o afinco, porque, como disse Kutuzov, quanto mais suor no campo de treinamento, menos sangue no campo de batalha.

— Amém — falou o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek. Como membro da banca examinadora, ele passou todo o tempo fazendo furtivamente anotações sobre as declarações mais interessantes dos homens e dos oficiais, para o sargento Krajta incluir essas anotações no seu livro *O folklore do exército da Tchecoslováquia*, e em troca emprestar ao Dr. Mlejnek um exemplar antigo de *Histórias incríveis*.

— É é assim, camarada tenente, que o senhor deve guiar os camaradas para a resposta correta. — Com essas palavras Ruzicka saiu em triunfo da sala, com um ar de quem desempenhou bem suas funções, deixando Prouza sozinho diante dos trinta soldados. Prouza sentiu-se humilhado com o desempenho de Ruzicka. Teria muito o que aprender para galgar seu próprio caminho. Ainda não sabia como fazer muitas coisas. Olhou para os soldados reunidos e de repente perdeu a vontade de continuar no papel de chefe inquisidor. Apelou para um truque usado por todos os pedagogos que perdem a inspiração ou se esquecem dos fatos. Virou-se para a banca examinadora, que até então se mantivera em silêncio, e perguntou: — Vocês têm perguntas a fazer, camaradas? Isso tirou a banca de sua letargia. O primeiro a acordar foi o Dr. Mlejnek, que escolheu o soldado Bamza.

— Camarada soldado, o senhor leu alguma coisa de Jirí Wolker?

Não era uma pergunta inútil. O Dr. Mlejnek sabia que várias noites antes, nas barracas, muitos daqueles homens tinham lido o poema de Wolker, *A Balada da Criança que Não Nasceu*, embora, é claro, não para fazer o teste.

Ele sabia também que Bamza lera uma certa passagem em voz alta para os outros.

— Se eu já li alguma coisa de Wolker? — Foi isso mesmo o que eu perguntei. — Bom, eu li aquela... como se diz?... aquela balada sobre o garoto abortado, certo?

— A criança que não nasceu.

— Certo, a criança que não nasceu.

— E gostou da balada?

— Achei legal.

— Alguém mais leu isso? — perguntou o Dr. Mlejnek para o grupo.

Houve um murmúrio afirmativo.

— E quem pode dizer do que se trata? — perguntou o Dr. Mlejnek, fazendo uma pergunta mais complexa.

O infeliz soldado Bamza levantou a mão. O tenente Prouza quase se levantou da cadeira para tentar impedir que ele falasse, mas pensou melhor e sentou-se de novo.

Mlejnek fez um sinal de cabeça para o soldado.

— É sobre aqueles dois bobocas que se apaixonam — declarou Bamza — e transam, mas eles são pobres, não é? Então ela tem de se livrar do bebê.

— Muito bem. Alguém leu mais alguma coisa de Wolker? — perguntou Mlejnek depressa, esperando mudar a discussão para um tema menos perigoso. Mas o demônio apoderou-se de novo do tenente Prouza contra a sua vontade. A coisa não pode ser deixada assim, pensou. Um poema que fala de como a sociedade capitalista destrói tudo o que é puro, mesmo o amor, deve ser plenamente explorado com fins pedagógicos. O tenente levantou a mão e interrompeu o Dr. Mlejnek.

— Com licença, camarada soldado. Camarada soldado, o senhor descreveu o assunto do poema corretamente, por assim dizer, mas o que acha que o poema nos diz sobre o presente, sobre hoje?

Bamza olhou para o tenente com irritação.

— Está vendo aonde eu quero chegar? — pressionou Prouza. — O que acha que o poeta estava tentando criticar?

Bamza o fitou sem entender nada.

— O que eu quero saber é se — continuou o tenente, tentando refazer a pergunta — essas coisas podem acontecer ainda hoje na nossa Democracia do Povo.

Uma nuvem escura passou pelos olhos de Bamza.

— Quer dizer, se a gente ainda trepa com mulheres solteiras? — perguntou o soldado com cuidado.

— Não, não é isso... é claro que eu quis dizer isso também, isto é, eu sei que essas práticas infelizes ainda sobrevivem aqui e ali, mas o que eu quis dizer...

— Ah, entendi. O senhor quer saber se as mulheres ainda têm de se livrar dos bebês, certo?

— Alguma coisa assim. O que eu estava realmente pensando era se os jovens ainda têm de recorrer a medidas tão extremas, entendeu? Essas coisas ainda são necessárias na nossa Democracia do Povo?

Àquela altura Bamza estava furioso. — Bom, às vezes sim. — Mas por razões de saúde, é claro. Foi isso que o senhor quis dizer?

— Bom, foi, é claro, foi isso também — disse Bamza. — Mas às vezes a

mulher engravida, o sujeito vai embora e ela não quer viver com o escândalo...

— Mas tente me compreender, camarada soldado. As pessoas ainda fazem aborto hoje em dia porque não podem, por assim dizer, sustentar o bebê?

— É claro que fazem — falou Bamza sem hesitação. — De onde eu venho, em Zizkov, um sujeito teve onze filhos, todos meninos, e na primavera passada sua esposa se livrou de outro porque ele disse que não dava para sustentar o pestinha; além disso, todos os seus filhos tinham nomes de apóstolos e o único nome que sobrou foi Judas, um nome horrível para se dar a alguém, e o padre nunca teria batizado o bebê com esse nome. Mas ele não podia dar nenhum outro nome porque tinha de ter todos os filhos com nomes de apóstolos, e ficou muito nervoso pensando que teria um filho pagão, pois ele era um católico dedicado e...

— Camarada soldado! — disse Prouya, interrompendo aquele turbilhão de palavras. — Isso é possível, é claro, mas não é típico, por assim dizer. E o poeta não estava escrevendo sobre casos assim, pois a literatura tem de representar o que é típico e positivo. Os jovens que se amam hoje em dia e querem constituir família têm de recorrer a esses métodos?

Depois de uma curta pausa, Bamza admitiu a contragosto que eles não tinham de recorrer a isso.

— Está vendo? — disse o tenente. — E por que os jovens antigamente tinham de recorrer ao aborto?

— Porque eles eram pobres.

— Certo. Como o senhor vê, só é preciso pensar um pouco no poema. Então, por que eles eram pobres?

— Porque estavam num período de depressão — respondeu Bamza.

— Certo de novo. E pode haver depressão hoje?

— Não.

Para alívio de Prouza, o sargento Mácha se intrometeu: — Não pode haver depressão hoje — disse ele, com a segurança de um especialista — porque hoje o povo possui as relações de produção. Havia depressão antes porque as relações de produção pertenciam aos capitalistas.

Alguma coisa não estava muito certa naquela resposta, mas o tenente Prouza deixou passar.

— Mas no final, concretamente, a quem essas relações de produção pertencem?

— Ao povo — respondeu o sargento Mácha sem hesitar.

— E antes? Outra pessoa deve responder agora. Camarada sargento? — disse Prouza, apontando para Kojaliha.

Também sem qualquer hesitação, Kojaliha respondeu:

— Antes, pertenciam aos capitalistas.

— Sim, camaradas — concluiu Prouza.

Seu tom era trágico. Agora estão vendo o que esse poema significa, em última análise? Mostra diretamente como, durante a república capitalista, nem mesmo o amor, por assim dizer, tinha alegria, e como os jovens se casavam por razões diferentes das de hoje. Agora, alguém pode explicar qual era a força motora no capitalismo quando dois jovens queriam se casar?

— Dinheiro — falou o sargento-mor Semancák. Alguém nos fundos deu um risinho, mas o tenente concordou.

— Correto, camarada sargento-mor. E hoje?

As razões atuais para o casamento pareciam além da compreensão do pequeno Semancák, e o sargento-mor Soudek respondeu por ele.

— Eles têm de gostar um do outro, certo?

— Sim, camaradas. No capitalismo, a mulher nada mais era que um fardo, por assim dizer, para o homem. Sua única obrigação era levar um dote para ele. Nós costumamos dizer que a burguesia dessocializou o papel da esposa. Hoje, no sistema socialista do povo, o relacionamento entre os homens e as mulheres mudou. Hoje em dia, os homens procuram uma coisa muito diferente nas mulheres. Veja o senhor, camarada soldado — disse ele, dirigindo-se para Bamza. — Imagine que o senhor quisesse se casar. Qual seria a maior qualidade para sua futura esposa?

Bamza olhou sonhadoramente para o tenente e pareceu hesitar.

— Então? — perguntou o tenente, encorajando-o. — Que tal isso? — e com os dedos das duas mãos bateu no centro do peito, um gesto que pretendia indicar pureza de coração, gesto muito pouco marxista; lembrou-se da época distante em que era coroinha, entusiasmado pelo catecismo como agora era entusiasmado pela pedagogia militar. — O que acha disso? — repetiu, com um ar questionados.

— Peitos? — perguntou Bamza, em guarda. A resposta deixou Prouza sem ação, mas deu nova vida à desanimada plateia. Um murmúrio passou pelos bancos e um ruído forte veio da mesa onde estava sentada a banca examinadora. Era o Dr. Mlejnek assoando o nariz.

— Não, não, as pernas são mais importantes — sugeriu Strevlícek. Era a primeira vez que ele falava.

— Por que as pernas são tão importantes? —perguntou Soudek em tom de ironia. — A gente não vê as pernas no escuro.

— E também não vê os peitos — objetou Strevlícek. — Mas dá para apalpar — disse Soudek.

— Você não vai passar todo o tempo na porra da cama com ela — disse

Mácha, levando o assunto para a arena politica. — Vai querer caminhar com ela, não é?

— Se você só quiser caminhar com a sua futura mulher, então pernas de pau também serviriam — falou Soudek.

— E o dote também é importante — acrescentou Semancák. —Um edredom, roupa de cama e até mesmo um pouco de dinheiro no banco não fazem mal a ninguém.

— Porra nenhuma — disse Bamza, àquela altura um crítico literário experiente. — Se desvalorizarem o dinheiro, sua conta bancária vai para o brejo. Uma casa é mais importante, não é?

— Olhem só esse bobão — falou Mácha, como se Bamza tivesse tocado num ponto delicado. — Pôr dinheiro em uma casa hoje em dia?

— Mas a casa tem liquidez. — Eles nacionalizam sua liquidez se nacionalizarem sua casa — disse Kobliha.

— Mas não fizeram isso ainda.

— Mas vão acabar fazendo.

À medida que o tenente Prouza acompanhava a discussão, sentia-se cada vez mais como Alice no País das Maravilhas.

Seus livros não tinham previsto aquela situação. Um fraco suspiro escapou da sua boca, mas os candidatos à insígnia Fucík não chegaram a notar. Como se tivessem perdido todo o constrangimento, eles passaram a falar tanto sobre o tema, aprofundando-se cada vez mais nele, que o tenente Hospodin foi obrigado a intervir. Estivera em silêncio por um longo tempo, não por preocupação com o rumo que a discussão tomara, mas porque também estava profundamente interessado no problema. Mas acabou lembrando-se de suas responsabilidades e levantou-se, dizendo:

— Um momento, camaradas.

Os animados debatedores viraram-se para ele, e seus rostos transformaram-se de novo em máscaras.

— O que o camarada tenente queria dizer era qual seria a qualidade da mulher de hoje sob o ponto de vista da moral socialista.

Toda a sala ficou em silêncio.

— Então? — perguntou Hospodin. — Que tipo de qualidades espirituais vocês procurariam numa mulher? Soudek?

O sargento-mor hesitou. — Eu... não entendi o que o senhor quis dizer.

— Quero dizer do ponto de vista psiquiátrico — explicou Hospodin, que na vida civil era um padeiro autodidata.

— Seu caráter, digamos assim — acrescentou o tenente, tentando ser o mais rasteiro possível.

— Ah, sei — falou Soudek. — Bom, acho que a mulher deve ser saudável.

— Isso é importante — concordou Hospodin —, mas não é a coisa mais importante de todas. Quais são os princípios da moral socialista que toda mulher deve ter? Nós estudamos isso em um livrinho chamado *Para uma moral socialista mais elevada*, não se lembram?

— Eu sei! — gritou o sargento Mácha. — Ela deve ser fiel ao povo e... — deu uma olhada de esguelha para Hospodin, que concordou com um sinal de cabeça. — Deve ser fiel ao povo e ao sistema democrático do povo, deve ajudar o marido, deve...

— Que tipo de relacionamento deve existir entre marido e mulher? — perguntou o tenente.

Mácha tentou se lembrar da resposta correta, mas não conseguiu. Foi o soldado Bamza quem levantou a mão, com a sobrancelha franzida.

— Sim? — perguntou o oficial educacional.

— Ela deve ser uma esposa legítima — declarou Bamza com um ar sério e compenetrado. Ele obviamente queria dizer aquilo, mas Hospodin considerou a resposta uma impertinência.

— Nós estamos numa discussão séria, Bamza. Guarde suas piadas para depois.

Foi assim que, sem se dar conta, ele plantou na alma revolucionária daquele proletário de Zizkov a convicção inabalável de que o comunismo, na sua depravação, era contra a instituição do casamento.



Naquele momento, Hospodin sentiu-se aliviado quando o capitão Matka escancarou a porta e entrou bruscamente na sala, vestido com culotes de montaria. Feliz por ter se livrado de uma discussão que não levava a nada, ele gritou "Atenção!", bateu os calcanhares para o capitão, que fez uma ligeira continência, e anunciou: — Camarada capitão, os candidatos à insígnia Fucík estão sendo examinados. Número de presentes: trinta e cinco. Oficial educacional tenente Hospodin.

— À vontade, camarada tenente — disse Matka. Sentou-se informalmente na ponta da mesa da banca examinadora e perguntou, num tom afável: — Então, rapazes, como vai indo o exame?

Os candidatos não disseram nada. Alguns, mais nervosos, deram um riso inexpressivo.

— Vai indo bem, camarada capitão — afirmou Mácha.

— Então eu vou ficar só ouvindo — falou o capitão num tom jovial. Ele estava de excepcional bom humor, parecendo imbuído de um espírito quase democrático. — Vou ficar ouvindo e talvez possa aprender alguma coisa. Nós vamos passar por uma prova de fogo esta noite.

Toda a ansiedade criada pela chegada do comandante desapareceu, e o tenente Hospodin sorriu. O capitão dirigiu-se a ele com um tom cordial.

— Por favor, continue, camarada tenente.

— Sim, camarada capitão. — O ex-padeiro virou-se para os homens e disse: — Acabamos de discutir Jirí Wolker sob o ponto de vista de seus poemas. — Então teve urna brilhante ideia, baseada na antiga tendência dos oficiais de explorar a capacidade de seus subalternos para sua própria glória. Virou-se para a banca examinadora e perguntou: — Vocês têm mais perguntas a fazer sobre o camarada Wolker, camaradas?

A banca não tinha nada a perguntar. — Então, camarada comandante de tanque, o senhor se importa de tomar a dianteira?

E Danny saiu do seu cômodo papel de observador e passou a substituir o experiente impostor. Para concluir os testes com sucesso, usou um método que tinha aperfeiçoado na escola em Hronov para conseguir informações de gente altamente ignorante.

— Agora, camaradas, vamos analisar o livro de Alexander Fadyeyev chamado *A guarda jovem* — disse. — Como vocês se lembram, é um livro famoso sobre a resistência secreta dos jovens soviéticos contra os ocupantes nazistas. Levando em conta o título, quem dirigia essa resistência secreta? Sargento Mácha?

Mácha levantou-se e disse que era a juventude soviética que dirigia esse movimento. A juventude soviética se contentava com uma resistência meramente passiva ou lutava ativamente também? O comandante de tanque Hykal respondeu que a resistência também era ativa. Então Danny perguntou o que era uma resistência ativa, em oposição à resistência passiva, sem sabotagem e sem guerrilha, e o sargento Kobliha respondeu corretamente que na resistência ativa havia atos de sabotagem; depois acrescentou, sem ser perguntado, que as guerrilhas também estouravam pontes. Dessa forma a banca examinadora concluiu o assunto *A guarda jovem*.

Empregando a mesma técnica simples, a banca continuou durante uma hora estudando a maioria dos livros da lista de leitura. Até o capitão participou das discussões, e a impressão que restou foi de que todos os candidatos estavam bem

preparados.

No final, Danny perguntou ao tenente Prouza, sentado na cadeira como um morto-vivo, se ele tinha mais alguma pergunta a fazer. Prouza disse que não. O comandante de tanque virou-se para o capitão e fez a mesma pergunta, e ele, envaidecido porque a discussão lhe dera a oportunidade de mostrar sua experiência em treinamento de combate, começou a falar de um livro chamado A história de um homem comum, a respeito de um herói soviético, piloto de caça, que voltou para suas funções depois de amputar as duas pernas, e continuou a derrubar Messerschmitts alemães como se fossem pombos de barro. Matka comparou esse heroísmo ao heroísmo do sargento Blahy do Décimo Batalhão Blindado, que, apesar de uma febre alta, continuara a operar o tanque de comando do esquadrão durante as manobras para que seu esquadrão não perdesse as notas na avaliação final. Infelizmente, os homens do batalhão do capitão já sabiam dessa história porque conheciam pessoalmente o sargento heroico, que não fazia segredo de que o verdadeiro motivo por trás do seu heroísmo foi a possibilidade de ser absolvido do roubo de algumas caixas de tabletes de açúcar da cozinha do batalhão, para serem vendidas no mercado negro.

De qualquer forma, depois da inesperada avaliação positiva do próprio comandante da divisão, tendo em vista as recentes manobras desastrosas, o bom humor do capitão contagiou até mesmo os candidatos à insígnia Fucík com seus conhecimentos nebulosos. Apertando-os valentemente (na sua imaginação) contra seu grande peito, lhes concedeu a absolvição. No final do teste todos se mostraram satisfeitos, exceto o tenente Prouza. O capitão se levantou — o tenente Hospodin aproveitou-se rapidamente do bom humor dele para lhe pedir dois dias de licença por motivos de família — e os candidatos saíram em grande algazarra da sala, sonhando com as estrelas de metal nas suas túnicas para impressionar as moças quando voltassem para casa. Os participantes da banca examinadora atravessaram a aleia de castanheiras que dava na enfermaria, onde se sentaram em volta do fogão quente e tomaram chá em canecas de alumínio, divertindo-se com fofocas sobre os oficiais. A reunião era encabeçada pelo ginecologista tenente Dr. Sadar, que estava estudando magia negra e preparava, para a próxima sessão de treinamento dos oficiais, uma missa negra pela morte do primeiro-tenente Pinkas, pois desejava ardentemente sua linda mulher.



Mas o Dr. Sadar, aquele poço de desejo, não era membro da banca examinadora daquela noite, por isso não estava no departamento político quando o sol se pôs e a primeira brisa fresca do outono agitou as folhas das árvores no parque sombrio. Foi uma pena, pois a Sra. Pinkasová estava lá, linda como uma pedra preciosa, na companhia do capitão Matka, o primeiro-tenente Kámen, o tenente Hezky e vários outros tenentes. O único que não se encontrava presente era o tenente Prouza, que saíra com a desculpa de que tinha um misterioso compromisso em Praga. (O sargento Kanec deduziu que ele tinha ido se embebedar.) Ela estava sentada lá, com aqueles olhos melancólicos, um batom de cor viva nos lábios, e um suéter amarelo bem justo. Diziam as más línguas que seu marido não conseguia satisfazê-la sexualmente.

Com frequência o capitão Matka mandava o primeiro-tenente substituí-lo nos exercícios do staff, que duravam dias seguidos, e aquele homem consciencioso passava muitas noites na sala secreta de mapas (em vez de ir para seu apartamento na vila dos oficiais casados, no monte Zephyr, com uma linda vista para o campo de instrução), debruçado sobre mapas, ordens e planos de batalha, com a dedicação da classe operária. Apesar da sua dedicação, ele nunca fora promovido. Anos antes, quando era aprendiz de caldeireiro, ele fugiu do Protetorado da Boêmia e Morávia ocupado pelos alemães e teve uma série de aventuras indesejáveis na Europa ocidental, que ninguém atualmente invejava (exceto uns jovens tolos). Depois que a França caiu sob o jugo dos nazistas, ele se escondeu por um tempo na República de Vichy e conseguiu escapar em uma lancha a motor, mas uma tempestade virou a lancha e ele foi salvo por um navio mercante português e largado na Costa Leste dos Estados Unidos. Sob a suspeita de ser um espião, o primeiro-tenente foi preso, mas quando os japoneses atacaram Pearl Harbor ele se viu de farda americana, combatendo o inimigo na praia de Okinawa. Ferido e condecorado com várias medalhas imperialistas, finalmente voltou para as unidades da Tchecoslováquia na Inglaterra e passou todo o final da guerra no front ocidental, como motorista de um tanque Cromwell, do qual só se podia sair quando a torre estava numa certa posição, o que o tornava um eficiente crematório para quem tivesse o azar de estar lá dentro quando o tanque era atingido.

Essas perigosas aventuras haviam deixado o primeiro-tenente bastante calvo, e nos próximos anos a serviço do Exército Democrático do Povo seus poucos fios de cabelo ficaram grisalhos e seu rosto tornou-se uma máscara de ferro. O Dr. Mlejnek caçoava dele, mas Danny às vezes achava que aquela máscara, ao contrário das máscaras dos outros oficiais, não era um espelho autêntico da alma do tenente Pinkas.

Entretanto, ninguém sabia como era o serviço sexual que ele prestava à sua esposa, e naturalmente aquela bela senhora não falava sobre isso. Na verdade, a Sra. Pinkasová era muito calada, e só seus olhos negros falavam quando ela ficava debaixo das castanheiras, do lado de fora do batalhão, com aquele suéter amarelo, segurando pela mão o bebê do primeiro-tenente. Ia lá, noite após noite, perguntar se seu marido voltaria para casa. As sentinelas sempre atendiam-na com boa vontade e presteza.

Em geral, informavam que infelizmente o camarada primeiro-tenente Pinkas estava ocupado e que só a veria no dia seguinte. Com uma voz triste a linda senhora agradecia à sentinela e saía pela alameda de castanheiras, sendo observada pelos soldados, que se aglomeravam em volta das janelas até o suéter amarelo desaparecer entre as sombras das copas das árvores. Ao contrário dos boatos em torno da esposa de Bobby Kohn e de outras esposas que eram objeto de uma mitologia erótica, não se sabia se a melancólica Sra. Pinkasová chegava a ultrapassar os limites porque era insatisfeita — pelo menos como desejava o tímido Sadar, que preferia recorrer à demonologia a usar seu charme de ginecologista.



Como o comandante de tanque Smiricky era muitas vezes encarregado de importantes tarefas na sede do batalhão, ele era sempre chamado para dar a triste informação à esposa do primeiro-tenente sobre o trabalho extra do seu marido. Depois de desincumbir-se tantas vezes dessa tarefa, ele também teve oportunidade de olhar naqueles olhos negros e melancólicos — os olhos eram negros, tão negros que era quase impossível ler alguma coisa ali sobre ela e sua vida no apartamento acima do campo de instrução.

E o comandante de tanque estava convencido de que por trás daquele carvão havia fagulhas, que com o calor do hálito humano seriam transformadas em

chamas.

Imaginem então sua esperança quando ele viu a gentil flor abrilhantar o semicírculo dos oficiais. Seus olhos negros pousaram nos dele, e ele teve a impressão de que haviam ficado ali um pouco mais do que a conveniência ditava, até voltarem a olhar para a frente.

A banca era presidida pelo comandante de tanque e o próprio primeiro-tenente Ruzicka; os outros dois, o Dr. Mlejnek e o sargento Kanec, eram meros figurantes. Como todos eles se conheciam, não houve os discursos introdutórios usuais, e à medida que os testes foram sendo iniciados, ficou claro que os oficiais tinham lido quase tanto quanto os seus subalternos. Suas respostas, por outro lado, eram muito mais ousadas e inventivas. O capitão Matka estabeleceu o tom imediatamente quando, perguntado a respeito do livro de Alois Jirásek, Os hussitas, vitoriosos sobre os cruzados, declarou que era um romance sobre Jan Hus, que lutara contra os jesuítas porque eles haviam queimado livros tchecos e deixado os colonos alemães atravessarem as fronteiras da Boêmia. O presidente disse que a queima de livros pelos jesuítas havia ocorrido "mais tarde", mas o capitão fez um gesto com a mão e falou: "Mas tudo começou naquela época."

Os outros, esquecendo-se da disciplina, pareciam estar tentando superar seu comandante em uma luta justa. O primeiro-tenente Kámen achava que Julius Fucík escrevera o Relatório do patíbulo para o jornal Rude Právo do Partido Comunista, e fora preso por isso durante a ocupação nazista. Ficou surpreso quando ouviu que havia ocorrido o contrário, mas concluiu que ele tinha apenas confundido a ordem cronológica. Depois o tenente Hezky, o puxa-saco, informou à banca examinadora que antes da guerra Fucík também compunha música — fato que os livros sobre ele haviam omitido injustamente — e tinha composto a "Valsa do Patinador". Ficou confuso quando ouviu dizer que o compositor era outro Fucík, mas falou que os nomes eram idênticos e os dois eram interessados em música. Embora o tenente Slajs pensasse que Primavera no rio Oder, um romance sobre a ofensiva soviética durante a Segunda Guerra Mundial, versava sobre os balseiros da Polônia, e a Sra. Pinkasová confundisse o romancista político Ostrovsky com o dramaturgo burguês de anos antes, isso pareceu irrelevante diante de tanto sucesso.

De qualquer forma, a Sra. Pinkasová aumentou de forma considerável o brilho daquela noite. Durante algum tempo o tenente Ruzicka ficou sem jeito de lhe perguntar alguma coisa, mas finalmente superou sua timidez e pediu que ela fizesse um comentário sobre um romance chamado O vento não voltará. Quando ela respondeu, sua melancólica voz de mezzo-soprano pareceu encher o ar com nova vida. Danny estava embriagado com o seu charme, o colorido da sua voz, seu perfume suave, doce, artificial, tão artificial quanto aqueles lábios rubros, os

dentes cor de pérola, o arqueado das sobrancelhas e o cabelo ondulante em volta do pescoço. Ele parecia um pateta.

Adorava coisas artificiais. Eles eram criados com esforço, mantidos com esforço, e no final sucumbiam à decadência natural. Danny sentia tal ardor que o passava para ela, tal desejo que dava quase para atingi-la, pois, afinal de contas, ela não era de cera, era artificial só na superfície. Mas se seus sentimentos passavam para a Sra. Pinkasová, ela não dava nenhuma demonstração disso. Respondia às perguntas, mas os membros da banca examinadora sentiam-se tão hipnotizados por sua voz que ninguém sabia o que ela dizia. Então o primeiro-tenente virou-se para a banca e perguntou se alguém tinha alguma coisa a acrescentar. Danny levantou-se, olhou de novo nos olhos da candidata e perguntou o que ela poderia dizer para a banca — uma banca congelada em catalepsia erótica — sobre Jirí Wolker. Os olhos negros desapareceram por um instante por trás dos cílios, e todo o seu rosto pareceu ficar ligeiramente sombrio. Quando começou a falar, com aquela voz de oboé, a banca suspirou involuntariamente e o comandante de tanque sentiu uma suave fagulha elétrica entre eles. Ficou olhando perdido para aqueles olhos, e dessa vez ela não evitou seu olhar; os olhos negros impenetráveis revelavam que era ali, ao alcance deles, que ele devia buscar a resposta à pergunta que seu desejo súbito e forte tinha expressado.

Jirí Wolker, disse ela, era um menino pobre de uma família proletária, que mesmo quando criança teve de fazer trabalhos pesados e muitas vezes passou fome. Como era estudioso e tinha muita energia, foi para a universidade, mas aos vinte e quatro anos não resistiu às consequências da pobreza e da desnutrição e morreu tuberculoso.

A primeira república capitalista burguesa tentou de toda forma boicotar seus poemas; nenhum editor os publicava, e os poemas circulavam apenas entre os jovens entusiastas que gostavam da sua obra e os mimeografavam e distribuíam ilegalmente. Hoje, porém, Wolker tornou-se o poeta de todos os jovens, e sua obra nos ajudou a criar uma vida nova, melhor e mais feliz para nós...

A proletarização radical do poeta politicamente correto que viria a ser um clássico foi recebida pela plateia em silêncio. Quando a mulher melancólica recitou, a pedido de Danny, um poema de Wolker que sabia de cor (sobre uma caixa de correio na esquina de uma rua) e seu rosto ficou ainda mais sombrio, as palavras confundiram-se com o sussurro do vento e o farfalhar das castanheiras, e a base militar de Kobylec saiu do mapa do mundo. Quando ela terminou, a plateia aplaudiu de forma abrupta e cerimoniosa, e os exames para a insígnia Fucík do Sétimo Batalhão, comandados com sucesso pelo capitão Matka, chegaram ao fim.



Mas Danny não estava tão satisfeito quanto o capitão e seu oficial político, que bateu os calcanhares e formou uma escolta para a nova e linda portadora da insígnia honorária. Naquela tarde seu marido (representando o capitão) saíra por cinco dias para preparar algumas manobras da divisão. A Sra. Pinkasová tinha uma longa caminhada à sua frente pela base militar escura até chegar a sua casa no monte Zephyr, e precisava de proteção. Os galantes oficiais juntaram-se à sua volta, abriram a porta e fizeram-na passar primeiro, sem perceber

que seus olhos negros transmitiam uma breve mensagem para Danny, que parecia extremamente sério. Ela foi caminhando entre as botinas pretas e insígnias pela aleia de castanheiras, deixando Danny sozinho no escritório com seu desejo. Como esse desejo por ela era enorme (e ele detestava se masturbar), tentou desesperadamente e em vão esquecê-la através do trabalho, uma medida que dizem que tudo cura. Começou escrevendo um resumo para as aulas políticas dos convocados da reserva sobre o tema "A agrobiologia de Lysenko e Michurin: uma poderosa ferramenta nas mãos da agricultura da Tchecoslováquia".

O tenente Hezky tinha de falar sobre esse tema no dia seguinte, mas como na vida civil ele era aprendiz de vendedor de mercearia e se matriculara na escola de treinamento para oficiais de tanque a fim de não ser mandado para as minas, não estava preparado para desempenhar essas tarefas intelectuais. Então fez um trato sigiloso com Danny — muito vantajoso para ele —, segundo o qual daria ao comandante de tanque uma licença de um dia em troca de três resumos desses.

Danny começou a trabalhar sem a ajuda dos livros. Ele não sabia nada sobre a biologia de Lysenko e Michurin, mas era uma ciência totalmente desconhecida de toda a divisão blindada, e ninguém esperava que os convocados aprendessem alguma coisa sobre isso. Só se pedia que eles soubessem, depois de ouvirem as palestras, que a agrobiologia de Lysenko e Michurin era uma arma poderosa nas mãos da agricultura da Tchecoslováquia porque explorava as vantagens da ciência soviética; antigamente os camponeses ricos tomavam todas as decisões por conta própria e, como consequência, a pobreza dos pequenos fazendeiros aumentava ano após ano.

O comandante de tanque trabalhou bastante. Estava movido por um desejo frustrado, portanto escreveu com paixão. Ao terminar o último parágrafo, o relógio marcava onze horas, a hora em que as luzes se apagavam. Não havia conexão alguma entre o que ele escrevera e o tema da palestra, mas Ruzicka iria gostar muito do conteúdo ideológico. E essa época, escreveu, pondo no texto toda a energia reprimida que dificilmente seria esgotada naquela noite, está aos poucos sendo alcançada — apesar dos milhares de obstáculos colocados no nosso caminho pelo inimigo de classe, o inimigo que se senta à mesa dos diretores dos monopólios americanos, o inimigo que se esconde por trás de slogans do nosso próprio partido, o inimigo que espera sua chance para agir aqui entre nós, e que, usando armas de pensamento duvidoso e irracional, tendências de pensamento que nossos olhos e ouvidos põem nas suas mãos, e o sombrio movimento de remanescentes do passado antigo, destrói e suprime em nossos corações a chama do zelo revolucionário. Mas, por mais violenta que seja essa investida, a chama é inextinguível. Queima no nosso sistema nervoso, no nosso coração, é consumida em nosso cérebro, seu brilho vermelho envolve o globo. E o tempo está amadurecendo. Talvez até mesmo amanhã a grande conflagração se espalhe pelo mundo, a grande revolução global que irá acabar com toda a sujeira do mundo, dentro e fora de nós, e com um Ponto de exclamação de fogo e sangue marcará o verdadeiro início da história da humanidade.

Sua paixão foi silenciada e apaziguada, e ele se sentou confortavelmente na cadeira do oficial em comando, olhando para o céu escuro, visível aqui e ali através das castanheiras. O rosto da esposa do primeiro-tenente apareceu na sua imaginação e ele ouviu de novo o dueto que as folhas farfalhantes tinham cantado com aquela voz. Foi só com o subconsciente que ele ouviu a voz da sentinela e o bater de calcanhares, aquele som atávico de valentia. O que aconteceu em seguida, Portanto, foi abrupto como uma rajada de metralhadora.

A porta abriu-se e apareceu a esposa do primeiro-tenente em carne e osso, com sua linda boca, seus olhos negros e seu eterno suéter, sorrindo para o comandante de tanque.

— Com licença, acho que deixei uma cesta com ameixas aqui. Danny Pulou da cadeira como se tivesse sido apanhado fazendo uma coisa errada.

— Certamente... é claro... por favor... A esposa do primeiro-tenente andou lentamente até o cabide de casacos, muitos segura, e viu uma grande cesta de palha cheia de ameixas. Ao pegá-la, ficou óbvio que a cesta era pesada demais. A Sra. Pinkasová sorriu de novo, disse boa-noite e preparou-se para sair.

A essa altura Danny já havia se recuperado do susto, e se dispôs a pegar a cesta.

— Espere, Sra. Pinkasová, vou ajudá-la.

— Oh, não, está tudo bem, eu posso carregar — disse ela, mas passou a cesta para ele, que estava pesada mesmo, mas naquele momento o comandante de tanque poderia ter carregado até um canhão. Seu simples sorriso comoveu-o tanto que ele ficou sem fala.

Os dois andaram em silêncio pelo saguão, onde a sentinela bateu continência quando eles passaram e deu um sorriso matreiro para o comandante de tanque; um instante depois eles estavam lá fora, debaixo das estrelas. Os passos dela ressoavam entre as barracas, e as sentinelas, que ainda se encontravam sentadas nos degraus das entradas iluminadas olhando as estrelas, viraram-se mecanicamente para seguir aquela figura de suéter amarelo. O comandante de tanque lutou contra um completo vácuo mental, em que não conseguia dizer coisa com coisa. A situação era bem clara. Ela teria de ser distraída demais para esquecer uma cesta como aquela, pesando uns quinze quilos pelo menos. E já passava das onze da noite. Ela teria se lembrado da cesta quando Matka e Ruzicka lhe deram boa-noite do lado de fora da vila dos oficiais casados, no monte Zephyr, e marcharam pela noite para se encontrar com suas esposas, dando-lhes prazer pelo menos naquela noite. A situação era bem clara, e o cérebro de Danny trabalhava febrilmente, com toda a lógica. Como, infelizmente, ele não conseguiu pensar em uma boa maneira de puxar assunto, ela disse:

— Pesa muito, não é?

— De jeito nenhum.

— Eu posso levar daqui em diante. Só falta um pouco para chegar.

Pôs a mão na alça da cesta, tocando nos dedos dele.

— E você tem de voltar para a sua unidade — disse, com suavidade.

Seu dedo quente continuou a roçar na mão dele.

— Pode ir agora — disse ela.

— Não, eu não vou voltar — falou o comandante de tanque.

— Você vai se meter em encrenca.

— Nada disso. E mesmo que fosse... uma encrenca por sua causa valeria a pena.

— Valeria mesmo? E se você for preso por ter voltado tarde?

— Eu adoraria passar a noite na prisão por sua causa.

Ela sorriu misteriosamente, mas não com o sorriso normal que usava com os recrutas e os oficiais. Depois virou o rosto de lado, com um ar melancólico, terno e inescrutável.

— A noite está linda — disse. — Mas logo vai chegar o outono.

— É — disse Danny. — E nós vamos voltar para a vida civil.

— Você deve estar louco para que chegue logo.

— Você sabe como é... nós já estamos aqui há dois anos...

— Eu estou há quatro — disse ela com amargura.

— Acho que não é muito divertido, é?

— Você deve saber bem.

— Sei sim — disse ele, calando-se em seguida. Provavelmente era melhor não dizer nada. Ela ficaria bem num filme mudo, com acompanhamento musical em separado. Aqueles olhos, a boca, o dueto com as castanheiras, aquela voz.

As maravilhosas sombras das suas coxas...

— O camarada primeiro-tenente não pode dar um jeito de ser transferido para um lugar mais interessante?

— Onde? Todas as bases de divisões blindadas são iguais.

— Às vezes são localizadas nas cidades.

Ela franziu a sobrancelha e falou com tanta amargura que ele se surpreendeu.

— Meu marido tem de ficar aqui.

— Por quê?

— Ele tem, só isso — disse ela, calando-se de novo. Depois disse: — Se ele quiser ser promovido mais uma vez terá de ficar aqui. Você deve saber disso, camarada comandante de tanque. Você não nasceu ontem.

— É, eu sei por quê. — Ele sabia de muita coisa. Coisas faladas nas sessões secretas do círculo de magia negra presidido pelo Dr. Sadar, nos infindáveis domingos monótonos que deveriam ser dedicados às alegrias da nova vida pulsante daquela sociedade superjusta e presunçosa. Havia algumas pessoas que não sabiam dessas coisas; era certamente um conhecimento sério que não se podia passar adiante. Mas, disse ele consigo mesmo, ela não é das que não sabem. Havia sempre um forte elo entre as pessoas que sabiam. Naquele momento, esse elo simplesmente reforçou outro, mais interessante.

Mas a abertura aumentou o prazer do primeiro ato. Ao caminharem até o monte Zephyr, na direção do campo de instrução e da nova vila dos oficiais, deviam estar ouvindo o ronco dos motores e o barulho seco do canhão; mas até agora nada, pois os sons vinham do outro lado da colina. O Trigésimo Batalhão tinha treino de tiro naquela noite.

A esposa do primeiro-tenente quebrou o silêncio de novo. — Você é estudante, não é? — Eu era. Infelizmente não sou mais. — O que você estudava? — Filosofia.

— Então tem um doutorado, não é? Danny hesitou. Ele não estava mais em idade de se vangloriar de um título acadêmico. Mas ela pertencia ao círculo mágico.

— Tenho sim. Ela deu um suspiro alto. — Você teve sorte de estudar. Eu queria ir para a universidade também. Quis terminar o ginásio com um professor

particular, mas...

— Por que não terminou?

Ela deu de ombros. — Eu me casei.

— E sendo casada era impossível?

— Você conhece bem meu marido, não é? — Depois acrescentou depressa. — Tudo é difícil aqui em Kobylec. Além do mais, eu não tenho cabeça para isso e tive um bebê logo depois que me casei... — Ela jogou a cabeça para trás.

Minha rosa de Sharon, disse o comandante de tanque consigo mesmo, *para que você precisa saber alguma coisa*?

— Você não deve se preocupar — disse ele.

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que eu disse. Você acha que saber as coisas traz felicidade?

— Não sei. Mas deve ser bom saber bastante.

— Há coisas melhores — afirmou ele.

— Eu não acho que haja — disse ela.

— O que você sabe ninguém pode lhe tirar.

— Há outras coisas que não nos podem tirar.

— Não há, não. Todo o resto pode ser tirado. A gente pode perder tudo.

Eles andaram até o alto da colina e à esquerda, logo abaixo, viram o campo de instrução, escuro naquela noite negra. Ao longo do campo moviam-se pequenas luzes das grandes sombras escuras dos tanques. Na elevação acima do vale, os alvos tremulavam. Os motores roncavam e as balas traçantes zuniam dos canhões e das metralhadoras e voavam em arcos rápidos — que pareciam lentos àquela altura — pelo vale e na direção dos alvos.

Os dois pararam e Danny pôs a cesta de ameixas no chão. Os tiros ecoavam abaixo deles, e as figuras escuras moviam-se para a frente e para trás em volta das luzes.

Lizetka olharia para ela com pouco-caso, pensou, para essa mulher ignorante, já não mais uma garotinha, presa a um filho e com milhares de desejos fervendo na sua cabeça. Mas Lizetka não estaria completamente certa. Lizetka, sua putinha de Radlice. Você pode ter formação universitária, mas ela vai me dar o que eu quero. E você pode ir para o inferno, minha querida; de qualquer forma, eu não entendo você.

Uma nova rajada foi ouvida, e Danny olhou nos olhos negros dela. Imagens mínimas de balas traçantes de festim passaram pelo campo abaixo. Mas você eu posso entender, disse ele consigo mesmo. Você eu entendo, minha rosa, embora isso não seja nada especial, pois todos a entendem. E os boatos sobre você são provavelmente verdadeiros.

— Meu caro camarada comandante de tanque — disse a esposa do primeiro-

tenente, como que confirmando os boatos —, o que você está esperando?

Então ele não esperou mais.

— Me leve para casa, Jana — disse ele. — Eu quero ir para casa com você.

Ela pôs as mãos em volta da cabeça dele e o beijou. — Aposto como quer mesmo. Não é preciso me dizer. Esse soldado está aqui há dois anos. Dois anos de monotonia. E agora pode beijar a esposa do primeiro-tenente Pinkas.

— Que é muito doce e linda.

— Linda — repetiu ela, franzindo a sobrancelha. De qualquer forma ela ficava linda. — Tão linda que todos os soldados se viram para olhar para ela, e nenhum deles acredita que ela seja fiel ao seu primeiro-tenente.

Danny riu.

— Nem o comandante de tanque, não é?

Ele deu de ombros.

— Ele espera que se ela for fiel, faça uma exceção desta vez — disse ele.

— Ela não vai fazer. Porque não é uma esposa fiel. Nem um pouquinho.

Danny abraçou-a e começou a beijá-la avidamente no meio da estrada. O vento da noite silvava, os motores roncavam no campo de instrução, os tanques estalavam, as ordens eram gritadas. Depois ela o empurrou para trás e disse:

— Vamos.

A Sra. Pinkasová foi andando depressa pela estrada enluarada, e ele pegou a cesta de ameixas e foi quase correndo atrás dela. Ao chegarem em frente a um grupo de apartamentos novos, deixaram a estrada. Deram a volta em um dos prédios e pararam na porta. Um clarão vermelho passou pelo céu. Ela destrancou a porta, os dois entraram, e quando a porta foi trancada de novo ele a abraçou mais uma vez. Ela o beijou vorazmente e disse:

— Agora não vai demorar.

Jana, disse o comandante de tanque consigo mesmo. *Uma esposa comum de oficial, frustrada e negligenciada, mas que mulher! Ela é triste. É triste, como a maioria das pessoas. Por que não posso fazer esta mulher feliz? Por que ela não pode me fazer feliz?* Danny se sentiu pleno naquele momento, pela noite inebriante, pelos tanques e pelo final de dois anos de serviço militar.

Tudo isso o fartava a ponto de transbordar. Ele tirou tudo da cabeça e subiu as escadas atrás dela. No terceiro andar ela destrancou uma porta e ele entrou.

— Quieto — sussurrou. — O pequeno Honza está dormindo.

Jana o levou para a cama de casal, com lençóis limpos e cheirosos. Da janela pendiam delicadas cortinas.

Quando ele se deitou nu ao lado dela, debaixo das cobertas, falou:

— Janicka, eu....

Mas ela pôs a mão na sua boca e disse: — Não diga nada. Fique quietinho e

me aperte bastante. Não fale nada, fique só aqui comigo, meu querido; você não devia estar fazendo isso, pois vai acabar sendo preso, e eu vou dizer a eles que você me forçou, porque eu sou uma esposa fiel e não uma vagabunda. Mas não posso fazer nada se tudo é tão... tão... espere, Daniel está no covil do leão, como você vai se arrepender disso! Mas agora seja feliz comigo, seja feliz comigo — disse ela, apertando-se contra ele.

Isto tinha de acontecer no final do meu serviço militar, bem no final. Que piada idiota e cruel! Agora só me falta um mês. Eu podia estar transando com ela há dois anos, como os outros, mas em vez disso vivi pensando em Lizetka, aquela puta de Radlice, aquela mulher hipnótica de gelo. Janinka. A gente só sabe que tem uma coisa quando começa a perdê-la. Quando está quase no final. Essa estúpida lei da vida. Tudo chega tarde demais. Tarde demais.

Danny ficou deitado ali com ela, e do lado de fora as balas traçantes de festim douradas cruzavam o céu e atingiam os alvos, visíveis da cama porque ficavam na elevação bem em frente à casa. E eles fizeram amor de novo vendo todo aquele espetáculo de fogos; os tanques roncavam e estalavam pelo terreno, criando sulcos no chão, e Jana beijava-o e passava a mão pelo seu corpo. De repente ela deu uma gargalhada irritada e disse: — Tanques! Tanques! Rapazinho doce e atrevido. Esses tanques estúpidos e idiotas!

3

Uma noite no Corpo da Guarda

O soldado Bamza passou pelo corredor da casa da guarda balançando um molho de chaves, batendo nas portas das celas e gritando. — Hora do xixi, cavalheiros. Hora do xixi. De todas as suas obrigações como auxiliar de escoltador de prisioneiros, aquela era a que ele cumpria com maior dedicação. Mas havia uma razão para isso.

Graças a um brilhante projeto arquitetônico do construtor austro-húngaro, a parte do corpo da guarda destinada às acomodações involuntárias dos detentos era separada, por uma enorme grade de ferro, da área destinada aos guardas e vigias. Segundo os regulamentos (estritamente respeitados porque eram sempre fiscalizados), aquela grade devia ficar trancada dia e noite, e à noite as portas das celas individuais também deviam ficar trancadas. O problema era que os banheiros dos detentos ficavam do outro lado da grade, junto às acomodações dos guardas. Uma das obrigações do auxiliar de escoltador, dia ou noite, era destrancar primeiro a porta da cela e depois a grade para qualquer detido que precisasse aliviar-se. Portanto, não era de surpreender que Bamza, em geral um relapso, tivesse tanta consciência de levar os presos para os banheiros antes de se recolher. Outra razão para essa consciência excessiva era a imprevisibilidade do destino militar, no qual o escoltador hoje bem podia se tornar o prisioneiro de amanhã.

Uma multidão barulhenta saiu das celas, segurando as calças com as mãos, pois seus cintos tinham sido confiscados. Aqui e ali elementos do regimento de infantaria mecanizado, ainda de botinas mas sem os cadarços, arrastavam os pés pelo corredor para não perderem os calçados. Esse grupo de detentos, privado de todos os meios de suicídio por enforcamento, juntava-se barulhentamente no pequeno cômodo destinado a satisfazer suas necessidades físicas. Os que não precisavam disso naquela hora corriam pelas escadas que levavam à entrada principal para fumar os cigarros escondidos nas fardas, e pediam fogo ao guarda

de plantão. Contente com aquele alívio momentâneo depois de duas horas de completa monotonia, o guarda trocava seu rifle automático da posição regular junto ao estômago para a posição proibida de descanso nas costas e, olhando com cuidado para os lados, acendia um cigarro para si também.

O oficial dos guardas, um jovem tenente do treinamento básico chamado Malina, subiu as escadas do pátio. À luz da lua, que iluminava a fachada baixa de tijolo vermelho do prédio, suas bochechas rosadas estavam mais escuras. Contra todos os regulamentos, ele estava ali sem seu quepe. Desceu o corredor, pegou uma cigarreira, ofereceu cigarros aos presos e pediu fogo para Sandor Nagy, um soldado cigano que servia no vigésimo terceiro corpo da guarda durante seu serviço militar de dois anos.

Nagy logo puxou conversa. — Bom, camarada tenente, quanto tempo mais você tem por aqui?

— Umas duas semanas — respondeu o tenente, rindo contente. — Sorte sua, camarada tenente — suspirou Nagy. O tenente não estava a par da carreira militar de Nagy, e disse: — Você também não vai sair daqui a umas duas semanas? Sandor Nagy fez uma expressão de desesperança, balançou as mãos e respondeu:

— Duas semanas nada. Os filhos da puta vão me fazer servir mais um pouco.

Vários detentos riram com sarcasmo. — O que você andou fazendo? — perguntou Malina. — Nada — disse Nagy, com uma voz magoada. -Um amigo meu me escreveu dizendo que minha mulher estava me passando para trás e eu dei uma fugida.

— Sem passe? — Isso mesmo, sem passe — admitiu Nagy. — Você sabe como é, camarada tenente. Eu sou muito ciumento e fui dar uma olhada. Não podia esperar até o camarada capitão me dar um passe especial.

— E você ficou muito tempo fora? — É claro, camarada tenente — disse Nagy irritado. — Fui até minha casa e não encontrei minha mulher. Minha mãe me disse que ela tinha ido na casa dos Erdessys. Então fui lá e encontrei meu tio Kolman sentado na sala, mas minha mulher não estava em lugar algum. Perguntei ao meu tio onde ela estava, e ele disse que não tinha ideia, mas que eu devia ficar de olho nela. "O rádio diz que você está no exército para proteger as esposas e as crianças, então proteja a sua mulher e pare de encher meu saco", disse ele. Eu fiquei puto, dei um soco no meu tio e ele me socou também. Então Istvan, meu primo, apareceu e pulou em cima de mim. Eu dei um soco nele também e quebrei-lhe uns dentes. Istvan começou a gritar e Lajos e Ferenc, também meus primos, apareceram e me deram uma surra tão grande que eu tive de ficar hospitalizado durante uma semana. Foi então que o exército me encontrou.

— E onde estava sua mulher? — Nem queira saber, camarada tenente — disse Sandor, sacudindo as mãos de novo. — Estava com os outros Erdessys, que são parentes da cunhada do meu pai.

Sandor cuspiu no chão de concreto do pequeno pátio, bem no meio de um mosaico com um retrato irreconhecível de um dignitário. Os outros prisioneiros riram de novo.

O soldado Bamza veio do corredor sombrio e sacudiu as chaves.

— Atenção, cavalheiros. Vamos nos divertir um pouco.

— Divertir? — perguntou um prisioneiro com um ar cético. Ele tinha a barba crescida e estava sentado nos degraus.

— Eu deixei a cela de Mitzinka trancada — falou Bamza. — Esperem um pouco e vamos escutar.

Eles ficaram em tal silêncio que podiam ouvir um dos guardas roncando e outros jogando baralho. Ninguém estava em posição de sentido dentro do corpo da guarda.

Afora esses ruídos o silêncio era absoluto, exceto pelo farfalhar das folhas na noite quente, um arrastar de cadeira e as passadas de botinas no chão de concreto.

O comandante de tanque Danny Smiricky — de plantão como escoltador de prisioneiros — apareceu na porta da sala de comando. Seu cinto estava frouxo e o revólver de serviço, dentro do coldre, pendia abaixo da cintura. O silêncio inesperado acordou-o da soneca que estava tentando tirar.

— O que está acontecendo aqui? —perguntou, quando viu o pequeno círculo de homens perto da porta que dava no corpo da guarda. — Quieto! — disse Bamza. — Estamos tentando ouvir Mitzi. Danny não compreendeu, mas ficou obedientemente na porta, pôs as mãos nos bolsos e cruzou uma perna por trás da outra. De repente os socos na porta de ferro ecoaram por todo o prédio, como se tivesse soado um alarme. Bamza riu mas não se mexeu. Os socos ecoaram pela prisão de novo, e dessa vez pelo corredor sombrio ouviu-se uma voz de mulher, uma voz alta mas nada desagradável.

— Ei, seus idiotas! Abram! Me tirem daqui! O rosto de Bamza ficou vermelho de tanto rir. Sandor Nagy batia nas coxas. A chorosa voz feminina do outro lado da porta continuava.

— Abram a porta, rapazes! Vamos! Abram essa maldita porta! Bamza teve de morder um lenço sujo para conseguir parar de rir. A voz agora era ameaçadora.

— Seus filhos da puta! Não precisam abrir a porta. Mas vocês é que vão limpar toda a sujeira depois.

— Abra a porta — disse o tenente Malina com uma voz preocupada.

— Eu vou contar até vinte, e se essa porta não for aberta até lá podem ir pegando um balde e uns trapos, seus filhos da puta, porque vão ter de limpar muita porcaria.

Atendendo à ordem de Malina, Bamza se levantou. Nagy o deteve.

— Espere um pouco, camarada tenente — sussurrou ele. — Eu tive uma ideia. Rapazes, venham aqui.

Os detentos juntaram-se em volta dele. Aos cochichos, que Danny não conseguiu ouvir, ele explicou seu plano. Então Nagy falou um pouco mais alto, tentando não rir, e o comandante de tanque captou as palavras "e eu dou a ordem".

O grupo de detentos juntou-se no corredor. Por trás da porta da cela uma voz contava. Os detentos formaram duas filas, uma de cada lado do corredor, e o soldado Bamza marchou entre elas sacudindo as chaves. A voz já tinha chegado ao número vinte e começava a dar outro ultimato quando Bamza destrancou a porta da cela, fez uma reverência e disse: — A seu serviço, madame. Uma jovem esguia apareceu na porta da cela, com um moletom verde apertado e chinelos, parecendo uma jogadora de basquete. Jogou a cabeça para trás e mostrou a língua para Bamza. Naquele momento, Nagy gritou com sua poderosa voz: — A-ten-ÇÃO! Os homens das duas filas perfilaram-se, retesaram os músculos da barriga e bateram continência com o máximo de formalismo. A sargento de carreira Marie Babincáková — conhecida como Mitzi — fez uma careta e mostrou a língua para Sandor Nagy. Fosse por causa do seu incrível *sex appeal* ou por causa da ausência de sexo no acampamento, as calças de quase todos os homens avolumaram-se na virilha. A sargento Babincáková fez outra careta, apontou para as mãos em continência e disse:

— Ponham suas mãos em outro lugar, cavalheiros. Depois deu meia-volta e correu para o banheiro. Os detentos caíram na gargalhada.

— Meu Deus! — disse Sandor. — Ela tem uma boca que parece um tubarão.

— Agora, cavalheiros, hora de dormir — disse Bamza com voz rouca, tentando restabelecer sua autoridade.—Luzes apagadas! — Conversando animadamente, os detentos voltaram para suas celas. Logo depois os beliches rangiam e as vozes aos poucos silenciaram.

O comandante de tanque saiu da porta e começou a fazer sua ronda. Passou pela grade aberta e olhou para o interior da primeira cela à esquerda. Era um quarto grande com um longo banco de madeira em toda a volta, no qual os detentos tentavam achar a posição mais confortável possível para dormir. O banco rangeu e encheu o quarto de um forte odor de corpos sujos. Danny continuou a andar. Adiante da cela grande — destinada aos que ficavam presos só à noite — havia uma fileira de celas, cada qual com duas camas, para os que

trabalhavam duro de dia. No final do corredor havia várias celas de isolamento. Nesse meio tempo, Bamza trancava as portas do outro lado do corredor. Danny voltou para a grade, esperou até Bamza trancar tudo e tirou as chaves dele.

— Vou dormir — disse Bamza. — Não me acorde antes das duas e quinze. — Não se preocupe — falou Danny. Bamza desapareceu na sala da escolta e o comandante de tanque encostou-se na grade. Suspirou e pensou na sua falta de sorte, embora de nada adiantasse. Logo agora que seu tempo no exército estava quase acabando, esse outro tempo, muito mais agradável, estava bem no início. Mesmo assim ele sabia que na manhã seguinte faria tudo o que pudesse para ir a Praga no domingo ver Lizetka.

Isso porque Jana tinha avisado que o primeiro-tenente Pinkas iria passar o fim de semana com a família. Eu sou uma verdadeira puta, pensou. Essas duas mulheres são putas também; cada uma a seu modo, mas putas. Somos todos putas — uma verdadeira república das putas, pensou, virando-se e olhando para o corredor cinzento e vazio que dava na entrada principal do corpo da guarda, onde viu a silhueta de Malina e as árvores sob o céu estrelado.

A sargento Mitzi Babincáková saiu do banheiro e atravessou o corredor na direção dele, com seu moletom verde. Ele lhe deu passagem e a seguiu até sua cela. Quando ela estava na porta, virou-se para Danny. — Você vai me trancar, camarada comandante de tanque? — São as ordens, camarada. — Mas eu não gosto de ficar trancada.

— E eu também não gosto de trancar você. Mas... — fez um gesto de desculpa — só me faltam duas semanas para deixar o exército, e você sabe como é.

— Claro — disse ela, com um ar de arrependimento. — Então eu acho que não vou te ver mais. Boa noite! — E bateu com força a porta da cela na cara dele. Danny virou-se e voltou para a sala de comando, onde viu uma luz acesa. Malina já estava sentado lá, e olhou para o comandante de tanque.

— Você tranca tudo? — Tranco — respondeu Danny, sentando-se à mesa, onde havia umas latas com restos de comida, duas xícaras de café, meio pão de centeio, um pedaço de salame mordido e três fatias sujas de bacon. Entre esses restos viam-se dois livros —O bravo Churgali, com o selo da biblioteca da base, e O trem de Istambul, de Graham Greene, um exemplar bastante manuseado que o comandante de tanque emprestara especialmente para seu plantão noturno do soldado de primeira classe Dr.

Mlejnek, um católico puritano.

Danny tirou uma carta amassada do bolso da calça do macacão e alisou-a em cima da mesa.

— Esta noite vai ser boa — disse Malina, com um ar ausente. — Kámen está

fazendo a ronda, e acho que vai dormir como sempre.

— Não há dúvida — concordou o comandante de tanque. — Vamos ter uma noite tranquila.

— Eu também acho — falou o tenente. Levantou a xícara de café, deu um gole, recostou-se na cadeira e limpou a boca com a manga da camisa. —Muito bem, acho que eu vou... dar uma volta. Entendeu o que eu quis dizer?

— Ótimo — falou Danny. Os olhos azuis do tenente olharam dentro dos dele para ver se ele tinha entendido.

— Se... se Kámen aparecer — continuou o oficial —, você pode dizer que eu fui inspecionar os guardas, está bem? Ele não se importa mesmo.

— Ótimo — disse de novo o comandante de tanque. — Eu digo a ele. — Bom. — O tenente olhou para o chão com um ar inexpressivo, depois olhou para Danny mais uma vez. — Então... eu vou indo.

— Pode ir. — Certo — disse ele. Levantou-se, espreguiçou-se e ficou ali indeciso, aparentemente examinando as paredes. — Então, estou. indo mesmo — falou, dando um passo na direção da porta e parando novamente. Por que será que ele não vai logo?, pensou Danny. Ela foi fazer xixi e está esperando por ele. Malina tossiu e de repente Danny percebeu por que ele hesitava tanto. Ficou envergonhado por ter deixado o namorador sem jeito.

— Desculpe, camarada tenente! — Ficou de pé, passou pelo corredor, andou depressa até a grade e destrancou-a. Ele podia ouvir os passos pesados do tenente. Os dois foram até a cela, Danny destrancou a porta e olhou para dentro. Estava tudo quieto, e o tenente entrou.

— Tudo bem — disse ele na escuridão. —Agora pode me trancar e me buscar na hora de trocar a guarda. Se alguém aparecer eu fui inspecionar as sentinelas.

— Está bem. Divirtam-se — disse Danny. — Obrigado, camarada — falou a mulher na escuridão. O comandante de tanque olhou rapidamente para dentro da cela, trancou a porta e voltou para a sala de comando. Sentou-se e olhou para a carta que estava sobre a mesa. Era da sua prima Alena, uma atriz que fizera nome há pouco tempo com um papel de operária numa peça chamada Cocô de cabra, e mais tarde com um filme do mesmo título. Ela estava encarregada de arranjar um emprego para Danny em Praga.

Querido primo,

Já arranjei tudo. Você pode começar a trabalhar na hora em que sair daí. Estou louca para te encontrar e te ver fardado. Você não veio nos ver nem uma vez em todos esses anos de serviço militar. Não veio nem ao teatro. Talvez nossa casa seja muito longe de Radlice, e os soldados não

tenham muito tempo, não é? Meu marido e o camarada Robert Neumann mandam lembranças.

Quando você chegar a Praga, apareça no teatro pelo menos.

Sua prima,

Alena

Que filha da puta, pensou. Como foi saber das fofocas? Até parece que Praga é uma aldeia onde não se pode guardar segredos. Ele se lembrou das estrelas brilhando acima de Radlice e das estrelas brilhando sobre o campo de instrução, e na sua fantasia viu o rosto doce e melancólico de Janinka, logo depois substituído pelos olhos de dragão da moça chamada Lizetka. Imagine, pensou ele, imagine se alguém mais soubesse desse romance. Pinkas me mataria. Ou então se divorciaria e eu teria de me casar com ela. Eu não me casaria com nenhuma das lindas mulheres burguesas, mas com Janinka. Ela não seria mais o fruto proibido. Não haveria mais a excitação e o medo de um marido enfurecido, com seu próprio revólver de serviço, voltando a qualquer momento. Talvez Janinka não fosse a mesma sem sua ideia de vingança.

Que droga! Quem poderia saber? Ele dobrou a carta, pôs a mão na pistola que estava no coldre, e voltou a sonhar.

Do lado de fora, em frente ao corpo da guarda, os passos lentos e ritmados da sentinela de botinas eram ouvidos no chão do pátio. O ar da prisão estava impregnado da música silenciosa da respiração humana. Todos estão dormindo, refletiu o comandante de tanque, e estão sonhando com carros, motocicletas, garotas, visitas em casa, passeios pelo mundo. Nesse momento o tenente Malina deve estar atirando balas microscópicas de pequenas Malinas de rosto rosado e olhos azuis em uma borracha colocada bem no fundo da sargento Babincáková, se ela for cuidadosa. O primeiro-tenente de ferro Pinkas deve estar se preparando para cumprir seus deveres conjugais pela primeira vez depois de muito tempo. O capitão Matka provavelmente fez o mesmo, mas agora já deve estar dormindo. Janinka está deitada na cama olhando para as estrelas acima do campo de instrução, pensando em mim. Pelo menos, espero que esteja pensando em mim. Lizetka deve estar na cama com um de seus amantes, deixando que ele a toque lascivamente mas não muito mais que isso... da minha parte, ela pode ir para... Danny bocejou e espreguiçou-se.

Seu cinto estava muito apertado, e ele o colocou em cima da mesa com o revólver de serviço. Seus pensamentos começaram a se misturar com os acontecimentos confusos dos sonhos, e sua cabeça pendeu para o lado. Driblou o sono por um instante, tentando manter os olhos abertos, mas finalmente sucumbiu ao tédio, à exaustão e à insatisfação.

Acordou assustado, achando ter ouvido a sentinela assobiar. O som pareceu

penetrar no seu corpo, e ele não tinha certeza se ouvira mesmo o assobio ou se estava sonhando. Levantou-se rapidamente, pegou o revólver de serviço e tentou afivelar o cinto, mas estava com muito sono e suas mãos não lhe obedeciam. Ficou de pé ao lado da mesa, com os pés ligeiramente separados, olhando para a barriga, tentando em vão apertar o cinto com a fivela do leão, quando a porta se abriu e por ela entrou o Diabo-Anão.

Danny ficou em posição de sentido, segurando o cinto com a mão esquerda para bater continência com a direita. Depois, lembrando que deixara seu quepe em cima da mesa, baixou o braço e olhou nos olhos do Diabo-Anão. Como um deus indignado, o major Borovicka separou as pernas, mostrando seu culote mínimo, pôs as mãos nos quadris e, como sempre, carregou sua expressão com toda a raiva e ameaça que conseguiu reunir.

— Camarada major — disse o comandante de tanque, com a mão esquerda ainda segurando o cinto —, durante minha ronda pelas celas não houve nada especial para ser relatado. Número de detentos: quarenta e dois. Todos contados, e agora aproveitando seu descanso noturno. Escoltador de prisioneiros, comandante de tanque Smiricky se apresentando.

Terminou de falar e manteve-se perfilado. O major levantou os olhos e lançou-lhe um olhar penetrante, mas não disse nada. Durante o silêncio que se seguiu, Danny podia ouvir Bamza esgueirando-se para fora do seu beliche na porta ao lado.

— Camarada comandante de tanque — começou o Diabo-Anão —, quais são os deveres de um escoltador de prisioneiros?

Danny não se lembrava de quais eram esses deveres nem de ter lido sobre isso, então respondeu o que era óbvio.

— O escoltador de prisioneiros é responsável pela ordem na prisão. Ele tem de abrir e trancar as celas, acompanhar os prisioneiros até o trabalho e de volta às celas, contar o número de prisioneiros, não permitir que os prisioneiros fumem nem guardem qualquer objeto que lhes possa causar ferimentos, não permitir...

— O escoltador de prisioneiros pode tirar sua arma de serviço da cintura durante o plantão? — interrompeu o major com frieza.

— Não pode. — E o senhor se comportou de forma adequada? — Não, senhor — admitiu Danny. — Como é possível isso? — perguntou o major. Danny ficou em silêncio.

— Como é possível isso, camarada comandante de tanque? Ele não respondeu, pois não havia desculpa por não cumprir as ordens vigentes. Por que tentar inventar circunstâncias atenuantes se elas não iriam atenuar nada? Azar. Ele já estava no fogo.

— Eu me descuidei e negligenciei minhas obrigações — respondeu Danny com firmeza.

Essa confissão tirou um pouco da empáfia do Diabo-Anão. Suas bochechas estufaram-se e sua têmpora começou a pulsar.

— Muito bem — disse ele depois de uma longa pausa. — Pelo menos o senhor admitiu seu erro. Mas esse descuido, essa negligência, essa inobservância às ordens não são desculpa. Onde está seu auxiliar?

— Está dormindo. — Acorde-o.

Danny se virou e tentou afivelar o cinto. Abriu a porta e deu de cara com Bamza, de pé, ao lado da porta, com uma cara aparvalhada.

— Soldado, venha cá — ordenou. Bamza caminhou para a frente, atravessou o portal, postou-se diante do major e apresentou-se com a sua voz rouca: — Assistente de escoltador de prisioneiros, soldado Bamza. O Diabo-Anão olhou-o de alto a baixo, depois disse com um tom desagradável: — Quantos detentos o senhor tem? Bamza hesitou, franziu o rosto, e respondeu: — Quarenta e cinco. — Mostre-me seu relatório — ordenou o major. Enquanto ele estudava o papel, Danny ficou pensando no que fazer sobre Malina. Estava com medo. Afinal, aquilo acabaria em prisão e em tempo extra no exército. Surpreendentemente, a possibilidade de ficar um tempo extra no exército não o apavorou tanto. Assim ele prolongaria seu caso com Janinka. Aquela moça está me influenciando, pensou Danny.

Está me tornando corajoso. Talvez eu acabe me casando com ela, se Pinkas não me matar primeiro. Olhou calmamente para o Diabo-Anão, que estava pronto para ter seu ataque de fúria.

— Segundo este relatório — disse ele num tom gélido —, vocês têm exatamente quarenta e um detentos, camarada comandante de tanque. Como é possível isso?

— Esse é o número correto, camarada major. — Então como é possível o senhor ter dito quarenta e dois? — Eu me enganei, camarada major. — Como é possível isso?

— Eu me esqueci do número exato. — Como é possível isso? A ladainha do major irritou o comandante de tanque. — Eu fui descuidado e não li o relatório — respondeu.

Se ele disser "Como é possível isso" mais uma vez...

Mas o major virou-se para Bamza. — O senhor disse quarenta e cinco. Como é possível isso?

Bamza também ficou irritado. — Como é possível isso? — Eu achei que nós tínhamos quarenta e cinco. — Como é possível isso? — Eu tenho uma memória péssima. Não consigo me lembrar de nada — falou Bamza, quase com tanta

raiva quanto o major. A questão universal de Borovicka não se aplicava ali. As ordens não diziam que os soldados eram obrigados a não ser idiotas. Aquele era o refúgio final de todos os soldados, exceto para os poucos infelizes com diploma universitário que não podiam se esconder por trás da idiotice.

O Diabo-Anão resmungou, depois virou-se para o comandante de tanque e fez a pergunta que ele estava esperando ouvir.

— E onde está o oficial de plantão? Agora ia haver encrenca. Danny respondeu o que Malina havia lhe pedido, mas sem muita esperança de o Diabo-Anão engolir aquela.

— Ele está inspecionando os guardas, camarada major. — Muito bem então — disse Borovicka. — Leve-me até a prisão. O comandante de tanque pegou a argola de chaves e atravessou o corredor em direção à grade. A luz era mortiça ali, como exigido pelo regulamento, e os passos da sentinela no pátio pareciam mais atentos que o normal. As coisas estão correndo normalmente, pensou Danny. Menos em uma cela. Talvez ele se canse da inspeção antes de chegar naquela cela. Destrancou a grade, que se abriu com um rangido, e o majorzinho entrou na prisão.

— Mostre os detentos que estão aqui por uma noite. O comandante de tanque obedeceu, destrancou a porta da cela e acendeu a luz. No enorme quarto, os prisioneiros empilhavam-se nos bancos, lado a lado. A luz brilhante acordou alguns delinquentes, ouviram-se vozes dizendo "Que merda é essa?" e "Apaguem a porra da luz", mas logo o quarto voltou ao silêncio. Então um soldado assustado percebeu o que estava acontecendo, deu um pulo para o chão e gritou:

— A-ten-ÇÃO! Um bando de detentos apoiou-se nos cotovelos para ver o que era. Os mais velhos e mais experientes fingiram que dormiam. Talvez o Diabo-Anão não tivesse a intenção de acordá-los, mas aquela óbvia falta de respeito o deixou irritado. Mandou Danny dar uma ordem para que eles se perfilassem e fez uma inspeção completa, com resultados desastrosos. Seis dos detentos tinham cigarros guardados, cinco tinham canivetes e um deles escondia um crucifixo dentro da caixa de óculos. O Diabo-Anão também confiscou uma garrafa de rum, várias camisinhas e munição para pistola. Deu ordem para que Danny fizesse um laudo preciso sobre tudo o que fosse encontrado, e Danny se sentiu como se estivesse escrevendo sua própria sentença de morte.

Os dois entraram em duas outras celas maiores e em duas celas para prisioneiros detidos por mais tempo. Nessa inspeção foram encontrados mais objetos ilegais, como cigarros, um caderno com versos obscenos e de natureza antimilitarista, quatro romances baratos e mais ou menos um quilo de salame; tudo isso iria entrar no laudo contra o escoltador de presos. Mas o maior desastre

ainda estava por vir. Eles se encontravam diante da cela de isolamento, onde a sargento de carreira estava presa.



— Quem está aí?

— A sargento Babincáková. Quinze dias de detenção.

— Hum — disse o Diabo-Anão. Por um instante pareceu que a discrição triunfaria sobre a curiosidade natural. Mas infelizmente o tenente Malina não sabia o que estava se passando, e de repente ouviram-se uns gemidos significativos por trás da cela. O Diabo-Anão enrubesceu.

— Abra a porta — disse ele baixinho.

Danny foi até a porta e começou a mexer no molho de chaves com bastante barulho, sem pressa de achar a de que precisava.

— Depressa!

A chave fatídica foi encontrada e enfiada na fechadura. Eles podiam ouvir o

beliche rangendo e os gemidos soltos no ar. Depois ouviu-se um grito contido de pânico. Durante mais uns minutos Danny conseguiu fingir que a fechadura estava enguiçada, mas o Diabo-Anão empurrou-o para trás, impaciente, e ele próprio destrancou a porta. A lâmpada iluminou a cela espartana com sua luz mortiça. O tenente Malina, com o rosto vermelho, estava em posição de sentido ao lado do beliche, com a túnica desabotoada e a braguilha da calça aberta, sem quepe, sem revólver de serviço, olhando apavorado para o Diabo-Anão. Por trás dele, a sargento Babincáková, deitada no beliche, cobria-se o melhor que podia com um moletom verde todo amassado.

A situação era tragicômica: o Diabo-Anão, a sargento nua e o tenente, e no fundo o comandante de tanque, pálido, olhando a cena. Então Malina, obviamente idiotizado pelo medo, ajeitou melhor o corpo e declarou com voz sonora:

— Camarada major, durante minha ronda na prisão não tive nada especial a reportar. Oficial da guarda, tenente Malina.

— Pegue sua pistola e venha comigo — falou o Diabo-Anão com voz glacial. — A senhora — disse, dirigindo-se para a sargento, que parecia uma Vênus reclinada — permanecerá aqui. — Virou-se para Danny: — Pode trancar a cela.

Enquanto os outros dois homens saíam da cela e atravessavam rapidamente o corredor em direção à sala de comando, Danny deu uma piscada para a sargento, que estava séria mas ainda teve a presença de espírito de estirar a língua para ele. Danny juntou as mãos como que pedindo perdão e trancou-a na cela. Olhando para o corredor ele viu a silhueta do tenente Malina contra a luz, andando ao lado do major, com o revólver de serviço balançando no cinto.

Bamza, que estava ao lado de Danny, inclinou-se e sussurrou no seu ouvido:

— Ele vai comer o pão que o diabo amassou, cara.

— E nós também — disse o comandante de tanque, apressando o passo para alcançar o tenente. Mais uma vez, Bamza falou aos sussurros: — Mas nós não sabíamos de nada, não é? Para mim, ele tinha ido inspecionar as sentinelas.

— E nós o trancamos na cela? — perguntou Danny, quando chegou perto da grade.

— Que merda, você tem razão! — disse Bamza desanimado.

Os dois entraram na sala de comando. O Diabo-Anão decidiu sentar-se na mesa, para dar maior efeito. Levantou o traseiro e tentou montar na ponta da mesa, mas não conseguiu. Tentou ficar na ponta dos pés, mas de nada adiantou. Ficou enraivecido, enrubesceu e sentou-se na cadeira, querendo ver a caveira de alguém. O tenente gordinho estava em posição de sentido diante dele. Não ousara abotoar a túnica, fechar o zíper da braguilha nem afivelar o revólver de

serviço no coldre. Seus olhos estavam arregalados de medo, e gotas de suor molhavam sua testa. Danny permaneceu ao seu lado. O Diabo-Anão olhou de um para o outro, depois disse para Danny:

— Mande seu auxiliar sair da sala.

Isso só podia significar uma coisa. O oficial e o comandante convocado iriam levar um carão na ausência do soldado raso, o que no regulamento eufemisticamente se chamava de "reprimenda verbal". Danny virou-se para Bamza e disse: — Vá para a outra sala.

— Comandante de tanque! — gritou o major. Danny virou-se e olhou para ele. — O senhor não sabe como dar uma ordem direito, camarada comandante de tanque?

— Sei, camarada major.

— Então por que não fez isso?

Seu porco, pensou Danny, mas engoliu em seco e falou a única coisa possível na situação: — Camarada major, peço permissão para dar uma ordem ao soldado Bamza.

— Permissão concedida.

— Camarada soldado — disse Danny, com um ar teatral —, vá para a outra sala.

Bamza ficou irritado, e respondeu com voz rouca:

— Sim, senhor! — Bateu os calcanhares e saiu da sala.

O silêncio aumentou. Podia-se ouvir a sentinela fazendo a ronda no pátio.

Com algum esforço o Diabo-Anão cruzou as pernas, ajeitou o culote e sentou-se, tamborilando os dedos na mesa. Naquela farda minúscula e apertada ele parecia uma criança travestida de adulto por maldade dos pais. Seus olhos mínimos irradiavam ódio, e esse ódio concentrou-se no rosto rosado e inocente do tenente Malina, que estava ao lado de Danny como se fosse a mulher de Ló.

— Camarada tenente — começou o Diabo-Anão —, é essa sua ideia de cumprir seus deveres na guarda?

Houve uma pausa dramática. O tenente abriu a boca e emitiu um som que mais parecia um estertor de morte. Depois mais silêncio. E então ouviu-se a célebre pergunta: — Como é possível isso? Danny notou que Malina estava ficando roxo, como se estivesse à beira de um ataque cardíaco, o que na sua idade era pouco provável. Seu pomo-de-adão subiu, ele engoliu em seco, e mais uma vez emitiu aquele som estranho. O majorzinho tamborilou os dedos na mesa; do lado de fora da janela eles ouviam as passadas regulares da sentinela. O ritmo dos seus passos metálicos e o ritmo do tamborilar do major não estavam sincronizados. O tenente emitiu mais um som.

O Diabo-Anão deu uma última tamborilada e, para alívio de Danny, começou

a bater com os dedos em sincronia com os passos da sentinela. Era um estranho dueto, quase como o de tambores africanos.

Mais uma vez, o Diabo-Anão perguntou: — Como é possível isso?

Àquela altura as veias da testa do tenente estavam saltadas; gotas de suor escorriam-lhe pelo rosto e pingavam na sua túnica aberta. O infeliz oficial juntou todas as suas forças e disse com voz rouca:

— Eu não sei...

— O que o senhor disse? — gritou o Diabo-Anão. — O senhor é sonâmbulo? Não sabe por onde anda? Como pôde abandonar seu posto dessa maneira?

O tenente resmungou alguma coisa inaudível.

— O senhor é sonâmbulo?

— Não.

— Então como é possível ter abandonado o seu posto?

— Eu não sei. — A voz do tenente era de puro desespero.

— Como o senhor pode ficar em pé aí e me dizer "Eu não sei"?

Silêncio. O tenente, que agora estava roxo como uma vítima de asfixia, limpou a garganta, mas só conseguiu dizer de novo "Eu não sei".

— O senhor é um oficial? Não sabe falar? Não sabe enfrentar as consequências dos seus atos? Então? Responda!

— Sou — disse o tenente.

— É o quê? Sabe ou não sabe?

— Não.

O majorzinho teve um ataque de raiva.

— Sim ou não? — gritou.

— Sim — murmurou o tenente, e depois, como que com medo de ter dado a resposta errada, disse rapidamente: — Não.

— Camarada tenente, eu não estou aqui para o senhor se divertir à minha custa. O senhor tem ideia do que o espera? Tem ideia do que acabou de fazer? Sim ou não?

— Sim — disse o tenente.

— Tem ideia mas não sabe enfrentar?

— Não — respondeu o tenente rapidamente, mas assim que a palavra saiu de sua boca ele corrigiu a resposta: — Quer dizer, sei.

O major estava a ponto de gritar de novo, mas decidiu tirar o quepe e colocá-lo na mesa. Pegou um lenço cáqui do bolso, limpou a testa e começou de novo, tentando acalmar-se:

— Olhe aqui, camarada tenente. Diga devagar e com calma o que o levou a abandonar seu posto.

O tenente Malina engoliu em seco. O rosto do Diabo-Anão contorceu-se, mas ele esperou a resposta. O tenente juntou suas forças para responder, e um som rouco saiu do fundo do seu peito volumoso. Com certo esforço Danny conseguiu distinguir as palavras "Camarada Babincáková".

— Então — disse o major. — Uma mulher, em outras palavras. Agora me diga, camarada, o senhor sabe qual é o maior inimigo do soldado?

— Não — suspirou o tenente.

— As mulheres — falou o major com uma voz áspera, a voz da experiência. — Não estou me referindo às nossas próprias mulheres em casa, cuja segurança nós salvaguardamos aqui. Quero dizer outras mulheres. O senhor sabe do que estou falando, não é?

— Sei — admitiu o tenente.

O major resmungou e colocou o quepe na cabeça de novo. — Mulheres como essa tiram um soldado do bom caminho — disse, com uma voz disciplinar. — Elas enfraquecem a vigilância. Tornam o soldado desatento dos seus deveres. Estimulam-no a revelar segredos militares. De forma consciente ou inconsciente, tornam o soldado um agente consciente ou inconsciente do inimigo, entendeu? E essas mesmas coisas se aplicam à sargento Babincáková.

— Não! — disse o tenente num assomo de raiva. A intensidade do seu protesto surpreendeu o Diabo-Anão, que perguntou:

— O que o senhor quer dizer com não?

O rosto de Malina estava quase roxo; ele engoliu em seco e disse com sua voz rouca: — Ela não queria que eu... revelasse nenhum... segredo militar. É verdade que eu não fui muito vigilante, mas ela só queria... só... — Parou para tentar encontrar a palavra certa.

— Vamos, diga logo.

— Só...

— Ela só queria o quê? Responda com uma frase completa.

Mas o tenente não respondeu com uma frase completa. Morrendo de vergonha, murmurou de forma quase inaudível alguma coisa como "relações sexuais".

— E o senhor fica aí dizendo uma coisa dessas na maior calma? — falou o Diabo-Anão, como se não acreditasse no que tinha ouvido. — O senhor é um perfeito exemplo do que há de errado no exército. Ah, eu sabia. O senhor acha que, como faltam umas semanas para terminar seu serviço militar, não tem mais qualquer compromisso conosco, não é? Mas está enganado, está terrivelmente, terrivelmente enganado. Agora não faltam mais umas semanas, camarada, mas uns meses. Esse tipo de abandono de posto deve ser punido com severidade, se não em breve nós não teremos mais um exército, e sim um bordel. O senhor

devia se envergonhar disso, camarada tenente.

O Diabo-Anão levantou-se, com o rosto vermelho de raiva. — O senhor é filho da classe operária, o que o põe em uma posição de responsabilidade, mas seu comportamento é indesculpável, camarada tenente. Isso é traição contra a classe operária. O senhor tem consciência das implicações do seu ato desprezível, odioso e imundo? Tem consciência de que merece a punição mais rígida possível?

— Tenho — respondeu Malina humildemente.

Na vida civil ele era cozinheiro, e quando entrou para o exército queria ser cozinheiro também. Mas como era um grande cozinheiro e vinha de uma família desempregada, seu relatório de avaliação foi excelente e ele foi destinado a funções mais importantes. Assim, Malina tornou-se o comandante de uma tropa blindada, e no rancho era obrigado a comer a terrível comida servida por um recruta que na vida civil era contador de uma cooperativa de alfaiates.

— E o senhor, camarada comandante de tanque — acrescentou o Diabo-Anão. — O senhor afrouxa o cinto, dorme ao lado da sua arma de serviço e permite que esse tipo de coisa aconteça.

— Eu estava cumprindo ordens — protestou Danny.

O major explodiu de novo. — O senhor conhece os regulamentos?

— Conheço.

— O senhor sabe que tem o direito de se recusar a cumprir ordens que contrariam o interesse do povo? Eu diria que esse é precisamente o caso das ordens que o tenente Malina lhe deu.

— Não — disse Danny. — Primeiro eu tenho de obedecer à ordem, depois é que posso apresentar uma queixa.

De repente o major sentiu-se inseguro. Haveria mesmo um regulamento sobre não-obediência às ordens, ou aquilo estava sendo inventado? Finalmente ele concluiu que devia estar com a razão, pois era um oficial.

— O senhor não conhece bem os regulamentos. O senhor tem esse direito. Por que não o usou?

— Eu pretendia apresentar uma queixa.

— Quando?

— Quando terminasse meu plantão.

— Não me venha com essa! — falou Borovicka com raiva. — Eu o conheço e sei que não iria apresentar queixa alguma. Nós sabemos tudo sobre o senhor. O senhor está contando com sua inteligência para se safar desta, mas está cometendo um erro. — Ele detestava os convocados com diploma universitário. Sabia que riam dele pelas costas, e não suportava isso. — O senhor está cometendo um enorme erro — explodiu o Diabo-Anão. — Nosso Exército

Democrático do Povo vai expô-lo à luz do dia! Nós sabemos quem são os inimigos da classe! E vamos puni-los! Mostraremos qual é o verdadeiro lugar deles! Não é aqui, camarada comandante de tanque, com a unidade da guarda. Os inimigos do povo não pertencem a este lugar.

— Camarada major, eu vou apresentar uma queixa contra o senhor — disse Danny, surpreso com sua própria ousadia.

— Uma queixa? — O major ficou roxo como Malina ficara poucos minutos antes. — Pode apresentar sua queixa, camarada comandante de tanque. O senhor tem todo o direito. Mas não pense que vai usar esses direitos para minar o espírito de luta do nosso Exército Democrático do Povo. Vocês dois fazem um belo par. Mas nós temos observado seu batalhão e sua estranha moral há algum tempo, e posso lhe dizer que as coisas não vão continuar assim. Seus homens são ineficientes, negligentes e insubordinados. E só leem porcaria. Mas nós tomaremos medidas, camaradas, e posso lhes garantir que serão medidas severas. Medidas bolcheviques. E vocês vão se arrepender. E então será tarde demais.

O Diabo-Anão levantou-se e ajeitou a farda com um gesto brusco.

— Quando terminar o plantão, vocês dois devem se apresentar aos seus oficiais superiores — disse rispidamente, marchando para fora da sala.

Quando o som das botinas do major não foi mais ouvido no pátio e a noite tragou aquele espírito do mal, Malina virou-se com um sorriso sem graça para o comandante de tanque e disse:

— Vamos comer o pão que o diabo amassou.

— Não vai ser tão ruim assim — garantiu Danny, embora soubesse que seria. Ele sentia pena do tenente amedrontado, e queria acalmá-lo um pouco.

— Por que você não foi me buscar? — perguntou o infeliz oficial.

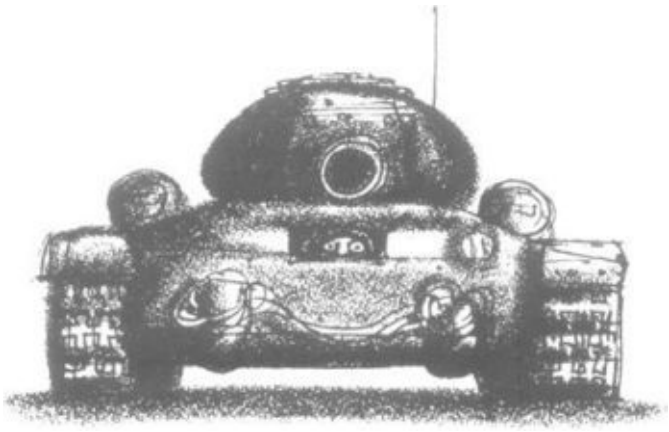
— Não deu. Ele apareceu de repente.

Bamza entrou na sala.

— Puxa! Vamos comer o pão que o diabo amassou.

Então, com um sorriso generoso de quem é insignificante demais para que lhe acontecesse alguma coisa, virou-se para o tenente e perguntou com interesse verdadeiro:

— Bom, camarada tenente, pelo menos você trepou?



4

O Concurso de Criatividade do Exército

Danny não se apresentou ao oficial em comando como o Diabo-Anão ordenara. Era sexta-feira à tarde e ele teve vontade de ir a Praga. Não só o tenente Pinkas estava passando o fim de semana com a família, como Danny lera em um jornal do exército que em um auditório da Enésima Divisão ia haver uma noite de gala para os vencedores do Concurso de Criatividade do Exército. O vencedor do grupo de poesia era Robert Neumann, marido de Lizetka, portanto ele não estaria em casa com a mulher. Embora o comandante de tanque estivesse agora interessado em uma poesia bem diferente — a poesia das balas traçantes e das estrelas acima do campo de instrução —, não queria desperdiçar essa nova chance de tentar a fidelidade conjugal daquela estranha mulher, Lizetka.

Para evitar possíveis complicações com o capitão Matka, ele saiu pela passagem subterrânea que os homens do Sétimo Batalhão Blindado geralmente usavam quando saíam de licença. Assim que seu plantão no corpo da guarda terminou, ele foi diretamente para o sótão da sede do batalhão, onde ficavam os armários de roupa, e vestiu sua farda de passeio; soube pelo oficial de plantão que o comandante estava jantando, pegou um formulário de licença com o oficial de plantão, falsificou a assinatura do capitão e procurou o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek, o escrevente do batalhão. Com uma chave falsa, o Dr. Mlejnek abriu a caixa-forte de aço, onde eram guardados os selos oficiais da unidade, tirou um selo e carimbou-o no documento falsificado, confirmando sua autenticidade. Depois Danny atravessou a alameda escura que passava pelas barracas e ia dar na estação ferroviária. Apesar da bela falsificação, ele não saiu da base pelo portão principal, mas por um caminho menos perigoso, através do pequeno parque por trás das cabines de banho e por uma abertura na cerca. Cruzou um riacho raso e, mantendo-se bem junto às cercas vivas entre os campos, finalmente chegou na estrada próximo a Lysá.

Já começava a escurecer e os caminhões da base passavam por ele. Ele podia

ter pedido uma carona, mas havia ainda muito tempo até o trem para Praga chegar e ele preferiu caminhar até a estação. A estrada seguia para o oeste, cercada de colinas ondulantes. A noite estava quente e agradável, como da vez em que ele carregou a cesta de ameixas até a casa da esposa do tenente. Como toda noite de outono nos últimos dez a quinze anos, aquela tinha um encanto poético relacionado com suas glândulas. Lembrava-se do seu sucesso com Janinka, mas em vez de pensar nela com carinho preferia tentar a sorte com a torturante e exasperadora Lizetka.

Quando Danny viu as primeiras casas nas cercanias da cidade, era noite fechada e as ruas estavam iluminadas com esparsos lampiões de luz mortiça. Um jipe da polícia militar estacionou em frente à pousada Zizka. Ao seu lado, dois soldados bêbados entregavam seus passes para um tenente com uma farda muito bem passada. Um cabo com uma faixa na manga estava no fundo, tentando gesticular para as vítimas que não podia fazer nada. O tenente tentou criar um caso com o comandante de tanque, mas desistiu porque todas as assinaturas e selos no seu passe pareciam estar em ordem. Então disse a Danny para arrumar a gravata e apertar o cinto, depois saiu pela escuridão em busca de outras vítimas.

Então o comandante de tanque entrou no expresso para Praga, e às oito e meia da noite tocava a campainha de Ludmila Neumannova-Hertlova, conhecida por todos os seus admiradores como Lizetka.



Havia uma grande variedade de gente no palco, falando e declamando. Alguns autores, como sargentos em uma parada militar, recitavam sua poesia aos berros no hall enfumaçado, enquanto outros mal eram ouvidos e suas vozes se perdiam entre os rangidos das cadeiras.

As vozes e os rostos eram diversos; o assunto exigia uma grande disciplina.

Eu prefiro caminhar com você na colina Petrín
E lhe falar do meu amor e da minha fidelidade
Mas para você brilhar e viver em paz,
Eu e minha arma cuidaremos de sua tranquilidade.

A forma era tão regular quanto qualquer soneto ou balada medieval. As duas

primeiras linhas exprimiam um autêntico desejo, e as outras duas um oferecimento, uma libação, para redimir a irrelevância social do desejo mostrado nas linhas um e dois. O soldado que acabara de apresentar essa variação era tão gordo que só podia cuidar da tranquilidade de alguém por trás de uma máquina de escrever no escritório de algum posto de comando. Ele saiu do palco sob aplausos indiferentes.

O próximo concorrente era um cabo de óculos de lentes grossas que, com uma voz deliberada e penetrante, declamou o seguinte:

Os beijos de uma jovem são mais doces
Que o pó que exala do canhão;
Mas o mundo é dividido, sabiam?
E o inimigo, amor, busca seu quinhão.

Os soldados e oficiais reunidos no auditório ouviam aquilo tudo com um misto de paciência de Jó e repressão militar. Afinal de contas, eles eram a elite intelectual do exército. Alguns apoiavam a cabeça na mão, fingindo grande interesse pela poesia e as lições que poderiam tirar daí para aplicar no seu trabalho diário. Outros sentavam-se confortavelmente nas cadeiras, olhando de esguelha para os membros do Coro Feminino do Exército, com fardas muito bem cortadas. Alguns faziam comentários entre si no final de cada poema, outros ficavam em silêncio, tentando não dormir.

Minha mão está fria como aço
E meu rosto uma geleira,
Para todos os que amamos no mundo
Sem descanso, eu protejo nossa fronteira.

Essas linhas foram murmuradas em uma voz quase inaudível por um engenheiro que parecia uma mosca em palpos de aranha. Quando ele terminou, um oficial com duas medalhas reluzentes penduradas no peito, a insígnia honorária Fucík e a insígnia de Forma Física, inclinou-se para Robert Neumann e disse:

— Fraco, não achou?

— Bom começo, péssimo fim. Muito sem sal — disse Robert Neumann com um ar experiente, eximindo-se de mais comentários.

De repente, um elemento exausto da unidade de guerra química por trás dele dormiu e caiu da cadeira. O oficial das medalhas virou-se com um ar reprovador, deixando Robert Neumann com seus pensamentos, uma estranha mistura de

melancolia de rotina e súbitos ímpetos de euforia por seu próprio triunfo poético. Mas quanto mais ele ouvia, mais a melancolia predominava. O triunfo nesse concurso, percebeu, seria um valor questionável, especialmente aos olhos de Ludmila. Ele observou o próximo concorrente no palco bater os calcanhares, estufar o peito e começar a recitar rapidamente:

Você me escreve, minha querida:
Quando voltará para o lar?
E eu fico aqui de guarda, a proteger
Nosso futuro de alegrias que virá.

Para Neumann, o futuro parecia na verdade obscuro. Naquela manhã ele recebera uma carta anônima de uma colega de Ludmila, Jarmila Králová. Na semana anterior, ao meio-dia e meia, Králová vira Ludmila nos degraus da boate Golden Well com um homem passando o braço na sua cintura. O homem era o Dr. Karel Budulínsky, do Ministério de Comércio Nacional, conhecido de Robert. Ele era considerado amigo da família, mas na presença de Ludmila ele lia sua verdadeira poesia, não os versos que compunha para o exército. A carta o tornou duplamente amargo, pois ele agora estava mais certo que nunca de que quem fosse casado com Ludmila não devia ter amigos do sexo masculino. Rodeado de camaradas masculinos, ele se sentia oprimido e solitário.

Esse seu sentimento permaneceu até mesmo durante o agradável discurso do Artista Nacional Josef Bobr, um romancista gordo cujas palavras sinceras e cordiais glorificavam o presente e, de forma um tanto ilógica, atribuíam a um futuro ainda mais glorioso um sentimento de inveja que não podia ter nascido de um passado glorioso. O Artista Nacional leu umas anotações com uma voz oca e monótona, amplificada pelos alto-falantes. Nos fundos do salão, o soldado da unidade de guerra química caiu de novo da cadeira, esparramando-se no chão, e o oficial condecorado virou-se para trás, pronto para chamar-lhe a atenção.

O Artista Nacional continuou a glorificar a literatura do presente, que preservaria para aquele futuro feliz — mais uma vez de forma um tanto ilógica — um quadro fiel e sem distorções de amplitude, profundidade e cor da idade, em vários tons de rosa.

Finalmente, olhando com carinho para as camaradas do Coro Feminino do Exército, ele falou:

— Obrigado, camaradas, obrigado, soldados, pela beleza e força com que sua poesia penetra na alma dos seus leitores. Obrigado pelo estímulo e inspiração que vocês nos passam, poetas e escritores. Obrigado e viva! Viva e obrigado, camaradas! — E as mulheres do Coro Feminino do Exército, com as

meias de náilon brilhando por baixo da bainha das saias, começaram a cantar uma canção de louvor para as unidades blindadas de assalto, com harmonia profissional.



Lizetka morava em uma casa modesta que seus pais haviam construído durante a Depressão. Seu pai, um diretor de cena do Teatro Nacional, abriu a porta e disse: — Entre, Sr. Smiricky. Liduska não está em casa. Levou o comandante de tanque para uma cozinha aquecida, onde a mãe de Lizetka ouvia a Rádio Europa Livre em um rádio antigo. O aparelho fazia um ruído desagradável, mas Danny conseguiu ouvir uma voz aguda e distante anunciando a falha do comunismo na coletivização das aldeias.

— Boa noite — disse Danny. A mulher o cumprimentou com um gesto de cabeça e deu um sorriso. Fazia dois anos que aquele soldado vinha instigando sua filha a cometer adultério. A geração da sua mãe talvez ainda acreditasse em adoração platônica, mas ela própria nascera no seio do povo trabalhador, e pensava de forma diferente.

— Por favor, sente-se e ouça isso — disse ela. Danny sentou-se e ouviu. O Sr. Herd recostou-se num banco ao lado da janela, pôs os braços musculosos atrás da cabeça e ficou ouvindo também, tentando seguir aquela voz fraca por cima dos ruídos irritantes do rádio. Às vezes a voz sumia por completo, mas quando voltava mais forte era bastante compreensível. Cansado daquele óbvio ritual noturno, Danny ficou observando o canarinho irrequieto na gaiola. "Os comunistas recorreram à repressão", dizia a voz. "Qualquer fazendeiro que não tenha dado às autoridades comunistas a quota previamente estabelecida de seus produtos..." E a voz morreu.

A Sra. Hertlová balançou a cabeça.

— Foi exatamente isso que eles fizeram com a fazenda do meu pai. Olhou um instante para o comandante de tanque e ele fez um gesto de concordância.

A voz fora inteiramente tragada pelo ruído do fundo, e o zumbido aumentou tanto que o alto-falante começou a vibrar. A Sra. Hertlová diminuiu o volume.

— Porcos comunistas! — falou o Sr. Hertl do banco. O ruído melhorou ligeiramente. "Eles estavam desprotegidos", continuou a voz. "Uns desordeiros comunistas de casaco de couro e revólver no bolso passaram pelas aldeias em

motocicletas e aterrorizaram..." E sumiu de novo.

— Cretinos! Filhos da puta! — disse o pai de Lizetka.

— Uma sujeira — concordou Danny.

— Como aconteceu na nossa aldeia — falou a Sra. Hertlová. O aparelho chiou com força e a voz da Rádio da Europa Livre trovejou pela sala. "Os grãos confiscados foram parar nas padarias tchecas? Foram transformados em pão para o povo da Tchecoslováquia? De jeito algum, o trigo que cresceu no solo da Boêmia foi transformado em comida para os pistolões comunistas do Azerbaijão soviético..."

Depois de outro ruído forte o rádio voltou a vibrar. A Sra. Hertlová baixou o volume de novo, e o pai de Lizetka gritou de novo.

— Esses porcos comunistas estão enchendo a barriga! — Com o rosto vermelho de raiva, levantou-se e olhou para Danny. — Sr. Smirick, eu pergunto, onde nós estamos vivendo? Foi aí que chegamos? Foi para isso que demos nossa vida?

— É uma gente ruim — falou Danny com calma.

— Eles são uns ladrões! — gritou a Sra. Hertlová. — Roubando do povo; isso eles sabem fazer.

— Sr. Smiricky! — disse o diretor de cena em desespero. — Pense um pouco. Era isso que nós queríamos? Foi para isso que passamos vinte anos construindo um país? E ainda temos a coragem de nos chamar de nação! — Fixou os olhos no comandante de tanque como se o estivesse acusando pessoalmente do desastre que ocorrera com o seu país.

— O senhor tem razão — disse Danny.

— Nada disso, Sr. Smiricky — falou o Sr. Hertl enraivecido. — Nós todos somos culpados! Nós fizemos isso com a nação de Jan Hus e T. G. Masaryk e Jan Zizka! Nós todos somos umas putas. Que joguem a bomba de hidrogênio em nós. Que joguem a bomba de cobalto em nós!

— É verdade, nós nos entregamos a esses cachorros. Abandonamos Deus, e agora merecemos ser devastados — falou a Sra. Herdová com um suspiro. — Antes, quando o...

— Está ouvindo isso, Sr. Smiricky? — disse o diretor de palco, interrompendo sua esposa. — E agora eles revistam nossos apartamentos para ver se não roubamos nada.

— É um negócio miserável — disse Danny.

— É um maldito crime, isso sim — gritou o velho. — Mas eles que esperem. Isso não vai continuar para sempre. Cabeças vão rolar, de amigos e inimigos. É isso aí. Você diz que é meu amigo. Talvez tenha sido um dia, mas não é mais. Enforquem esse cara, digo eu. Eu sou cristão, Sr. Smiricky, mas sem a menor

pena, Sr. Smiricky, eu enforco qualquer comunista que cair nas minhas mãos. E sei quem é e quem não é comunista. Sou encarregado das taxas pagas à nossa célula do Partido, e tenho a ficha de cada um. Ninguém poderá negar que era membro do Partido; e eu não vou ter pena, Sr. Smiricky, juro que não.

— Isso é exatamente o que eles merecem. Não é para ter pena mesmo — falou a Sra. Herdová.

— É verdade — disse Danny. — Por falar nisso, vocês sabem a que horas Lida vai voltar?



A misericordiosa e impenetrável Origem de Todas as Coisas finalmente ofereceu algum consolo para Robert Neumann, pois no semicírculo das esguias jovens do coro chegou uma linda moça de olhos verdes brilhantes. Foi recebida com aplausos espontâneos, pois não precisava de apresentação; tinha estrelado em vários filmes que todos haviam visto, em geral no papel de uma operária sexy que trabalhava em olarias ou como operadora de torno. Com uma voz melodiosa ela anunciou que ia ler o nome do vencedor do grande prêmio do Concurso de Criatividade do Exército — o sargento Robert Neumann, com seu poema intitulado 'Adeus ao Exército". Neumann exultou.

Seu poema vitorioso não foi inspirado na aproximação do final do seu serviço militar, como dizia o texto, mas no desespero. A atriz parecia perceber que a melancolia da poesia era de natureza íntima e não socio-militar, e declamou os versos (Ludmila chamara-os de "bobagenzinhas") com um tom caloroso e erótico.

Abaixo dos meus passos sinto as folhas
E o estalar do gelo em pingentes.
Como flocos de inverno, duas borboletas refulgentes,
Lágrimas tremulam nos seus olhos.
Sua ternura silencia os rapazes...
Que bom, camarada, eu compreendo
Tudo o que tivemos e que desapareceu.
Mas quando partirmos e vestirmos outras roupas,
Ficaremos calmos e seremos sempre como éramos

Naqueles anos em que, de mão armada,
Protegíamos nossa Tchecoslováquia amada.

No corpo da guarda, cheios de amor,
Esperamos, antes sem cinto e sem insígnia,
E timidamente a conduziremos
Pelo outono de tom cobreado:
A terra lhe será pródiga,
E nós seremos sua égide.

Robert Neumann estava em lágrimas, motivado por seu próprio sentimentalismo. O resto da plateia concentrava-se na declamadora. Mas nem todos; durante a apresentação, um exausto soldado da unidade de guerra química caiu da cadeira pela terceira vez, e por ordem do oficial condecorado foi escoltado para fora do salão pelos soldados de plantão.

Pouco depois, todos os vencedores sentavam-se em volta de uma longa mesa verde onde serviam comidas e bebidas, no pequeno salão da sede da divisão, ouvindo o chefe do programa cultural da divisão.

— Então, camaradas — dizia o coronel Vrána, conhecido como coronel Peidão —, a artilharia teve uma participação especialmente forte este ano, tanto em número de prêmios quanto em número de poemas apresentados. E isso é motivo de alegria, camaradas, pois nossa meta é cultivar uma coletividade capaz, não indivíduos capazes. Nosso slogan era, é e sempre será "As massas, acima de tudo!".

Um soldado na ponta da mesa gritou "Hurra!", mas os outros olharam para ele e seu grito de batalha ficou perdido no ar, seguido de um embaraçoso silêncio. O coronel ficou tão surpreso com aquela inesperada interjeição que parou de falar. Todos olharam para baixo. Finalmente, um tenente do Conjunto de Música e Dança do Exército disse:

— Maravilhoso! Maravilhoso trabalho, artilheiros. — Isso mesmo! — falou o Artista Nacional. — Então a musa da artilharia foi a mais criativa de todos?

— É verdade, camarada. Dos sessenta e cinco poemas recebidos, trinta e oito eram da artilharia. E dos vinte prêmios, doze foram dados à artilharia! — disse, sorrindo, o coronel.

— Inclusive o grande prêmio — interrompeu um major do Conjunto de Música e Dança —, que também foi conquistado por um artilheiro. — Sorriu para Robert Neumann, como se devesse seu alto posto a ele. — Eu estou contente com isso, pois eu próprio já fui artilheiro.

Neumann sorriu também — com os lábios para o major e com os olhos para

a atriz (que sorriu de volta). Eles tinham sido apresentados no final da cerimônia, e ela estava sentada agora ao lado do romancista premiado. Neumann já se dobrara à antiga falácia de que a má sorte com uma mulher pode ser compensada com outra, sem tornar as coisas piores.

— E a poesia da divisão blindada, camarada coronel? — disse um sargento com uma insígnia do corpo de tanques.

— E a da engenharia? — gritou um grandalhão do outro lado da mesa.

O coronel examinou uma pilha de papéis. O romancista premiado olhou por cima do ombro, contendo um bocejo com a mão gorda, e sorriu para a atriz, como que pedindo desculpas; ela sorriu para ele e depois para Robert Neumann, que lhe deu um sorriso comprometedor.

Robert decidira que se a oportunidade se apresentasse ele iria pecar naquela noite, pelo menos em palavra e em pensamento. Não estava bem certo ainda se pecaria em ação.

Então alguém pediu que o Artista Nacional dissesse com mais detalhes o que ele pensava do concurso. O romancista sentou-se com suas carnes gelatinosas e começou a falar.

— Quero dizer, camaradas, que o nível do concurso me espantou. Eu não esperava encontrar tantos jovens talentosos.

— O que mais lhe agradou no concurso? — perguntou humildemente o major da Música e Dança.

— O que mais me agradou? — O Artista Nacional ficou calado um instante. Ele era o tipo de escritor conhecido nos meios literários como "puta velha". Entendia de literatura mas não dava muita importância à sua própria integridade; portanto, a literatura não lhe dava mais nenhum prazer, nem mesmo a literatura autêntica. Olhando em volta da mesa, ele declarou, com voz de autoridade no assunto: — O espírito da competição, camaradas! Que quadro alegre e lindo esse concurso nos propiciou quanto ao espírito de nossos jovens soldados. Naquela torrente de novos poemas — e a maioria, até certo ponto, era poesia bastante boa —não houve alusão a melancolia, autopiedade, desespero, pouca fé e nem mesmo desgosto, que nos velhos tempos burgueses eram os principais temas dos jovens poetas.

Os dois oficiais de alta patente concordaram, e um tenente baixinho salvou Bobr de ter de continuar com sua exposição.

— Eu concordo, camarada — disse ele. — Notei que, na nossa própria unidade, com o passar dos anos os camaradas que chegam são de certa forma melhores, de certa forma... novos socialistas. Ao que parece, o trabalho está se tornando cada vez mais... prazeroso, de certa forma.

— É verdade — falou o Artista Nacional. — Você colocou isso muito bem,

camarada. — O tenente corou de prazer. — Trabalhar é de fato uma coisa muito prazerosa hoje em dia, tanto para vocês no exército quanto para nós no Sindicato dos Escritores. Quando eu penso — e o romancista ajeitou seu corpo balofo na cadeira—, quando eu penso na situação da literatura neste país na época da república capitalista burguesa... bom, dá até vergonha de falar nesse assunto. — Por um instante ele pareceu estar sonhando, e estava mesmo — com os dias de boa vida em que, por ser o melhor escritor de uma editora particular, trabalhava como editor três horas por dia uma vez por semana, e ganhava três mil coroas no câmbio anterior à guerra. Deu um suspiro, que podia ser interpretado como tristeza, e continuou: — Que coisas as pessoas escreviam naquela época, e publicavam! — Fez um gesto com a mão para preencher sua pausa retórica. — Era um horror. Uma deliberada e programada desumanização do homem. Os poetas perdiam tempo com sentimentos, e sentimentos banais. Puro existencialismo! — Pronunciou a palavra com o mesmo desdém que Lysenko usava ao referir-se às moscas utilizadas nas experiências genéticas. — Ah, mas hoje, na nossa terra socialista, quando eu ouço a variedade, camaradas — um poema sobre o amor, o outro sobre trabalho ou proteção —, fico encantado. Verdadeiramente encantado.

O coronel parou de balançar a cabeça e disse: — Eu acho que falo por todos os presentes quando digo que sua admiração nos tocou profundamente. Mas agora, talvez o camarada Bobr queira dar aos soldados-poetas maiores detalhes...

— É claro, camaradas — disse Bobr rapidamente. — É para isso que estou aqui. —Limpou a garganta e continuou: — Não é preciso dizer que o trabalho de vocês é constituído de pontos fracos e fortes. — Dizendo isso, apresentou uma lista de aspectos negativos da poesia apresentada. Falou durante longo tempo, sem ser específico. Depois concentrou suas observações no trabalho de um cabo que até então tinha conseguido permanecer incógnito. — Vejam essas linhas, por exemplo, camaradas. "Vocês, baús, Faróis da Esperança! Os soldados vos enfeitam com rostos de mulheres." Esses versos não são bons. Vocês, baús é um tema interessante, é assunto para um romance. Mas Faróis da Esperança? Esperança? Que esperança? Esperança de quê? Você está sentindo, camarada, como essa expressão é vaga, sem originalidade e pouco realista? Estraga o verso todo. Aprenda com nossos escritores clássicos como Jan Neruda, ou com os camaradas estrangeiros como Pablo Neruda, camarada.

Ficou em silêncio e o major da Música e Dança aproveitou a oportunidade. Afinal de contas, poesia era sua área de competência.

— Você me permite, camarada?

— Naturalmente — disse Bobr com um tom irônico.

— Eu só quero acrescentar alguma coisa ao que o camarada Artista Nacional

disse aqui. Esse assunto deve ser visto politicamente também. Nós devemos admitir, camarada cabo — e virou-se para o convocado, cujo rosto exprimia terror —, devemos admitir que este poema cairá nas mãos de muitos camaradas, certo? E este poema terá influência sobre eles. As palavras são armas também, camarada, e nós que trabalhamos com as massas devemos fazer com que sejam boas armas, armas úteis, bem lubrificadas. E você escreveu o seguinte: *Vocês, baús, faróis da Esperança*! Como mostrou o camarada Artista Nacional, é uma imagem naturalista, nada concreta. E eu acrescentaria o seguinte ao que o camarada disse, camarada: do ponto de vista político e ideológico é um verso muito suspeito. — O major olhou para o cabo com tal ar de reprovação que a cabeça do rapaz afundou-se e seu rosto amorfo ficou vermelho de vergonha. — Não é um verso politicamente correto!



Era meia-noite e meia e Danny ainda esperava por Lizetka; seus pais já tinham ido dormir há muito tempo. O quarto dela, com iluminação mortiça, lembrou-lhe a confusão do dormitório dos soldados antes do toque da alvorada. A parede era decorada com uma grande imagem da Virgem Maria e uma água-forte de Henrique VIII, e espalhados em cima de uma mesa de tampo de vidro e no sofá debaixo da janela onde ela dormia viam-se livros, vestidos, roupas íntimas, frutas e cigarros. No canto do quarto havia um guarda-roupa aberto, no espaldar de uma cadeira um vestido de verão e uma anágua amassada, e no braço de outra cadeira várias meias de náilon e um sutiã sujo de cetim azul. Outros objetos espalhavam-se pelo chão. Tudo exatamente igual à época em que seu marido vivia ali.

O comandante de tanque abriu a porta para o outro quarto. Ali, tudo era arrumadíssimo. O sofá de canto refletia-se friamente nas portas de vidro da estante. Se a natureza de Lizetka era refletida na confusão do seu quarto, ali era um reflexo perfeito da alma do seu pobre marido.

Danny voltou para o quarto dela, jogou no chão o que estava em uma das cadeiras e tirou umas cartas de cima da mesinha de cabeceira. Pegou uma delas e começou a ler.

Minha querida,

Tenho sempre vontade de escrever para você mas não consigo. Você precisa entender que, rodeado de todo este vazio, a gente simplesmente perde a coragem, tem medo de tudo. Eu lhe escrevi muitas cartas em imaginação depois que você foi embora, mas esta é a primeira que ponho no papel. Eu muitas vezes penso na sua especial castidade e decência, e não deixo de compreender.

Sim, uma castidade chamada frigidez, uma decência chamada narcisismo. Ele nem precisava ver a assinatura; só por experiência sabia que a carta era do primeiro de seus sucessores, Kurisu, um estudante de japonês. *E ela não deu para ele*, pensou com satisfação. *Pelo menos eu acho que tenho precedência sobre isso, como um* primus inter pares*; fui o primeiro a mostrar que um casamento católico não precisava excluir infidelidade platônica, na evidente esperança de que com uma ajudazinha de um demônio católico essa infidelidade platônica se tornasse um dia uma infidelidade física. Eu não consegui levá-la até esse ponto, pensou Danny suspirando, mas por outro lado pude fazer dela uma perfeita puta platônica*.

Passou então para uma próxima carta:

Lizette, é terrível. Estou escrevendo para você' e meu maior problema é uma doença crônica da alma chamada tédio. Não há escapatória, não há outro caminho a não ser o que trilhamos, mas isso talvez não tenha começo nem fim.

Aqueles sentimentos quase existenciais mostravam que o autor da carta era Maurice, outro colega seu no platonismo, criado na França ocupada durante a Segunda Guerra Mundial.

Você acha que talvez a gente tenha se encontrado em outra vida, minha sábia rainha? Estou escrevendo esta carta, Karina, mas nem sei se você está viva.

Bom. Ele pegou outra carta, na verdade um pedaço de papel amarfanhado. De um lado estavam desenhados um coração vermelho e uma seta vermelha apontando para ele, e escrita de forma capenga a seguinte frase: *Seu coração, bate ele por mim só?*

Abaixo disso, Lizetka escreveu: *Sim!!* E a resposta: *Não é difícil amar você, mocinha charmosa!* Abaixo, a letra de Lizetka: *Cuidado! Meu marido pode ver você!*

Bom, esse era novidade para Danny. Parecia um perfeito idiota. Por que não aprendia a escrever? Do outro lado do papel, o diálogo continuava: *Não foi bom a gente ter tomado cuidado? Meu marido não suspeitou de nada*. Abaixo disso: *Você é a Bela e eu sou a Fera*. E depois: *É por isso que eu tenho de cuidar bem dele todo o tempo, senão ele pula e come você, Budulín.* E com isso o diálogo terminou. Talvez Budulín tivesse, de fato, sido comido naquela hora. Se assim fosse, um substituto teria certamente aparecido.

Danny mexeu na pilha de papéis e descobriu um caderninho de notas. Abriu-o a esmo e leu:

> *Hoje à tarde fui à cidade e cheguei no Adria com uma hora de atraso. Maurice estava lá, zangado. Uma longa caminhada até Barrandov. Maurice irritado no início, depois contente. Contou seus problemas. Jantar maravilhoso, depois dançamos. Maurice falou sobre divórcio. Descemos a ladeira até a parada de ônibus. Estou com muito sono. Maurice foi comigo até Radlice. Na cama mais ou menos às duas horas.*
>
> *Terça-feira. Acordei às 7:45. Muita pressa. Mamãe brigou comigo de novo. Atrasada meia hora para o trabalho, mas a Rainha não tinha chegado ainda, só Lexina. Nós batemos um papo, falamos sobre Pecka. A Rainha chegou por volta das dez horas, trazendo uns bolos. Nós todos comemos, fiquei enjoada. Depois fui almoçar e um cavalheiro começou a conversar comigo; eu disse que estudei na Suíça e ele começou a falar em francês. Fiquei sem graça e falei que fui para uma escola alemã. Ele disse que quer muito me ver de novo, ele é do Ministério do Exterior. Nós marcamos um encontro na próxima semana. Depois fui à igreja do Menino Jesus de Praga e rezei por Robert e por mim, para conseguir deixar de ser assim. Voltei para o trabalho mais ou menos às duas e fui direto tomar um banho. Deitei na banheira; lá embaixo tocavam discos de um cantor judeu. Maravilhosos. Tentei ler na banheira um livro chamado O ovo e eu, mas molhei as páginas e parei. Saída banheira às quatro. A Rainha ainda não apareceu de tarde. Milan telefonou e Lexina levou o telefone para a banheira. Então Budulín telefonou; fui para sua casa e nós bebemos absinto.*

Então Budulín não foi comido, pensou Danny. Colocou o caderninho de lado e ficou pensando por que estava ali. *Acho que é porque eu amo Lizetka. Ou provavelmente porque ela nunca deu para mim. Então ou é vaidade ou amor. E Janinka? Ah, Janinka... acho que deve ser porque Lizetka nunca deu para mim.*

Nesse caso é provavelmente amor também. Contente com esse raciocínio, ele foi tomado pela exaustão militar e caiu no sono.



O nome do infeliz cabo era Josef Brynych. Na vida civil ele era vendedor de tabacaria e nunca havia escrito poesia. O poema sobre os baús lhe ocorrera uma noite em que ele fazia plantão no posto da guarda — um barracão de madeira com um único banco de tábuas apodrecidas onde ele não conseguia dormir. Entediado durante o intervalo de quatro horas entre as rondas, ele leu a única coisa que era permitida no posto da guarda— um jornal da divisão blindada de duas semanas atrás, *Punho Blindado*. Leu tudo de ponta a ponta, desde um editorial intitulado "Como continuar o trabalho cultural de massa durante a realização do plano de verão de exercícios de tiro com metralhadoras pesadas" até o expediente do jornal, inclusive os números de telefone. Quando vasculhava de novo aquelas quatro páginas impressas, nos estágios finais do desespero e acreditando já ter lido todas as letrinhas possíveis, uma coisa lhe chamou a atenção, uma coisa que ele teria normalmente ignorado porque devia ser ainda menos divertida que o resto das matérias do jornal democrático do povo. Era um texto breve, disposto em linhas curtas, com margens desiguais— em outras palavras, um poema. Exausto, sem conseguir dormir, irritado com o ronco dos outros guardas no banco, cansado de tentar atrair um ratinho para fora de sua toca com um pedaço de bacon, e aflito de ver o comandante da guarda desrespeitando os regulamentos e dormindo em cima da mesa, o cabo Brynych resolveu ler o poema intitulado "Poema escrito no mês de março", assinado pelo tenente Jan Vrchcoláb.

A canção alegre voa como uma ave e cai,
dedilhando os céus,
O que pode ser mais incrível?
Nosso pelotão marcha, cantando.
Eu canto e penso em você,
Meu coração é prisioneiro.

Sua cabeça cansada parou um instante para pensar no verso e cai, dedilhando

os céus. Inconscientemente, tentou imaginar que canção alegre de um pelotão de infantaria poderia parecer dedilhar os céus. Imaginou uma coisa voando, depois esfregando-se no céu e finalmente caindo na terra. Depois tentou lembrar-se da última vez em que seu pelotão tinha cantado, e cantado com alegria. Reconsiderou o poema, pensou em mudar umas coisas e começou a se interessar mais. Escolheu um dos versos, e o poema escrito por Jan Vrchcoláb e aprimorado pelo cabo Brynych ficou assim:

A canção alegre voa como uma ave e cai,
dedilhando os céus.
O que pode ser mais incrível?
Nosso pelotão marcha, cantando.
Eu canto e penso em você,
E no nosso bar costumeiro
Meu coração é prisioneiro.

A imaginação do cabo foi estimulada. Depois de muito pensar ele fez outras modificações, e o poema ficou assim:

Um tédio cinza voa para o céu
E cai bem sobre você.
Nosso pelotão
Não pode me dar prazer.
Eu bocejo, penso em você,
E maldigo a minha sorte.
Em algum lugar, num bar quente
Um filhote de coelho
Faz você se assustar.

Aquilo era divertido. Ao ler os outros versos do poema de Vrchcoláb viu um aviso embaixo, anunciando que o prazo final para a inscrição do Concurso de Criatividade do Exército era 15 de julho. E decidiu mandar alguma coisa sua. Pegou no bolso um diário imundo e começou a pensar num tema. A primeira coisa que lhe veio à cabeça, só Deus sabe por que, foi seu baú com as fotografias de Blazenka e da praça da sua cidade natal coladas na face interna do tampo. Depois pensou que aquele tédio horrível em breve terminaria, e imaginou-se sentado de novo na cozinha cheirosa da casa de Blazenka moendo café no moinho antigo, e Blazenka, de avental azul, fazendo o jantar, e a mãe dela, a Sra. Jarosová, que o chamava de Sr. Pepa, e o Sr. Jaros piscando para ele e dizendo

"Menina bonita, hein? É puro açúcar com canela". E Blazenka corando e olhando para ele, com os olhos azuis dançando com a promessa dos prazeres que teria depois do casamento, a realizar-se logo depois do Natal. Impregnado desses pensamentos poéticos, o cabo Brynych criou as primeiras quatro linhas do seu poema.

Vocês, baús, faróis da Esperança!
Os soldados vos enfeitam
com rostos de mulheres.

Mandou duas cópias, uma para o Punho Blindado e a outra para a srta. Blazenka Jarosová, vendedora, a/c Empresa de Comestíveis Pramen, Modranky, p.o. Rakovník.

Recebeu uma carta entusiasmada de Blazenka, e depois de algum tempo apareceu uma nota no Punho Blindado. Entre os poemas que receberam menção honrosa no Concurso de Criatividade do Exército encontrava-se o de um certo cabo Brynych, Josef. E agora ele estava sentado ali, ouvindo os oficiais retalharem seu poema.



O ruído de uma chave na porta principal acordou Danny; um instante depois Lizetka estava de pé ao seu lado. Ela usava uma jaqueta de náilon e uma saia xadrez ligeiramente rodada. Deu um sorriso para ele, mas nada caloroso.

— Oi, Lízinka — disse ele.

— Alô, camarada comandante de tanque. Você não vem aqui há muito tempo. O que aconteceu?

— Nada — respondeu ele. — E você, alguma novidade?

Mas ela já havia tirado o comandante de tanque da cabeça. Foi até a escrivaninha e começou a mexer em uns papéis.

Ele se sentiu como uma estátua de cera.

— Então diga, meu amigo — falou Lizetka distraída. — Como vão as coisas lá na base?

— Eu entrei numa fria logo antes de vir para cá — disse ele mecanicamente, olhando para o traseiro dela debaixo da saia xadrez. *Seria por vaidade ou por*

amor? Provavelmente por desejo sexual.

Contou a história do tenente Malina e da sargento Babincáková, e Lizetka continuou remexendo nos seus papéis.

— Está ouvindo, Lizetka? — perguntou ele irritado.

— Estou.

— Que jeito esquisito de ouvir!

— Estou prestando atenção.

— Aposto que você nem sabe do que eu estou falando.

— É sobre uma certa sargento Babincáková que estava na prisão militar onde você fazia guarda — não, onde você era escoltador dos presos — e o segundo-tenente Malina transou com ela na cela.

— Muito bem — disse Danny magoado, continuando a história sem entusiasmo. Lizetka começou a escrever alguma coisa no seu arquivo. — Liza, você não pode prestar um pouco de atenção em mim?

— Eu já disse que estou ouvindo.

— Mas não dá para olhar para mim enquanto ouve?

Ela se virou para Danny. — Quer que eu me sente no seu colo? Pelo amor de Deus, Daniel, você está falando que nem o Robert.

O comandante de tanque sentiu uma raiva súbita. Vinda de Lizetka, aquela comparação era um grande insulto.

— Não é de surpreender que ele se sinta mal.

— Não é de surpreender? —perguntou ela, levantando os olhos da mesa. — Em outros tempos você não pensava assim.

— É verdade — disse ele rispidamente.

— E esses tempos já passaram?

Ele não disse nada. Como sempre, a rispidez não tinha qualquer efeito sobre ela. E como sempre, Danny amoleceu.

— Nesse caso — disse ela —, graças a Deus não me casei com você.

— Não diga isso.

— Digo sim, graças a Deus. E lamento ter me casado.

— Na última vez você disse que se Robert morresse enquanto servisse no exército, você se casaria comigo.

— Isso foi na última vez. Não agora.



— Esperança, camarada cabo? Esperança de quê? — perguntava o major novamente. — E acima de tudo, o senhor escreveu a palavra com "E" maiúsculo. Quando um camarada jovem ler um verso desses, qual a primeira coisa que vai lhe passar pela cabeça? Nós sabemos que os soldados sentem falta de seus entes queridos, mas não devemos reforçar essas tendências. Na verdade, camarada cabo, essas tendências devem ser apagadas do mapa. Não queremos soldados passando a noite sentados em baús olhando as fotos de suas namoradas e suspirando. Queremos que eles vão à sala de atividades culturais de massa, cantem nossas canções de massa e dancem nossas danças de massa, certo? Esse poema seu, camarada, não facilita em nada nossa tarefa. Não mesmo, camarada. Na verdade, camarada, esse poema seu destrói nosso propósito. —A cabeça do major estava virada ameaçadoramente para o cabo Brynych, e cada "camarada" parecia um tiro da infantaria. O vendedor da tabacaria sentiu o suor descendo-lhe pelas costas. Meu Deus, ele não tinha previsto aquilo.

— Afora isso, camarada — disse o Artista Nacional, que obviamente sentiu pena do jovem poeta —, seu poema não é ruim. E não estou dizendo isso por você ter ganhado menção honrosa.

Mas o vendedor da tabacaria não estava preocupado com o poema, e sim com o laudo do exército que levaria para casa. Então concordou mecanicamente com o romancista e olhou ansioso para o major; seu coração estava tomado de medo, principalmente por não saber se Blazenka ainda o amaria se ele tivesse de sair da tabacaria para trabalhar nas minas.

O cabo Brynych ia abrir a boca para se desculpar, para explicar que não fizera aquilo intencionalmente, quando um notório mercenário do Sétimo Batalhão Blindado, o sargento Manas, falou:

— Como estamos falando do impacto político das obras que ouvimos hoje à noite, permitam-me chamar sua atenção para uma coisa. O camarada cabo foi repreendido correta e justificadamente porque o conteúdo político do seu poema divergia do que ele, sem dúvida, pretendia no seu esforço sincero. A esse respeito, eu gostaria de chamar a atenção dos camaradas não só para as quatro primeiras linhas mas também para a conclusão do poema. — Parou de falar e levantou os olhos para o teto, onde fora pintado por um pintor de cartazes na

vida civil um afresco de soldados de bochechas rosadas abraçando mineiros de bochechas rosadas, operários de fundição, fazendeiros e a *intelligentsia* trabalhadora, todos com aventais de laboratório e óculos; um soldado com capacete ganhava pão e sal de uma moça de bochechas rosadas, mas não a abraçava; sentado numa nuvem, o comandante-em-chefe das Forças Armadas da Tchecoslováquia, o general Cepicka, olhava para baixo com olhos bondosos.

O sargento Manas respirou fundo, afastou os olhos da bela pintura do teto e continuou: — Vamos ver as duas quadras conclusivas, camaradas.

Vocês, baús,
Quando as lágrimas de chuva descem
Sobre sua pintura estragada
Fora dos portões das barracas,
Nós levaremos uma parte
Da vida de casa em vocês,
E o outono nos tragará
Com uma cortina cinza de chuva.

— Isso capta uma coisa muito bem, eu creio — disse Manas. — O espírito da natureza no outono. Mas se pensarmos no impacto político, qual será a impressão final? É feliz? Otimista? Há a ideia de orgulho de ser um soldado? Alegria com a perspectiva de voltar à vida civil? Não creio. Para mim, o tom básico deste poema é melancólico. De uma melancolia injustificável, incongruente com a atitude do nosso soldado com relação ao seu serviço militar básico e com sua atitude em termos da sua vida privada. Em suma, uma melancolia que não tem lugar no arsenal psicológico das nossas unidades.

Outros elementos entraram também no debate. Um cabo fez notar que às vezes a melancolia era um dos fatos inegáveis da vida, ao que o major da Música e Dança replicou que nesse caso era preciso lutar contra ela. Uma alma poética declarou que o sentimento da melancolia tinha dentro de si uma espécie de poder vingativo, e que todos os revolucionários eram melancólicos. Manas combateu facilmente essa heresia rotulando-a de erro idealista, e desafiou os presentes a citarem algum revolucionário melancólico e comprovarem essa melancolia. Um elemento da divisão blindada declarou que os camaradas das suas unidades não tinham nenhum motivo para ser melancólicos.

Um certo sargento Pankurek começou a desenvolver a ideia de que os poemas, além do conteúdo intelectual, tinham valores que poderiam ser chamados de cumulativos, isto é, enriqueciam a vida e criavam um tesouro de emoções variadas. A isso o major da Música e Dança retrucou que a vida agora

era rica e variada sem a melancolia.

A essa altura, o cabo Brynych estava tão apavorado que não conseguia mais entender o que ocorria à sua volta.

No final do debate, com vitória absoluta do sargento Manas e suas opiniões sobre o sargento Pankurek, os debatedores lembraram-se de repente da pessoa cuja criação em verso dera início à discussão. Mas quando olharam ao redor, descobriram que o cabo Josef Brynych não se encontrava mais ali.

Ele estava na estrada de asfalto voltando para as barracas, pensando que quando completasse o serviço militar básico iria se apresentar como voluntário para trabalhar nas minas de carvão de Kladno.



— Eu ainda te amo, Liza — disse o comandante de tanque. Ao falar isso, convenceu-se de que estava dizendo uma verdade absoluta.

— Não fale bobagem, querido — disse Lizetka. — Não tente me fazer de boba, está bem? Quando você veio aqui pela última vez?

— Isso não tem nada a ver com o meu amor. Nós temos tido manobras nos fins de semana.

— E quantas cartas você me escreveu?

Ele ficou alarmado. Por mais estranho que parecesse, desde aquela noite acima do campo de instrução ele se esquecera completamente da sua correspondência romântica com Lizetka.

— Eu não tenho tido tempo — disse baixinho. — Fico exausto depois de todas essas manobras. Mas eu te amo, Lizetka. Sempre te amei e sempre te amarei.

— Besteira — disse ela. — Essa sargento Babincáková, sei lá qual é o nome dela, virou sua cabeça. Ou será que foi outra pessoa?

— Lizetka, eu juro que só não escrevi mais para você por causa dessas manobras. Posso provar isso.

— O que vai fazer, trazer um bilhete do seu comandante? — perguntou ela.

— Lizetka, peça o divórcio e se case comigo.

— Você seria um marido chato! Além do mais, eu não posso me divorciar.

— Eu sei, a Santa Madre Igreja não permite.

— Não blasfeme.

— Jesus Cristo — suspirou Danny. — Você se preocupa tanto assim com a minha alma?

— É.

— E com a sua?

— Também. Mas isso é comigo. Não quero você pesando na minha consciência.

— E se eu me matar por sua causa?

— Você?

— É, eu.

— Você é muito filhinho da mamãe para fazer isso.

— Jesus Cristo.

— E não use o nome do Senhor em vão. Isso é pecado.

— Mortal ou venial?

— Se fizer isso muitas vezes, é mortal.

— E você? Você não peca muitas vezes?

— O quê?

— Você sabe, todos esses sujeitos que você mantém na sua cola — Maurice, Kurisu e um certo Budulín. E eu também...

— Eu não gosto de ver ninguém triste. E foi você mesmo quem começou isso. Eu não consegui dar o fora em você, e a partir daí nunca consegui dar o fora em ninguém. É tudo culpa sua.

— Ora, que m... — ia dizendo Danny, mas de repente lembrou-se de que não estava na caserna. — Você acha que não me deixa triste?

— Deixo?

— Eu não tenho o que quero.

— Você sabe que não posso te dar isso. Mas faço o que posso. — Lizetka bocejou, uma atitude cruel da sua parte. — Que bobagem, Danny. Você não deve sofrer por causa disso. Não importa com quem você faz a coisa. Por que não faz com Babincáková? O importante é a alma, não foi isso que você sempre disse?

Danny estava tremendo. *Seu idiota*, disse a si mesmo. *Seu idiota estúpido. Ela tem razão, você é um idiota. Não é bom com Janinka? Melhor do que esse maldito purgatório? Meu Deus, meu Deus, meu Deus*! Mas a única coisa que ele conseguiu dizer foi: — Lizetka, deixe eu ficar aqui com você.

— Oh, não — disse ela. — Pode pegar este edredom e dormir no outro quarto.

— Deixe eu ficar com você. Não vou fazer nada.

— Não, não, querido. Eu quero dormir. Você vai me perturbar.

— Prometo que não.

— Ah, vai sim. Eu te conheço.

— Não vou mesmo, Lizetka. Acredite em mim.

— Não, não. Olhe aqui seu edredom. Agora, vá para lá.

Ele pegou o edredom e o levou para o quarto ao lado. E lembrou-se de novo de Janinka. *Meu Deus, este sou eu? Eu sou o mesmo sujeito que fez amor com Janinka? Porra!*, xingou em voz baixa, pois na sua imaginação o mundo todo era uma caserna.

Jogou o edredom no sofá ensebado e voltou para o quarto dela.

Lizetka ainda estava vestida com a saia, mas já sem a jaqueta e a blusa. Ela o deixou ficar ali enquanto punha o pijama, usando diversas técnicas para não deixar que ele visse muito do seu corpo. Talvez o problema dela não fosse tanto frigidez, mas exibicionismo. Era claro que depois daquela exibição, sua única meta possível seria dormir com ela.

— Um pecado atrás do outro — falou ele com amargura.

— Mas nenhum deles é mortal — ela replicou. Seus olhos estavam indiferentes, mas brilhavam com uma espécie de... desejo?

Oh, meu Deus! Ela se enfiou debaixo das cobertas e apagou a luz. Danny tirou a túnica, as calças, a camisa e pulou para a cama dela.

— Não, Danny, vá embora.

— Lizetka! Deixe eu ficar com você.

— Não. Você vai me tocar e eu não quero isso. Não quero mesmo.

— Não vou — disse ele, sentindo o corpo dela quente como fogo por trás do pijama. — Não vou tocar em você, e se tocar vai ser só um pouquinho — disse, passando os braços em volta dela e sentindo os seios macios na sua mão.

— Está vendo como você é? — disse ela com raiva, virando-se de costas.

— Líza!

— Me deixe em paz e vá dormir.

Ele sabia que não ia acontecer nada. Não ia violentá-la, já tinha tentado isso uma vez e acabou passando duas semanas no setor de oftalmologia do hospital militar. Portanto, ficaria só perto dela, com a mão no seu ombro macio e redondo. Não pode ser pior no inferno dela. Esse corpo sem coração, indiferente, ao meu lado, vai me deixar maluco. Ele ouviu a respiração regular de Lizetka, que já estava dormindo. *Vou ficar maluco, vou ficar maluco*.

Mas ele não ficou maluco. Dormiu um sono leve e em sonho pecou com ela. Lizetka participou imaterialmente, pois era um sonho; mas para as glândulas dele, o ato foi físico. Danny ficou pensando por que tanta estupidez em torno de uma coisa tão simples de curar.

Ficou pensando se ela e sua religião proibitiva estariam certas: tornar-se espiritual, libertar-se de... E então também caiu no sono e tornou-se um espírito liberto, como que numa morte doce — doce porque no seu sono ele não sabia

que acordaria logo daquela morte.



Robert Neumann não prestou atenção a toda aquela controvérsia. Depois que se descobriu que o cabo Brynych não estava mais ali, a atriz abriu caminho entre a multidão e dirigiu-se para ele numa voz cordial.

— Eu queria lhe dar os parabéns mais uma vez. Seus poemas são muito bons para declamar, sabia disso?

Ele queria dizer que não sabia, ou que sabia — ainda não tinha se decidido —, mas, antes que abrisse a boca, ela continuou: — Aposto que você os recita em voz alta à medida que os escreve, não é? Os poetas não fazem isso com frequência, por isso os poemas deles não são bons para declamar. Mas os seus são maravilhosos. Estou falando sério.

Quando ela parou para respirar, ele conseguiu fazer uma observação: — Eles ficam especialmente bonitos declamados por você.

— Obrigada, mas eu ainda acho que a verdadeira poesia é aquela que é construída em voz alta. Não é verdade? — Mais uma vez ela não lhe deu tempo de responder. — Você poderia me mostrar mais alguns? Eu gostaria de declamar esses versos nas minhas turnês, com a sua permissão, é claro. Que tal? Seria magnífico. Nós viajamos muito pelas unidades militares fora da cidade, e seria maravilhoso se eu pudesse ler uns poemas seus. Você concorda?

Robert só conseguiu fazer que sim.

— O ar está muito abafado aqui, não acha? E lá fora está bonito, parece até verão. Que tal irmos para lá?

É claro que ele foi. Em menos de um minuto (e ele não tinha cometido um único pecado, em pensamento, palavra e ação) eles estavam sentados em um banco ao lado da ampla estrada de asfalto ladeada de pedras brancas onde se via uma mensagem na noite estrelada: AVANTE, NA DIREÇÃO DO CUMPRIMENTO EXEMPLAR DOS EXERCÍCIOS DE OUTONO. Apesar do grande interesse da atriz pela poesia de Robert Neumann, ela fez com que ele falasse de sua vida civil. Ele se sentiu aliviado — não alívio físico, mas um tipo de alívio que, em teoria, a confissão oferecia.

Essa diferença era importante. Na confissão, a pessoa se acusava. Mas agora, sem saber como, Neumann de repente viu-se acusando sua esposa; e em vez de

desabotoar a blusa de seda chinesa da atriz no meio dos arbustos, ele começou a falar de seu casamento infeliz com a desejada Ludmila. Parecia um milagre de compaixão, como um bálsamo nos seus ferimentos, aplicado por uma alma feminina sensível e compreensiva.

Na verdade, Alena Hillmanová estava explorando sabiamente a frustração do poeta católico progressista para chegar a um interessante *insight* da vida amorosa do seu lacônico primo, Daniel Smiricky.



O primo lacônico acordou na manhã seguinte na cama da tecnicamente fiel Ludmila Neumannova-Hertlova com um barulho alto. Era o pai dela saudando o novo dia com um grito: "Malditos porcos comunistas!" Mas a presença de um homem no quarto da filha não o preocupou. Porém Danny não era tão marxista que achasse que o mundo era um problema simples, solucionável através de leis de fácil compreensão. O diretor de cena saiu para mais um dia de trabalho, batendo com força a porta da casa.

Ludmila dormia como um bebê, com os punhos cerrados e com a boca, sensual quando acordada, semiaberta como se fosse sugar leite do seio da mãe. Danny levantou-se, vestiu a farda e deu uma ligeira sacudida em Lizetka.

Com grande esforço ela abriu um olho.

— Lizetka, quando posso te ver de novo?

— Vá ao meu escritório — murmurou ela, fechando o olho. Ele saiu do quarto e da casa na ponta dos pés e passou a manhã visitando uma editora do governo, nova e muito grande, onde sua prima, a atriz, tinha ligações. Descobriu que durante seu serviço militar, a inflexibilidade intelectual se estendera em grandes proporções ao mundo editorial, com resultados desastrosos. Ao preencher o formulário para o posto de editor de literatura anglo-americana, ele citou Hemingway entre seus autores preferidos, mas omitiu o nome de Howard Fast. No seu último ano de faculdade, Hemingway ainda era considerado um autor progressista cujo único pecado foi ter distorcido cruamente a verdade sobre a Guerra Civil Espanhola e difamado seus verdadeiros heróis. A partir daí, segundo o homem grave que o entrevistava, Hemingway mudara de figura. Agora era um espião e agente da inteligência americana. Danny pensou com tristeza que isso provavelmente arruinaria suas chances de conseguir o emprego,

mas o homem grave informou-o de que tudo evolui, inclusive as pessoas e suas opiniões, e que sem dúvida ele também, influenciado pelas camaradas da "coletividade" anglo-americana (era assim que eles se referiam aos departamentos editoriais agora), acabaria mudando. Depois de ser apresentado às camaradas em questão, ele não teve mais dúvidas. Uma delas, uma loura de olhos azuis e rosto redondo, podia sozinha garantir essa evolução em qualquer direção que desejasse.

Naquela tarde Danny foi ver Lizetka. Ela trabalhava, ou melhor, estava empregada em um escritório chamado Empresas Culturais da Cidade de Praga; Danny nunca chegou a descobrir que tipo de organização era aquela. Durante sua visita, apareceu lá um senhor com o título de Chefe do Círculo de Xadrez, mas logo pediram que ele se retirasse.

O escritório ficava atrás de uma divisória do que no passado fora um salão de vaudeville. Ludmila estava sentada a uma mesa grande com um enorme caderno onde não havia nenhum compromisso marcado, um bloco de notas vazio e um telefone. Ela dividia o escritório com uma loura oxigenada de uns trinta anos chamada Sra. Králová, cujo marido acabara de ser nomeado para uma missão tchecoslovaca permanente nas Nações Unidas, em Nova York. Ela era hierarquicamente superior a Ludmila, mas nas suas visitas relativamente frequentes ao escritório de vidro, Danny encontrou-a lá poucas vezes. Aquele dia foi uma exceção. Debruçada sobre a mesa de trabalho de Králová (que tinha dois telefones) estava uma terceira funcionária da organização, uma moça esguia e bonita chamada Lexina. Um homem de terno convencional azul-claro olhava-a de um canto da sala, mas não pertencia ao escritório. Quando Danny entrou, Králová estava falando.

— Naturalmente Vasek ficou irritado; então foi ao chefe da seção, que está zangado com ele, mas Vasek e Cepek, da Segurança, são unha e carne, e Cepek tem ótimas relações com Kopejda. Então o chefe da seção prometeu ajeitar a coisa para ele, e antes de Vasek voltar para a NV já chegou uma ordem por telefone para Budárek assumir a operação Karlín. Budárek não está gostando nada; a propósito, Vasek aprontou essa pequena surpresa para ele através de Mikulka, por isso seu nome não apareceu. Budárek não reclamou, mas internou-se no Hospital Geral alegando problemas renais ou coisa parecida, porque o médico-chefe chamado Sofr lhe deve um favor, e agora está esperando para ver como as coisas vão se desenrolar. Naturalmente, Vasek está irritado...

Não dava para entender aquela engrenagem, mas as relações entre os empregados eram obviamente muito complexas.

— Acontece — continuou Králová — que uma pessoa chamada Pecka ia ser despedida porque estavam faltando dez mil na gaveta, que em circunstâncias

normais teriam sido repostos se Hampejz não estivesse de olho no emprego de Pecka. E Hampejz teve problemas porque sumiram uns originais franceses, e teve de sair do SD embora só estivesse lá há três meses, mas certamente havia tirado Pecka de lá porque Vosáhlo estava de olho em Pecka. Mas eles rebaixaram Vosáhlo, então Pecka subiu e provavelmente acabaria no DO no lugar de Curíková, que se envolveu com Milic e a coisa vazou para o ministro, que era pai da mulher de Milic...

Enquanto o comandante de tanque ouvia tudo isso, o sujeito de terno azul olhava abertamente para Lexina, e Lexina deixava-se olhar abertamente, enfiando na boca umas bolinhas de chocolate que estavam numa caixa em cima da mesa. Danny sentiu-se como se tivesse acabado de acordar de um sonho pastoral idílico, onde pastores simples, uniformizados, cuidavam de ovelhas simples e uniformizadas, e dois anos depois levavam-nas de volta a um mundo terrivelmente complicado, onde os seres humanos lutavam incessantemente por empregos bons, melhores e ainda melhores. Essa nova sociedade complexa parecia entrecruzar-se com uma rede de amizades e hostilidades, de favores prestados e devidos, de simpatia e antipatia, de parentescos e relações que faziam lembrar um feudo familiar. Ele ficou atônito de ver quanto esforço mental era despendido para calcular as possíveis combinações e estimar as forças e fraquezas, e como era necessário saber-se de coisas que pudessem servir para chantagem. E tudo isso era, por alguma misteriosa razão, financiado pelo Tesouro do Estado.

Enquanto Králová falava e falava, o comandante de tanque observava Lizetka. Sua saia, debaixo da mesa, estava erguida, deixando revelar bastante das suas pernas.

Olhou também as pernas longas e os olhos negros da camarada Lexina, e a mistura dos pensamentos de sempre começou a rondar sua cabeça, a maior parte pensamentos pessimistas. Para ele, o mundo nada mais era que poucos pontos de luz afogados em uma papa escura de desprazer.

Finalmente, o sujeito do terno azul-claro olhou para o relógio, ajeitou-se e anunciou que tinha de ir embora.

— Gente! — disse a camarada Lexina olhando também o relógio. — Cinco e meia! Querida, quer anotar minhas duas horas extras de trabalho?

— Olhe aqui, Lexina — disse Králová —, vá embora logo. Você só fez uma hora e meia, e é isso que eu vou anotar. Não vou roubar dinheiro do Estado.



Lexina e o sujeito de terno azul-claro estavam quase na porta quando o telefone tocou pela primeira vez desde que Danny chegara. Królová pegou o fone e disse com uma cansada voz oficial: "Królová, CECC." Então arregalou os olhos, deu uma piscada para Ludmila, cobriu o fone com a mão e falou baixinho: — É Kustka! — Falou na voz oficial de novo. — A camarada Kovárová acabou de sair. — Uma voz fina foi ouvida do outro lado da linha, e Królová disse: — Não sei para onde foi. Ela saiu de carro com o camarada Dr. Hillman do estúdio de filmagem. — Enquanto falava isso olhava para Ludmila, com os olhos castanhos dançando em um estranho jogo, e os de Ludmila concordando. — Quer deixar algum recado? — perguntou gentilmente, mas em vez de uma resposta ouviu-se um rápido dique no telefone.

Ela desligou e disse:

— Acho que não — e as duas caíram na gargalhada.

— Lexina vai ter de se virar — disse Królová. — Eu vivo dizendo que um dia ela acaba levando uma surra dele.

— É o que ela está precisando, minha querida. Ela é quase tão puta quanto você. — Królová deu uma olhada de esguelha para o comandante de tanque, levantou-se ainda rindo e disse: — Bom, eu já vou indo, minha gente.

O comandante de tanque de repente concluiu que o sujeito de terno azul-claro era o marido da prima, que ele não chegara a conhecer. Levantou-se depressa e despediu-se da chefe afável da sua amante platônica.

Assim que ela sumiu de vista, Lizetka disse, ofendida.

— Aquela vaca! Ela é uma verdadeira vaca, não é? Fica de beijos e abraços, mas me agride pelas costas sempre que tem oportunidade.

— Por que ela faz isso?

— Por quê? Como é que eu vou saber? E por que você perguntou isso? Está falando como se estivesse numa nuvem.

Era exatamente como o comandante de tanque se sentia. Ele se despediu de Lizetka (ela precisava ir a algum lugar para fazer alguma coisa, mas não disse o que nem onde) e eles combinaram de se encontrar de novo às dez e meia da noite em frente ao Ministério da Cultura. Lizetka estava de bom humor e convidou-o para o que ela chamou de "exibição especial para fins de estudo".



A exibição especial para o ministro, suas amigas e amantes e para um pequeno grupo de cinéfilos e suas amantes, era um filme americano chamado O vale. O filme foi exibido em uma pequena sala rococó no Palácio Wallenstein, restaurado em dourado e com papel de parede rosa. A sala era iluminada com candelabros de prata e lâmpadas mortiças; assim que Lizetka e o comandante de tanque se sentaram nas poltronas bege e rosa, as luzes se apagaram e os créditos começaram a rolar na tela.

O ministro preferia ver musicais porque gostava de mulheres bonitas, mas às vezes, talvez para aguçar seu apetite, fazia jejum e via uns westerns Naquele dia era esse o caso. Apareceu na tela um leão roncando e o slogan ARS GRATIA ARTIS, convidando à diversão. Mas a plateia estava ali para estudar.

O filme era sobre uma diligência que, ao atravessar o vale Monument, é atacada por um bando de índios saqueadores. Tratava das relações entre as pessoas da diligência e mostrava os índios como criaturas sedentas de sangue. Intelectualmente, era um filme extremamente reacionário, mas a direção era notável e oferecia aos cinéfilos da plateia uma gama de ideias formais maravilhosas. A ação era de puro naturalismo.

Os cinéfilos, que tinham vindo à sessão noturna diretamente de uma première de um novo filme tcheco chamado Heróis de mãos calejadas, estudaram esses elementos intensamente. À luz mortiça da sala, eles examinavam em detalhe o charme rude das cenas de amor. Um diretor famoso, concentrado, com a sobrancelha franzida, estalou os lábios quando viu o *close-up* do cano de um Colt e seu tambor revirando lentamente na tela. Danny foi o único a se deixar levar pela história. Ouviam-se os galopes dos cavalos e a diligência balançando e rinchando entre as pedras, perseguida por hordas de peles-vermelhas vestidos com penas e armados de arcos. Apesar do ceticismo há muito tempo cultivado, Danny ficou muito aflito com o destino da bela moça da diligência; Lizetka obviamente sentiu o mesmo, pois quando os peles-vermelhas arremessaram as primeiras flechas, ela agarrou a mão dele. Isso o trouxe à realidade. Quando há necessidade, pensou ele com amargura, a divina intervenção está geralmente à mão, pelo menos no cinema. Depois, um grupo de homens da Cavalaria dos Estados Unidos surgiu no horizonte. Danny apertou a

mão de Lizetka e ela apertou a dele. "Atrás deles! ", gritou o ministro todo alegre, e o diretor premiado acrescentou "Hip! Hip! Hip!". Diversos cinéfilos gritavam "Atrás deles!", e Lizetka puxou a mão que Danny apertava e gritou também junto com os outros. As cenas tornaram-se rápidas: cavalos galopando e caindo como martelos no chão de pedra, revólveres atirando, rostos apavorados dentro da diligência, e as caras pintadas dos índios cortadores de garganta entremeadas com as caras dos ianques da cavalaria. A sala de projeção veio abaixo com aplausos e pés batendo no chão. Os cinéfilos levantaram-se, as mulheres gritaram, o ministro fechou o punho e emitiu ruídos ininteligíveis mas enérgicos. Uma voz de falsete aguda e penetrante elevou-se sobre aquele pandemônio: "Hurraaaaaaaaaaaaaaa!"



Danny levantou-se, beijou a mão indiferente de Lizetka e saiu da sala de projeção. Ele tinha de pegar o trem noturno para chegar na base antes do toque

da alvorada na manhã seguinte. Já tinha passado pelo incidente desastroso no corpo da guarda, e não queria transgredir mais ordens estabelecidas para o exército por pessoas que eram a fonte de todo o poder, e as únicas que gozavam de todos os direitos e privilégios do Estado.



5

Avaliação de Outono da Capacidade Política e de Combate

O comandante de tanque foi salvo das consequências da sua negligência ao dever por uma ideia idiota que circulou no staff geral do exército. Foi avisado pelo quartel-general que os oficiais encarregados da avaliação anual de outono da capacidade política e de combate na Oitava Divisão Blindada chegariam duas semanas antes do previsto.

Essa mudança ameaçava desmoronar o calmo processo de criação de ilusões sobre o estado real da capacidade da divisão, processo chamado na gíria militar de fazer cinema. O Diabo-Anão ficou tão transtornado com a notícia que se esqueceu por completo das escapadas noturnas na prisão militar.

Em um curso especial para oficiais, o comandante da divisão, general Helebrant, estava falando de patriotismo e traição, uma questão levantada no ano anterior pelo caso de Slánsky e seus dez sectários. Ele gostava de ponderar sobre a questão em voz alta. Aqueles onze patíbulos tinham conferido ao problema um senso de audácia e clareza muito grato aos pedagogos militares; além do mais, no dia anterior uma moça que o general tentara conquistar durante pelo menos um ano finalmente consentira em casar-se com ele. Vinha de uma boa família comunista, com ligações no Ministério da Defesa. A voz do general estava calorosa e entusiasmada.

— A mente do homem é complexa, camaradas, para não mencionar sua consciência política. Slánsky recebia — e fez uma pausa — pelo menos trinta mil por mês, e mesmo assim traiu seu país. Eu, e vocês também, camaradas, nenhum de nós ganha metade disso, mas nós nunca... o quê?

— Trairemos nosso país — disse o puxa-saco tenente Hezky, muito comovido. Naquele instante o ajudante de ordens do general entrou na sala. O despacho do escritório do staff geral tinha chegado quando ele negociava com o comandante do destacamento local da unidade de detentos políticos a transferência gratuita de umas tábuas de madeira do futuro estádio de futebol

para sua futura cabana de fim de semana. O general olhou o despacho rapidamente, empalideceu, e com a coragem própria de um comandante de tanque foi ao telefone e adiou o casamento que fora programado no dia anterior. Depois voltou para o departamento político da divisão.

Lá o major Sádlo virava lentamente a manivela de uma máquina copiadora, reproduzindo um documento bastante ilegível e altamente confidencial chamado "Instruções do departamento político divisional ao apoio político para os preparativos da avaliação de outono da capacidade política e de combate". O capitão Vavruska preparava o resumo mensal das atividades culturais de massa da Oitava Divisão Blindada, baseado nos relatórios entregues pelos líderes dos regimentos individuais, que por sua vez preparavam seus relatórios com material entregue pelos líderes dos batalhões individuais, que eram compilados dos memorandos escritos pelos oficiais políticos dos esquadrões individuais, que haviam preparado conscienciosamente esses relatórios em conformidade com o programa de atividade cultural de massa, criado um mês antes pelo major Sádlo e o capitão Vavruska e enviado para todas as unidades da divisão.

O general entrou na sala, sentou-se pesadamente na cadeira e informou os oficiais da visita iminente, que tornava obsoleto o sistema sendo agora copiado, que fora cuidadosamente planejado. Os estênceis foram retirados da máquina e substituídos por outros, a copiadora começou a ranger com uma velocidade pouco costumeira, e as novas ordens, reformuladas como uma série de ameaças veladas, em breve eram mandadas para todas as unidades, onde foram copiadas pelos datilógrafos com eficiência pouco costumeira.



As ordens chegaram como um raio ao capitão Matka do Sétimo Batalhão Blindado, que observava com prazer o sargento Filip montar um sofisticado receptor de rádio para ele com peças sobressalentes, escondido por trás de uma grade do depósito de documentos secretos. Mas a má notícia estragou seu prazer de ver um trabalho tão bem-feito. Com pena de si mesmo, deu aos oficiais de plantão uma ordem brusca para que seu staff fosse reunido dentro de cinco minutos, onde quer que estivesse.

Quando eles chegaram, o capitão fez um daqueles sermões ameaçadores, repletos do imaginário militar — tipo "Eu farei com que suas pernas implorem

misericórdia!"

— e saiu marchando para a reunião na sede divisional, sentindo que aquelas ameaças ajudariam a implantar uma base adequada para a futura avaliação, e que talvez até garantissem um bom desempenho dos seus homens.



Nesse meio tempo, o chefe de staff do capitão Matka, o primeiro-tenente Pinkas, havia reunido os comandantes dos quatro esquadrões e seus oficiais políticos. De forma breve e monótona ele os informou das tarefas que teriam de cumprir (como sempre, acima da possibilidade deles) e dispensou-os. Em seguida, com o ar mais inexpressivo que nunca, foi à sala de documentos confidenciais, mandou embora o sargento Filip e seu rádio inacabado e começou a preparar um conjunto básico de ordens. Isso deveria ser feito pelo capitão Matka, mas, como ele não tinha capacidade para preparar ordens, delegou o poder ao tenente Pinkas, que também poderia ter delegado a mais alguém; mas nenhum de seus subordinados, com exceção de alguns dos convocados, era capaz de realizar tal tarefa. Então, o primeiro-tenente, apanhado em mais uma das ciladas da vida, trancou-se na sala confidencial e só saiu de lá duas semanas depois. Dormia lá, e em certas horas pensava na esposa Janinka. Pinkas era um velho soldado do front, e seu cérebro lógico lhe dizia que era improvável que Janinka, rodeada de tantos rapazes, lhe permanecesse fiel. Isso lhe causava algum ciúme, mas ele ficava tão cansado desses pensamentos e era tão ligado ao seu dever (isto é, seu dever militar) que parava de pensar no assunto. Voltava ao seu sono irrequieto, e quando acordava tirava da cabeça os seios redondos de Janinka e seu adorável púbis coberto para dedicar-se aos problemas das manobras de flanco com o apoio indireto da artilharia. Depois, tão prisioneiro quanto sua esposa da base militar de Kobylec (embora de forma diferente), levantava-se do catre improvisado, preparava uma xícara de café e voltava de novo para seus mapas.

De manhã Danny passou sorrateiramente pelas castanheiras açoitadas pela chuva, esgueirou-se pela discreta sentinela e tentou tirar uma soneca antes do toque da alvorada.



O tenente puxa-saco Hezky, comandante do Primeiro Esquadrão Blindado, foi para o seu escritório e tentou animadamente criar alguma atividade. Não havia por ali nenhum soldado de terceiro ano de serviço militar; quando ele procurou alguém para fazer a limpeza, só conseguiu encontrar uns recrutas de primeiro ano. Quando entrou no centro cultural deparou-se com o comandante de tanque Smiricky escrevendo alguma coisa escondida por baixo do jornal do exército, *Defesa do Povo*. Normalmente Hezky teria perguntado o que ele estava escondendo, mas como estava preocupado com grandes projetos simplesmente passou-lhe uma ordem. Em quinze minutos Danny liderava uma formação de novatos mal-ajambrados, que atravessaram com ele toda a base militar e subiram o morro em direção às longas barracas montadas perto da mata, onde eram dadas as aulas do Sétimo Batalhão Blindado. "Em vista da avaliação iminente de prontidão de combate", dizia a ordem, eles teriam de "retirar das mesas e das latrinas qualquer pichação politicamente incorreta."

O acampamento estava fervilhando de atividade. Vários pelotões indignados (todos os passes haviam sido cancelados por causa da avaliação) varriam as estradas de asfalto com as vassouras que conseguiram comprar (ou roubar). Subiam pelos ares colunas de fumaça das fogueiras feitas com as folhas secas de castanheiras varridas das estradas ou caídas das árvores. Os soldados que tinham talento artístico eram escalados para fazer montinhos de grama na entrada das barracas, misturados com areia, pedras, vidro colorido e modelos de madeira do T-34, semelhantes a túmulos antigos, decorados com estrelas avermelhadas de tijolo moído, retratos do generalíssimo Stalin e do general Cepicka, e slogans como TODO SOLDADO DE TANQUE É UM SOLDADO EXEMPLAR. De um dos centros culturais vinha o som de um coro de cantores roucos, tentando dominar a harmonia de uma canção em duas partes denominada "Avante com Cepicka". Os soldados de macacões sujos marcharam por baixo das colunas de fumaça até o hangar da 117ª Brigada Blindada, onde as portas estavam abertas e os motores roncavam. A divisão blindada acordava de um longo sono de um ano e, vigiada pelos oficiais, tentava pôr em prática o que os oficiais haviam escrito em seus relatórios.

Quando a equipe de demolição de Danny passou pelas barracas do Segundo

Batalhão, ouviu uma voz que parecia vir do céu. Todos olharam para o alto e viram, uns quinze metros acima do chão, a figura do cabo Müller debruçada na beira do telhado. Quando Danny ia perguntar o que ele fazia ali, a voz distante do cabo explicou: — Estamos retirando titica de passarinho do telhado. Talvez o oficial que deu a ordem estivesse se precavendo para o caso de Deus em pessoa aparecer para fazer a avaliação.



O comandante de tanque Smiricky levou sua equipe para as salas de aula do batalhão, que ficavam abaixo de uma elevação arenosa coberta de galhos de pinheiro. A porta estava trancada, mas quatro homens bateram com tanta força e chutaram tanto a porta que a cara sonolenta do soldado Semerák apareceu na janela. Por problemas cardíacos, Semerák havia sido nomeado superintendente das salas de aula e morava ali como um ermitão, praticamente livre das ordens vigentes.

O local de trabalho de Semerák tinha um efeito soporífero nas pessoas. Toda a equipe, assim que passou pela porta, imediatamente se deitou. Danny se entregou à preparação de urna lata de tinta vermelha para pintar as mesas e de um balde de alcatrão para as latrinas, e precisou gritar muito e sacudir seus homens para acordá-los.

— Rapazes — disse Smiricky —, vocês terão de procurar pichações e slogans contra o regime. Tudo o que encontrarem deverá ser pintado, depois faremos um intervalo.

Como isso era melhor que uma porção de outros trabalhos, a equipe não fez as reclamações costumeiras e espalhou-se pelas salas de aula. Logo depois o comandante de tanque foi chamado para inspecionar a área, o que ele fez com prazer.

Nossos corações agradecem
À Senhora Fortuna, ainda que lerda.
Em breve estaremos em casa
E deixaremos esta merda!

Essa quadra, na sala de aula de motores, estava escrita em cima do tambor de

um motor prateado, usado para demonstrações na aula. A sala era ensolarada, cheia de modelos didáticos que os recrutas tinham levado dias construindo. Na verdade, esses modelos eram tão bem-feitos que tinham sido reservados para ocasiões especiais, como inspeções anuais, inspeções de generais ou visitas de assessores soviéticos.

Em um cilindro cromado que ficava debaixo de um quadro de uma batalha, lia-se o seguinte:

Estou avisando, sargento,
Sou apenas um recruta, um soldado,
Mas se não sair da minha frente
Vai levar um chute no rabo.
Suas bolas vão virar uma papa,
E sua virilha vai parar no nariz;
É melhor sair da frente, sargento.
Sua sorte está por um triz.

Depois de limparem o máximo que podiam e saírem daquelas salas de aula sem qualquer senso estético, a equipe foi para as latrinas completar o trabalho de demolição.



A latrina era uma construção lisa sem portas, com uma fileira de buracos em uma tábua inclinada; a sarjeta cheirava a alcatrão, urina e limo desidratado. A enorme parede acima da sarjeta, onde estava escrito a cal SIM, SENHOR! em letras grandes, oferecia oportunidades ilimitadas para os poetas da vida militar. Na galeria de desenhos de uma ampla variedade de órgãos sexuais femininos e masculinos havia diversos slogans e versos com expressões as mais variadas — poéticas, políticas e pornográficas. Num canto especial, reservado para os soldados de nacionalidade húngara, viam-se uns versos indecifráveis.

Ao lado de algumas notícias havia anúncios como Pau grande procura xoxota gostosa, ou frases ideológicas como A exploração deve ser eliminada! Abaixo da afirmativa Nada melhor que uma boa cagada, especialmente quando o vento sopra por baixo (a verdade dessa observação era confirmada pelo som do

vento soprando constantemente pelas aberturas, como um velho órgão comido pelos vermes), um reacionário escreveu *Morte para o maldito bolchevismo!*, mas a última palavra fora trocada para capitalismo por uma mão progressista. E abaixo do slogan *Fodam-se as ordens! Nós queremos mulheres!*, um poeta licencioso escreveu os seguintes versos na parede, rodeando-os com uma enorme vulva cabeluda:

Annie, Annie, o que você está fazendo?
Me disseram que você só estava brincando
Não importa, vou te fazer um grandão
Com um bolo igual a um salsichão.
Eu não quero seu bolo velho e rançoso
Para usar uma vez e não mais me servir.
Quero um que seja gostoso
De pele de arminho, bom de vestir.

Ali, os soldados trabalharam mais devagar. Em vista da riqueza das pichações, eles acharam que deviam preservar pelo menos parte daquele tesouro para a posteridade.

Abriram seus cadernos de notas e copiaram lentamente vários dos dizeres naquelas páginas manchadas. Danny sentou-se em um dos buracos vazios da latrina e ficou olhando para um canto de parede iluminado pelo sol. Um soldado eslovaco escrevera uma breve ode à alegria:

Prepare-se, querida, abra seu doce favo de mel
Porque amanhã voltarei para casa, meu céu

E Danny começou a pensar, e depois a sonhar. Um trabalhador cultural de ideias realistas lhe dissera que todo mundo é poeta sem saber. Ele se lembrou disso e ficou pensando no delicioso jardim de pentelhos crespos de Janinka e nas questões ideológicas que ele ridicularizava, mas que secretamente não sabia se eram tão ridículas.

Depois, tudo isso se misturou à cara redonda da sua futura colega loura da editora e aos olhos verdes da inconquistável Lizetka. Seus pensamentos eram complicados pela terrível carga da vida, à qual ele escapava quando tocava saxofone alto na banda do regimento, satirizando o tom alegre das horríveis músicas executadas para os membros das fazendas comunitárias locais em torno da base de Kobylec.

Finalmente Danny levantou-se e ordenou que sua equipe voltasse para as

salas de aula; os móveis foram ajeitados da forma mais confortável possível para que todos pudessem dormir ali o resto do dia, até as luzes se apagarem.



Enquanto isso, os outros membros do Sétimo Batalhão Blindado tinham varrido as estradas e os telhados e limpado as manchas de óleo com escovas e água quente. Depois o Diabo-Anão os levou ao Parque do Relaxamento e lá, até tarde da noite, eles ficaram espalhando areia limpa nas calçadas e catando papéis e frutos dos pinheiros.

Esfregaram as barracas, limparam os depósitos até as duas horas da manhã, e deram polimento nas chaleiras de cobre das cozinhas do batalhão. Terminada essa parte, escovaram suas fardas de passeio e levaram-nas para os sótãos a fim de preservá-las da poeira, quando eles fossem trocar a palha dos colchões (a próxima tarefa da lista). Enquanto a poeira não assentava e as barracas podiam ser usadas de novo, os soldados consertaram uma cerca em volta da sede do batalhão e pintaram-na de verde. Quando finalmente foram para a cama, às cinco da manhã, os dormitórios estavam limpos e eles (e também o comandante de tanque, que acabara de voltar da colina Zephyr) tiveram uma hora para dormir até o toque da alvorada.



A avaliação de outono do Sétimo Batalhão Blindado começou com um teste sobre a teoria de artilharia. Oficiais nervosos e homens fleumáticos reuniram-se em uma sala de aula equipada com uma simulação de campo de batalha, com pequenos tanques de madeira que eram empurrados com ponteiras. Um homem pesadão, caolho, coberto de insígnias de inegável gosto soviético e origem czarista, estava entre o capitão Matka e o tenente Vrabec.

O primeiro a ser testado, o sargento Zloudek, chegou na sala com um olhar parvo e respondeu à seguinte pergunta que, por motivos pedagógicos, foi

formulada em termos altamente visuais: — Seu tanque está passando velozmente pelas ruas em chamas, e ruínas de paredes caem sobre você. A cidade está sob fogo intenso de artilharia. Seu operador de metralhadora acabou de atingir um soldado americano armado com uma bazuca, mas outros talvez estejam escondidos por trás de alguma janela ou pilha de demolição.

Você olha pelas seteiras e de repente vê um tanque Sherman entrando na praça e girando o canhão para mirar em você. Qual é a sua reação?

O sargento Zloudek abriu a boca mas não emitiu nenhum som. O tenente elevou um pouco a voz e continuou, gesticulando muito.

— O Sherman se aproxima. Você pode ver a estrela branca na carcaça. Um fuzileiro inimigo pula fora do tanque e os primeiros tiros ricocheteiam na sua blindagem.

A torre da igreja desaba em chamas. Qual é a sua reação?

— Eu abro fogo — respondeu o atirador. — Mas como, camarada sargento? O sargento Zloudek não especificou, como se o medo tivesse tomado conta dele.

— O tanque americano está vindo a toda velocidade — continuou o tenente dramaticamente, olhando em volta, nervoso com a presença do general soviético sentado em uma cadeira abaixo de um slogan que prometia lealdade eterna ao general Cepicka. — De uma rua de trás surge uma metralhadora. Qual é a sua reação?

O desesperado atirador olhou para seu municiador, o soldado Bamza, que estava ao seu lado. O primeiro-tenente Vrabec notou isso, e em vez de chamar o sargento Manas, que levantou a mão para responder, virou-se para Bamza.

— O senhor, camarada soldado. Como o senhor procederia? Bamza revirou os olhos melancólicos, como se Vrabec tivesse lhe preparado uma cilada, e respondeu revoltado:

— Usaria o canhão. As metralhadoras não valem mer... quer dizer, não são páreo para o tanque — corrigiu rapidamente o soldado.

— Correto — disse o primeiro-tenente Vrabec, olhando com ansiedade para o general soviético. Mas o general parecia estar dormindo, talvez em consequência do café da manhã servido no rancho dos oficiais, regado a vodca. — Mas como o senhor vai abrir fogo? Como? — insistiu Vrabec. Finalmente ele viu que o sargento Manas estava louco para mostrar seus conhecimentos. — Talvez o senhor possa nos dizer, camarada sargento. Bombas estouram à sua volta. O cano característico de uma bazuca antitanque surge de uma casa bombardeada. A metralhadora para e mira no senhor. Qual é a sua reação?

— Usando o método de setor, eu calculo o alcance do veículo inimigo — respondeu Manas. — A partir da altura conhecida do tanque Sherman e da velocidade prevista da cápsula em linha reta, eu aplico a fórmula

$$D = \frac{s \times 0.75}{v}$$

onde "D" é a distância dentro dos limites do alcance da arma, "s" é a velocidade estimada, 0,75 é a constante da fórmula, e "v" é a velocidade do tiro antitanque.

Em seguida, fazendo os ajustes necessários para as miras, eu regulo na terceira escala à esquerda — para projéteis capazes de perfurar blindagem — a distância que já foi calculada, dou a ordem adequada ao municiador e ao motorista e abro fogo.

O primeiro-tenente Vrabec olhou com orgulho para o general, mas ele dormia como uma pedra. Isso não importava, pois ele não entendia uma palavra de tcheco e o capitão Matka não havia providenciado um intérprete — partindo do princípio politicamente correto mas linguisticamente duvidoso de que aqueles dois exércitos fraternais falavam praticamente a mesma língua.



Cerca de uma hora depois, os homens do Sétimo Batalhão Blindado encontravam-se sentados nos carros de combate na colina Zephyr para demonstrar na prática o que tinham aprendido em teoria. No morro oposto havia vários modelos verdes em tamanho natural, desde pequenos montes que indicavam um soldado inimigo ativando uma bazuca até um enorme pedaço de lona esticada com a imagem de um bunker camuflado. O general soviético caolho fazia parte da banca examinadora, mas graças a um frio vento de outono ele estava bem acordado. Os elementos da banca estavam em um estande de madeira perto da vila dos oficiais casados, agarrando-se aos seus quepes.

O vento impiedoso soprava com tal força que parecia desviar do seu curso as balas traçantes atiradas pelos tanques em ação.

O sargento Zloudek acertou bem no centro do alvo, talvez porque não estivesse apavorado no meio da batalha. Todo soldado se entusiasma quando põe as mãos em munição, mas esses instintos eram particularmente fortes no caso dele. O comandante de tanque Smiricky sentou-se na torre segurando com força as empunhaduras, e deixou os comandos a cargo do atirador. O soldado Bamza, cujos instintos também afloraram, carregou na perfeição a munição com cabeça de cobre na culatra.

— Motorista, parar! — veio a voz de Zloudek pelos fones de ouvido do comando do tanque. O cabo Strevlícek pisou nos freios, o tanque parou abruptamente, balançou e estacionou, e com um barulho surdo a bala projetou-se do cano. Através de um ponto de mira na torre, o comandante de tanque viu a metralhadora antitanque do inimigo no morro em frente voar aos pedaços. Quando avançaram de novo, viram uma bandeira vermelha tremulando, o que indicava o golpe certeiro.

Eles atacaram cinco vezes ao todo e destruíram cinco alvos. Depois voltaram para o posto de observação e saíram do tanque. Quando Danny escorregava da carcaça para o chão, quase caiu em cima de um atirador gordo coberto com um enorme capacete que se aprontava para subir no tanque. Por baixo do capacete acolchoado viam-se dois olhos em pânico, e o rosto branco como cal. A ordem foi dada, e o atirador de capacete subiu na torre e escorregou para dentro.

— É Manas! — falou Bamza, que estava ao lado de Danny. — Vamos nos esconder no bunker. Vamos logo!

Era mesmo o comandante de tanque Manas, que se dera tão bem na aula teórica de artilharia; mas a observação de Bamza mostrou ter sua lógica. Ao lado da plataforma de observação, onde as insígnias do general brilhavam ao sol, havia um bunker abandonado construído por razões há muito tempo esquecidas. Bamza, que não primava pela rapidez, foi praticamente correndo para obunker. Danny hesitou quando viu Strevlícek e Zloudek debruçados desafiadoramente na plataforma de observação. Mas a precaução triunfou, e o comandante de tanque seguiu Bamza para o bunker. Ali, protegidos por uma fogueira feita com madeira cortada de uma latrina recém-construída, os soldados jogavam cartas e bebiam alguma coisa de uma garrafa imunda. Danny subiu para a seteira e olhou em volta.

O tanque estava saindo. Lá longe, no morro coberto por uma grama escura de outono, avançava uma fina linha de fogo; uma das balas de festim traçantes tinha ateado fogo na grama. Lindas nuvens brancas e fofas subiam lentamente pelo topo da colina enquanto o tanque ia roncando em frente.

Uma agradável sensação de paz tomou conta de Danny, provocada pela beleza natural do lugar, a aproximação do término do serviço militar e a ideia de que perto dele, em um daqueles apartamentos pré-fabricados, Janinka poderia estar olhando pela janela — Janinka, que detestava os tanques mas não os homens que iam dentro deles.

Um corvo voou em círculos acima do tanque barulhento, possivelmente achando que aquilo fosse um enorme animal que deixaria para trás uma trilha de detritos comestíveis.

Naquele momento a máquina de aço parou, girou ligeiramente e estacionou.

Danny estava agora completamente alerta, esperando pela chama vinda do cano do canhão e o barulho seco de uma explosão; mas na verdade não foi isso que aconteceu.

O cano lançou o projétil invisível, e no topo do morro em frente um pinheiro solitário foi cortado em dois. Depois, o que aconteceu foi completamente inesperado. O tanque continuou em frente e a torre começou a girar lentamente, soltando um fogo intermitente. O barulho familiar da metralhadora ecoou pelo vale. Fragmentos de aço ricochetearam nas bordas de concreto do bunker, e a mão do soldado Kobliha, preparada para jogar o ás de espadas, parou em pleno ar. O barulho da metralhadora continuou e Danny, agachado na seteira, viu o tanque virar-se na direção da plataforma de observação. A torre ainda girava rapidamente e as balas traçantes voavam em todas as direções.

Danny olhou para a plataforma e viu o general caolho pular fora, seguido pelo seu quepe com a faixa vermelha e dourada. Debaixo da plataforma, Strevlícek e Zloudek achatavam-se no chão; por trás deles, uma janela no terceiro andar dos dormitórios dos oficiais explodiu de repente, quebrando vidraças e levantando fumaça. Cacos de vidro espalharam-se por todo lado, brilhando ao sol de outono como um monte de diamantes atirados no ar.

Finalmente a munição acabou e o monstro enfurecido calou-se. O tanque estacionou diretamente abaixo da plataforma de observação, e o comandante de tanque Manas saiu carregado. Seu rosto estava coberto de sangue e ele soluçava histericamente.



Naquela noite, os intelectuais entre os oficiais convocados souberam do acontecido em uma reunião organizada pelo tenente Dr. Sadar, que cuidara dos ferimentos do comandante de tanque Manas. Quando Danny chegou, muito mais tarde (ele tinha ficado na colina para ver se a bala não atingira a esposa do primeiro-tenente, e depois foi consolá-la), eles tinham também recebido um relatório do staff divisional. Naquela tarde Manas, o trabalhador cultural mais ativo do batalhão, havia entrado num tanque T-34 pela primeira vez na vida. Até então ele dominava todas as artes militares puramente em teoria. Era o mais corajoso seguidor de slogans, organizador de brigadas voluntárias para colher batatas, palestrador em todas as ocasiões e colaborador do jornal divisional O Exército do Povo. Tinha composto um soneto para o general Cepicka, e foi por isso nomeado para o comitê divisional da União dos Jovens Tchecoslovacos pelo general Helebrant, onde ficou encarregado de criar modelos de cartazes. Manas teria completado seu serviço militar obrigatório sem nunca ter visto o interior de um tanque, se os seus excelentes resultados teóricos de artilharia não tivessem

impressionado tanto um general transferido de outra base para Kobylec a fim de chefiar a avaliação de outono. O general insistiu que Manas tomasse parte do teste prático de artilharia embora fosse comandante de tanque, e nem mesmo o próprio Manas conseguiu inventar uma desculpa plausível para se safar. Por isso ele se sentou no lugar do atirador e deu partida no tanque.

Quando parou — não por ordem sua, mas porque o motorista estava habituado à rotina —, Manas perdeu o equilíbrio e agarrou o gatilho por engano. O canhão disparou, e o barulho fez Manas pular para fora do banco. Ao cair com os braços estirados, ele agarrou o gatilho da metralhadora com a mão direita e a alavanca para girar a torre com a esquerda, acionando os dois mecanismos. Ensurdecido com as explosões e tonto com a rotação da torre, Manas agarrou-se nas duas alavancas até que finalmente desmaiou.

Os oficiais convocados, sentados em volta do aquecedor da enfermaria do médico, levantaram as xícaras de chá e beberam à saúde do galante puxa-saco. Depois o sargento Krajta pegou o último número da revista divisional, que tinha um artigo do herói teórico caído em desgraça. O nome do artigo era "Adeus, fiel amigo".

A madeira estalou no aquecedor e um aroma subiu das xícaras, o aroma do líquido contido nas garrafas sujas que foram levadas do bunker para a enfermaria, sem ninguém saber como. O sargento Krajta leu em voz alta o artigo com voz de falsete:

> *Então hoje é a última vez. Que pena! Eu me acostumei tanto a você! Embora no início eu não quisesse conhecê-lo, embora eu tivesse até medo de você, me apaixonei por você nesses últimos dois anos, tornando-o meu melhor amigo. Aprendi a conhecer você, e a compreender e reconhecer suas fraquezas. Muitas vezes dediquei todo meu tempo livre a você, e às vezes parte das minhas noites. E os tempos fantásticos que passamos juntos! Você se lembra daquela noite tépida, quieta e maravilhosa durante as manobras, quando eu fiquei ao seu lado nos arbustos, protegendo a segurança de nosso amado país? Um antílope e sua fêmea pularam em cima de nós, e eu tive vontade de me sentir acariciado por alguém; então eu o acariciei, meu fiel companheiro, meu querido T-34*!



Àquela altura o sargento Krajta cuspiu para o lado e declarou que diziam que o comandante de tanque Manas tinha transado no estábulo com a mula do regimento; nesse instante, um servente do hospital, chamado Beránek, levantou-se e abriu a porta que dava para a enfermaria, onde Manas se recuperava do choque e dos ferimentos.

Quando Beránek viu Manas, gritou naquela noite maravilhosa — igual à noite que o infeliz comandante de tanque descrevera.

— Ei, nós acabamos de ler que você transou com um T-34.



Apesar disso e de outros infortúnios, o Sétimo Batalhão Blindado e seus comandantes foram incluídos na parada de avaliação diante do comandante-em-chefe do Exército Mecanizado e Blindado. Foram distribuídas medalhas aos soldados exemplares dos carros de combate e, num grand finale, o título de Motorista de Tanque Mestre foi conferido ao sargento Ocko, daquele notório batalhão. A faixa decorativa estava ali para salvar a alma marcada do capitão Matka, para curar os ferimentos causados por ter homens tão ignorantes que se perdiam por trás das linhas do inimigo com um esquadrão completo de tanques, que não sabiam qual era a direção de Praga, ou que só souberam citar alguns dos trinta e sete ministros do governo durante o exame de capacitação política.

O capitão Matka levou Ocko ao seu escritório para, com a assistência de Ruzicka e Hospodin, ajudar o sargento a preparar-se moral e ideologicamente para a grande honra. Ele sabia que essa preparação seria especialmente apropriada no caso de Ocko, pois o motorista tinha um palavreado pouco condizente com um novo soldado socialista.

Mais tarde o sargento Ocko fez um relatório lacônico daquela sessão de duas horas no escritório do capitão.

— Porra, cara — disse ele, desenrolando sua perneira de pano fedorenta —, os filhos da puta gritaram comigo durante duas horas e me disseram, entre outras coisas, que eu devia estar orgulhoso daquela honra de merda, cara; quando eu perguntei se podia tirar uma licença, sabe o que os filhos da puta responderam? Que eu tinha de esperar até voltar para a porra da vida civil, cara. Eles que se fodam.



O glorioso dia finalmente chegou. Toda a divisão, com fardas de passeio, reuniu-se para a avaliação no campo de futebol. Era um típico dia de outono; um vento frio soprava, as bandeiras tremulavam no telhado do estande da revista, e os homens do Sétimo Batalhão Blindado perfilavam-se com as fardas imaculadas distribuídas naquela manhã, as quais haviam sido inspecionadas e consideradas perfeitas por um grupo de generais. No último momento o capitão Matka ficou aflito com o que esperou que fosse o último desastre da avaliação: o comitê descobriu que um dos agitadores políticos do batalhão, o sargento Mácha, tinha tatuagens imorais no corpo, e que no caderno de anotações do soldado Mengele havia um esboço de uma viagem inacabada pelo mundo, desenhada com uma linha dupla contra o fundo dos dois hemisférios.

A linha dupla era dividida em setecentos e trinta quadradinhos, cada um representando um dia no serviço militar. A maioria deles estava preenchida com tinta vermelha. O esboço tinha um significado claramente internacional, pois o general russo entendeu sem que lhe explicassem, e o major Borovicka condenou Mengele a dez noites de detenção no corpo da guarda. Mas esses lapsos adicionais dos subordinados do capitão Matka não mais o preocupavam. Empertigou-se diante do seu corpo de oficiais, com as nuvens cinzentas refletindo-se nas suas reluzentes botas de montaria. Pássaros circulavam abaixo das nuvens, juntando-se para a viagem rumo ao sul, e abaixo deles o presidente da banca examinadora fazia um longo discurso. Com orgulho, afirmou que o Sétimo Batalhão Blindado tivera esplêndidos resultados, pois na avaliação geral tinha conquistado nota três, considerada boa. Mas eles não deviam se esquecer, continuou, de que apesar desses resultados tinham de pensar nos erros a serem corrigidos. E embora tivesse falado só vagamente no sucesso deles, deu uma lista interminável de seus erros.

Quando o general exauriu seu suprimento de observações críticas, o comandante da divisão subiu na plataforma e declarou que o serviço militar era uma experiência rude, da mesma rudeza dos tanques soviéticos, que os soldados também tinham de ser rudes e que os soldados das divisões blindadas tinham de ser os mais rudes de todos. O bando de pássaros que circulavam debaixo das nuvens ainda não tinha se decidido a deixar aquela charmosa terra outonal; enquanto isso, o general Helebrant expressava sua convicção de que, se houvesse uma guerra, o serviço militar seria ainda mais rigoroso do que era agora, mas que seus soldados tinham mostrado que o punho rígido do Exército Democrático do Povo esmagaria o inimigo e — sob a liderança do comandante supremo, o general Dr. Alexej Cepicka — o poria de joelhos.

Tomado de emoção militar, declarou que ficaria satisfeito se os operadores de tanque pudessem sempre superar todos os obstáculos da vida civil com um bravo grito de "Hurra!" nos lábios.

Como fariam isso na prática era coisa que ninguém podia imaginar naquele momento. Mas, seguindo o modelo soviético, as tropas gritaram "Hurra!" pelo menos ali, e o general passou para o clímax do programa, a condecoração do sargento Ocko.

Depois da ordem "Tropas, aten-ÇÃO!", a divisão ficou imóvel e ouviu-se a voz trovejante do general gritar "Sargento Ocko" nos alto-falantes, como uma trombeta anunciando o Juízo Final. Depois, em contraponto a essa trovoada eletrônica, ouviu-se a voz sem amplificação do sargento Ocko dizer "Presente!", e finalmente a ordem para ele se aproximar.

O sargento Ocko saiu em sua peregrinação triunfante pelo pátio, marchando com um passo não regulamentar. Subiu no estande da revista e apresentou-se ao general apressadamente. O general retirou a medalha dourada da caixa e prendeu-a no peito de Ocko. Ao fazê-lo, sua voz trovejante ecoou pelo pátio.

— Camarada sargento, pelos poderes a mim conferidos pelo Ministro da Defesa Nacional, o general doutor Alexej Cepicka, eu o nomeio Motorista de Tanque Mestre.

Seguiu-se um som borbulhante no pátio, possivelmente a resposta regulamentar "Eu sirvo ao povo!", que só poderia ter sido pronunciada pelo próprio sargento Ocko.

Nesse ponto o general, que era uma ave rara — um oficial com experiência no front —, perdeu a cabeça. Comovido talvez por aquela cara rural crestada pelo vento que tinha diante de si, e lembrando-se de outras caras assim que nos tempos de guerra o rodeavam nos tanques — tão diferentes das caras que o rodeavam agora no ministério —, cometeu um erro tático. As mãos vermelhas e grandes do sargento Ocko lhe sugeriram que o domínio da arte de dirigir tanques

era real, não apenas teórico, como tantas habilidades que ele presenciara durante os poucos dias de avaliação, e o veterano de guerra emotivo perguntou com uma voz simpática: — Muito bem, camarada sargento, como o senhor aprendeu a guiar um tanque tão bem?

Suas palavras soaram claras ao longo do pátio, e foram imediatamente seguidas pela voz igualmente clara do sargento Ocko.

— Eu não tive problema com essa porra, camarada general. Na vida civil eu guiava um carro todo fodido.

Por trás deles, na fila dos oficiais, as pernas do comandante do Sétimo Batalhão Blindado, o capitão Václav Matka, bambearam e seu oficial político teve de ampará-lo.

E o bando de pássaros do céu finalmente decidiu-se, entrou em formação sem ouvir qualquer ordem e começou a viagem para o sul, para climas mais hospitaleiros ainda governados pelo inimigo da classe.



A Defesa do Povo, o jornal do exército, começou a publicar editoriais destinados aos oficiais políticos, com cabeçalhos como "Para urna correta avaliação do desempenho dos trabalhadores políticos" ou "Para uma política de assistência moral aos soldados e reservistas que deixam o serviço ativo", ou até mesmo "Para fazer dos reservistas fazendeiros". Nesse jornal popular havia artigos nos quais os soldados da Enésima Unidade cantavam as glórias dos dois maravilhosos anos passados entre os camaradas do Exército Democrático do Povo, para que seus entes queridos pudessem dormir em paz em casa. Um rapazinho que ainda nem se alistara porque tinha de esperar o mês do recrutamento, mas que já tentava granjear simpatia, escreveu assegurando àqueles que voltavam para a vida civil que assumiria suas armas para que eles pudessem construir o socialismo em paz. Soldados e reservistas de várias divisões despediam-se dos seus rifles, tanques, canhões, morteiros, instrumentos de engenharia e gases venenosos em artigos tão cheios de emoção que o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek foi levado a apresentar — sob o pseudônimo de Pravomil Poslusny — uma matéria chamada "Para estender nosso querido serviço militar à terra natal", sugerindo a volta ao serviço militar obrigatório de sete anos prevalecente na época czarista. O artigo não foi publicado, mas um

soldado que, por coincidência, tinha aquele estranho nome foi chamado pela polícia secreta militar, e quando voltou à vida civil foi preso por ter insultado o sistema democrático do povo.

Os soldados subservientes — aqueles que até os últimos momentos da época mais feliz de suas vidas ainda tinham medo dos oficiais políticos — decoravam as salas do clube e os quadros de avisos pela última vez com slogans que exortavam os novos defensores da paz a seguirem os passos do famoso Enésimo Batalhão, a fim de manterem as grandes tradições de tal ou qual unidade. Fotografias oficiais de soldados de carros de combate parecendo bastante belicosos, com seus capacetes de tanques, foram publicadas para inspirar os novos recrutas. Embora não se dissesse, sabia-se que a maioria dos recrutas tinha namoradas na vida civil; portanto, uma das formas mais eficazes de encorajar o zelo militar era prometer-lhes que seriam fotografados com os capacetes de tanque, para mandarem as fotografias autografadas às suas amadas. Infelizmente, não era necessário nenhum zelo para tirar essa fotografia, pois o fotógrafo local alugava capacetes aos membros de qualquer unidade.

Quando o tenente Hospodin descobriu mais tarde essa trapaça, o fotógrafo foi condenado a dez anos de prisão por sabotar a prontidão psicológica dos homens.

Ao que Danny soubesse, *A Defesa do Povo* nunca fora tão lido como agora, pelo menos não entre os intelectuais convocados. Um funcionário do Serviço de Desenvolvimento do Trabalho realizou uma grande reunião no acampamento e um show de variedades no auditório, com o intuito de estimular os soldados a se apresentarem para trabalhar nas minas ou na indústria pesada. O evento foi muito concorrido não porque os homens se sentissem atraídos pela promessa de novas oportunidades de construir o socialismo, mas porque estavam cansados de se esconder dos oficiais, que pretendiam explorar seu trabalho não remunerado — no pouco tempo que lhes restava — para melhorar várias instalações da base e das suas casas. Esse tipo de trabalho os soldados recusavam-se a fazer, tanto por preguiça quanto por princípio (os novatos chegariam ali em pouco tempo, de qualquer forma). Então, eles se escondiam dos grupos de busca dos oficiais nas crateras abertas pelas granadas no campo de instrução, comendo salame roubado do rancho e usando as gigantescas pilhas de palha perto do campo de instrução da infantaria para "praticar" com a sargento Babincáková, suas duas colegas e uma moça da União dos Jovens que o soldado Semerák contrabandeara para o acampamento na caçamba de um caminhão de leite.

Mas até mesmo essas fugas e diversões logo se tornaram cansativas, e inúmeros soldados apresentaram-se na campanha de recrutamento. Fazia uma linda tarde, e o ar fresco que atravessava as janelas sugeria repouso. Alguns

homens dormiram logo depois de chegar ao auditório, outros ouviram o longo discurso introdutório do oficial político divisional, o major Sádlo. Em seguida, um funcionário do Serviço de Desenvolvimento do Trabalho apresentou estatísticas animadoras, mostrando as vantagens da produção de minério e aço como meio de construção do socialismo. O programa foi concluído com um poema do sargento Bivoj Balík, da sua nova coletânea. Aqueles que ainda não tinham adormecido ajeitaram-se mais confortavelmente nas cadeiras e, na esperança de serem levados a dormir, ouviram os versos de abertura.

Hoje, agradecidos, damos adeus
Às armas, às perneiras, às minas e aos tanques;
No portal do trabalho estão nossas mulheres
Colocando rosas vermelhas na nossa mão.
Por dois anos vivemos aqui como irmãos
Não nos esqueceremos uns dos outros.
Nossa ternura de aço é uma parte de vocês
Nós os guardaremos em nossos corações
E juramos

O poeta respirou fundo para dar mais ênfase e sentimento, mas naquele exato momento, através de uma janela aberta, os sons distantes de uma música penetraram na sala. De início, nem a melodia nem as palavras foram identificadas.

... *que se formos chamados a lutar*, continuou o sargento,

Daremos nossa vida pela nossa pátria querida.
Todos estamos preparados para lutar
Para mostrar nossa força ao inimigo!

Quando o poeta fez essa afirmativa, a letra da música levada pela brisa da noite foi identificada:

Saiam por aí,
Vamos nos divertir...

Os que estavam na plateia quase dormindo acordaram de repente, quando as vozes bêbadas continuaram a cantar:

Saiam por aí,

Vamos ouvir os blues por todo lado...

O salão foi tomado de um murmúrio animado; alguns elementos começaram a cantarolar a melodia, enquanto os desconhecidos minicantores do lado de fora continuavam com grande entusiasmo:

Zing bum ta-ra-rel...

Enquanto vivermos nossa raiva protegerá
Essa jura sagrada em nosso coração!,

gritou o sargento Balík, e as vozes lá fora continuaram:

Cante uma música de bom grado...
Preparados para viver essa vida feliz!

O sargento tentou gritar mais alto que os cantores, mas sua voz perdeu a força no crescendo...

Agora é hora de sair por aí ...

e então todo o salão passou a cantar, baixinho de início e depois com voz cada vez mais alta:

Pois a gangue está TODA AQUI!

Com essa música nos lábios os homens saíram correndo do salão, e quinze minutos depois lotaram os cinco bares da aldeia vizinha.



Mais ou menos às onze da noite, o teor alcoólico de quase todos os que estavam nos cinco bares ultrapassara o limite permitido pelo oficial chefe de saúde do exército.

As sentinelas do portão, que mandavam todos os soldados barulhentos ou

calados demais fazerem o teste de bafômetro na enfermaria, se deram bem. Mas a polícia militar, que tentou restaurar a ordem no Jan Zizka, se deu muito mal. Os policiais foram insultados por um cabo que xingava a três por dois e dizia: "Vocês, policiais de merda, é bom irem saindo logo dessa porra senão vou chutar o rabo de todos." Quando tentaram prender o cabo, a multidão os empurrou para fora do bar e os jogou numa poça de lama.

Com uma firmeza própria do corpo blindado, os policiais limparam a lama da farda e foram tentar impor a ordem no Angel Pub, onde prenderam o sargento Kobliha por negociações ilícitas com civis. Ele tinha vendido sua medalha de soldado exemplar da divisão blindada por cinquenta coroas para um civil, que mais tarde veio a ser secretário distrital da União dos Jovens Tchecoslovacos, e gastou o dinheiro com uma garrafa de bebida chamada Devil's Brew.

No bar seguinte, The Magistrate's Arms, um recruta do primeiro ano, desesperado por ter de enfrentar mais um longo ano de deveres cívicos, teve um acesso passageiro de loucura e atacou o cabo Lakatos, que caçoara da sua infelicidade e o chamara de burro convencido. Os dois acabaram brigando de faca, e só não houve derramamento de sangue porque o dono do bar interveio.

Mas as bacanais chegaram ao auge ideológico na sala dos fundos da hospedaria The Hedgehog and Apple, quase toda ocupada pelos reservistas de uma ala intelectual.

Às onze e meia, um busto oco de gesso de um importante estadista foi passado de mão em mão. Puseram-no de cabeça para baixo, encheram-no de vinho e beberam dele ao som de uma música semelhante a uma marcha fúnebre:

O mundo inteiro sabe
Que Kobylec é o cu do mundo.

O busto foi esvaziado precisamente às quinze para a meia-noite. Depois de pintarem uns óculos no rosto do estadista, os reservistas colocaram-no no lugar e, bem-humorados, marcharam rapidamente para o acampamento, atravessando os portões segundos antes de seus passes expirarem.



Naquela noite, o corpo da guarda não deu vazão à quantidade de soldados

que tentavam conseguir "acomodações com um cobertor" ou, como dizia o regulamento, soldados "detidos fora do plantão". Danny, mais uma vez encarregado de escoltar prisioneiros, teve de empurrar os bêbados para as celas comuns e para dentro de todos os espaços disponíveis.

Depois, sentou-se na sala de escolta e ficou ouvindo mais uma vez os roncos do soldado Bamza no sofá e os passos pesados das sentinelas no pátio. Abriu uma gaveta da mesa, puxou um caderno grosso e começou a ler com grande interesse.

Tratava-se de um trabalho que consumira seu tempo por quase um ano, e que o deixava muito orgulhoso. Era um tratado militar-pedagógico e manual de serviço, intitulado Um curso de treinamento em intimidação, com subtítulo A arte de dar esporro, para os oficiais das Forças Armadas da Tchecoslováquia. Na primeira página vinha um pensamento: "O soldado sem senso de humor é um mercenário — J. V. Stalin." (O comandante de tanque inventara isso caso a obra caísse nas mãos não autorizadas de um oficial.) Na página seguinte havia um sumário dividindo o material em várias seções: "Berrando", "Dando esporro", "Intimidando" e assim por diante; cada uma dessas seções era, por sua vez, dividida em capítulos. No final de cada capítulo havia um breve resumo baseado em *A história do Partido Comunista Unido (Bolchevique)*.

O comandante de tanque leu o trabalho com prazer, alongando-se nos títulos dos capítulos concisos mas pertinentes. O primeiro — "Uma Introdução Histórica: As Origens e o Desenvolvimento do Berro" — prometia informações sobre "Júlio César e sua importância para a teoria clássica do berro", e os seguintes estudavam o tema ao longo de vários períodos históricos, dando especial atenção a "O berro nos exércitos feudais", com uma subseção sobre "O berro entre os mercenários", depois "O berro nos exércitos capitalistas", e finalmente "O berro no Exército Vermelho e no Exército Tchecoslovaco do Povo". Em seguida vinha uma passagem analítica sobre "O berro classificado por tipos", com uma longa apresentação dedicada a "O berro nas igrejas", com subseções sobre o berro nas Igrejas Católica, Protestante e Ortodoxa ("enfatizando especialmente a missão pacífica da Igreja Ortodoxa") e nas sinagogas ("enfatizando especialmente a essência reacionária do sionismo"). Finalmente, para terminar, "O berro nos altares ateístas, casas de oração e igrejas".

Depois disso vinha a parte "Reflexões de Marx-Engels-Lenin-Stalin sobre o berro", entremeada de citações desconhecidas; um artigo instrutivo chamado "O berro soviético, nosso modelo"; um tratado legal e filosófico chamado "A dialética do berro: pode-se berrar com um oficial superior? Suas consequências"; e em conclusão, uma breve recapitulação com uma mensagem: "Como berrar

melhor". Outras seções do trabalho analisavam assuntos complexos como "Berrando com soldados, oficiais convocados e oficiais do corpo feminino do exército" e "Berrando com animais de serviço".

Havia também um ensaio histórico bem pesquisado ("Aníbal e o declínio do berro nos exércitos cartagineses"); a abordagem de classe do autor ao material era sempre correta, como em "Espártaco, o pai do berro democrático"; o aspecto intelectual era de alto calibre ("O berro como instrumento da paz mundial"); e a amplitude do material comprovava a erudição do autor e seu senso prático ("Como ser condecorado por berros exemplares").

O comandante de tanque folheou mais um pouco seu caderno de notas, fez algumas mudanças, acréscimos e aprimoramentos, mas acabou vencido pela exaustão. Deitou-se no sofá na parede oposta e caiu no sono. Sonhou que os oficiais, comportando-se exatamente segundo o espírito do seu tratado, tinham-no levado à corte marcial em virtude do seu caderno de notas e condenado à morte por trair segredos militares.



Na cela principal da prisão militar, onde a luz mortiça fora apagada já havia algum tempo, os homens ainda estavam acordados, sentados nos bancos de madeira em volta das paredes, conversando no escuro. Àquela altura, estavam impregnados de um certo sentimentalismo.

— Foram dois anos e meio, cavalheiros! — suspirou o sargento Vomakal, em tom acusador.

— Por que eles te puseram em cana, Bohous? — perguntou uma voz no escuro.

— Pelo mesmo motivo que você — disse Vomakal. — Eu fui apanhado no Hedgehog and Apple.

— Como você fez uma coisa dessas, Bohous? — disse o soldado de primeira classe, Dr. Mlejnek.

— Você teria feito a mesma merda, cara, se tivesse frequenta. do aquela porra durante dois anos e meio como eu.

— Compreendo — falou o Dr. Mlejnek. Ele não estava entre os que teriam de servir mais seis meses. Por uma infeliz circunstância teve de prestar serviço militar apesar do seu problema cardíaco, o que naturalmente o tornava mais

amargo que os outros. Sabendo que seu perfil político não era muito vantajoso, decidiu causar boa impressão na banca de recrutamento pronunciando a saudação politicamente correta "Viva o trabalho!" quando se apresentou. Mas ele não sabia, e não poderia saber, que o presidente da banca era o antigo proprietário de uma clínica de aborto muito lucrativa, que com o advento do comunismo havia sido agregada a um centro de saúde pública em Praga. O presidente e seu companheiro de banca, um jovem médico de uma boa família burguesa, decidiram aplicar um conjunto especial de critérios para declarar se os recrutas tinham capacidade de prestar serviço militar. Se o futuro defensor da nação cumprimentasse a banca com a saudação comunista, seria declarado "capaz sem restrições". Por outro lado, quem murmurasse alguma coisa vaga, sugerindo que não sabia fazer a saudação politicamente correta nem dizer qualquer coisa expressamente reacionária, seria classificado como "capaz de servir, mas não de portar armas". Finalmente, quem fizesse saudações burguesas como "Bom dia" ou saudações expressamente cristãs, como "Bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", receberia a classificação de "incapaz de servir ao exército". O pobre Dr. Mlejnek, que acabara de passar no exame final sobre A História do Partido Comunista Unido (Bolchevique), marcando o apogeu acadêmico de seus estudos legais, cavara sua própria infelicidade.

— Dois anos e meio, cavalheiros! — Dessa vez foi o sargento Mácha, o inspetor da cozinha, quem quebrou o silêncio. Mácha tinha enrolado um pano de chão como um pão, fritando-o feito uma salsicha e colocando-o em um prato perto da porta da cozinha, onde o primeiro-tenente Kohn sempre roubava uns pedaços para seu almoço de domingo. Em razão dessa brincadeira ele acabou passando três noites na prisão militar. Agora estava deitado ali, com um ar sentimental. — Dois anos e meio, cavalheiros, desaparecidos no idiota do tempo.

— Você falou em idiota do tempo? — perguntou o sargento Krajta com sua voz rouca. — Algum de vocês conhece o *Conto do Idiota Misterioso*?

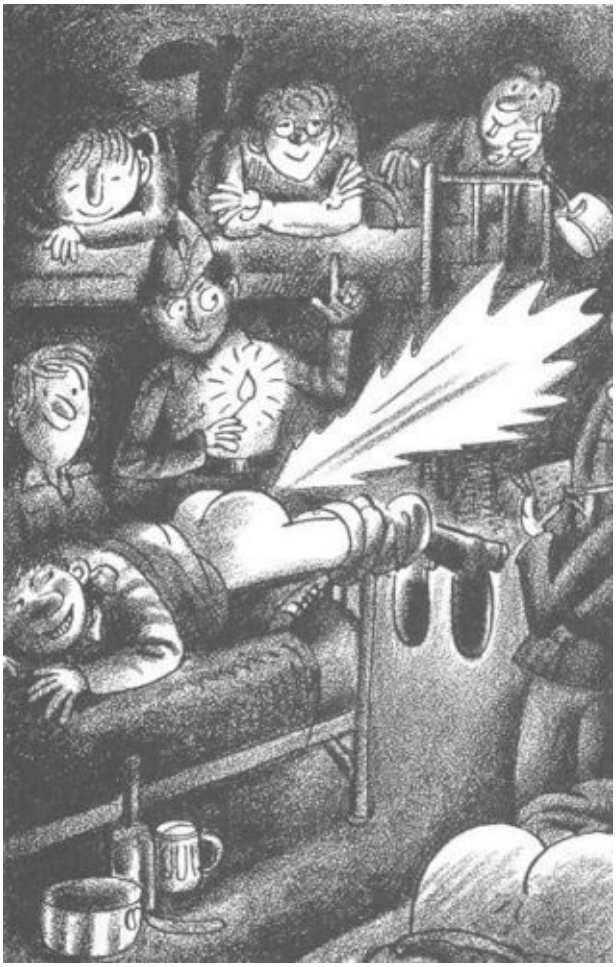
— Não — disseram todos de repente. — Conte, homem — disse Vomakal.

Krajta acendeu um cigarro e recostou-se confortavelmente nas pernas dobradas de um soldado deitado ao seu lado. Ele era engenheiro químico e conhecido como organizador de uma forma pouco comum de atividade de massa, que ocorria em algumas tardes de domingo.

Assim que escurecia, os soldados apagavam as luzes, baixavam as calças e deitavam-se de bruços na cama. Os que estavam prontos davam a ordem "Fogo!", e o sargento Krajta segurava um fósforo aceso o mais perto possível do traseiro deles. A explosão resultante e o facho de luz provocado pelo peido mais parecia uma salva de canhão no Dia da Vitória; para produzir chamas mais longas e claras os participantes comiam o máximo possível de pão quente,

cebola e alho, roubados do depósito do rancho no almoço de domingo. O nome oficial dessa diversão no programa da atividade do departamento político era "Tempo Livre Organizado", embora não houvesse menção disso na descrição do sargento Manas em "O domingo de um soldado da Divisão Blindada", publicado no *Defesa do Povo*.

Krajta esticou as pernas no banco de madeira em frente a ele, e começou a contar a história do *Idiota Misterioso* com sua voz rouca.



— Certa vez, dez mil anos depois da nossa presente era, o eixo do mundo mudou, tornando as noites longas, escuras e monótonas. As vovós juntavam todos os netos à sua volta e as crianças diziam: "Vovó, conte uma história, vovó!" "Que história vocês querem ouvir?", perguntava ela. E as crianças respondiam: "A história do vagabundo misterioso, vovó, aquela sobre o vagabundo misterioso." "Muito bem, então vou contar a história sobre o

vagabundo", dizia a vovó, balançando sua sábia cabeça. 'Aliás, ele era um vagabundo muito, muito, muito grande, por isso não era exatamente um vagabundo, era, crianças?" "Não", gritavam elas. "Não era mesmo, era um..." "Um idiota!", gritavam as crianças animadas, "o idiota misterioso. Conte a história, vovó." E a vovó ajeitava o xale em volta dos ombros e começava a contar a história.

“Antigamente, há muito tempo, as pessoas ainda tinham de trocar pedacinhos de papel colorido por coisas que hoje, nessa era de verdadeiro comunismo, a gente vai no armazém e leva tudo para casa de graça, como televisão, salsichas etc.... Naquele tempo, umas tantas pessoas não tinham quase nenhum desses papeizinhos coloridos, usavam roupas grosseiras e quase todas iguais, à noite ficavam trancadas em uns barracões tristes e de dia tinham de andar em fila e guiar umas caixas de metal fedorentas com pouca visão para o exterior. O dia inteiro eles ouviam berros de uns homens brutos, cheios de estrelas nos ombros, mas não podiam responder; tinham de bater os calcanhares e dizer, ‘sim senhor, sim senhor, sim senhor’. Quando esses homens maus e barulhentos não estavam perto eles diziam outras coisas, que não podiam ser escritas. À noite essas pobres pessoas sentavam-se em uns quartos de onde não podiam sair, pensavam nas suas famílias e ficavam muito, muito tristes.

"Fora dessa colônia onde eles viviam, havia uma enorme montanha, completamente pelada e seca. Todo mês, na lua cheia, essa gente triste, com suas fardas tristes, juntava-se ao pé da montanha e esperava a lua subir, e quando ela aparecia como uni grande olho de peixe, esperavam ansiosamente que ela se movesse pelo céu, iluminando a terra. E ficavam olhando a lua e tremendo de expectativa. Finalmente, quando a lua chegava bem em cima da montanha, a terra começava a tremer por dentro, a montanha se abria e um imenso vagabundo surgia dela e se prendia no céu. A lua cheia iluminava o vagabundo, e aquela gente triste se alegrava e gritava em uníssono: ‘Mais um mês para o idiota do tempo!’ O vagabundo entrava de novo na montanha e a gente triste voltava para sua colônia triste e ficava triste de novo. Um mês depois eles voltavam para a montanha a fim de ver a lua cheia de novo iluminando o vagabundo de novo, e então gritavam de novo ‘Mais um mês para o idiota do tempo!’, e todos choravam de alegria. Em suma, crianças, o grande vagabundo tinha de surgir da montanha vinte e quatro vezes para que aquela gente triste pudesse ir embora daquela colônia triste e ser feliz de novo."

A história terminou e o quarto ficou em silêncio.

— É — disse o sargento Mácha. — Mas no meu caso a lua teve de iluminar o idiota trinta vezes.

Os soldados riram, e o sargento Krajta esticou-se para dormir. Outros

continuaram a conversar e a contar piadas sujas, mas foram vencidos pela exaustão e dormiram.

Logo depois um grande silêncio caiu sobre todo o corpo da guarda, interrompido só pela voz cheia do soldado Mengele de uma cela distante, cantando uma balada noturna de soldados para seus três companheiros de cela:

É uma noi-te es-cu-ra e so-li-tá-ria
Eeeee o céu está negro como breu
Eeeee todos vão dormir
Maaaas aquele fiiilho da puuuta
Meu capitão...

A uma certa hora, até mesmo o soldado se calou, caiu no sono, e só os passos do guarda foram ouvidos nas horas restantes daqueles últimos momentos maravilhosos que antecediam sua volta à vida civil.

6

UM ADEUS ÀS ARMAS DA CULTURA DE MASSA

Na noite anterior à festa de despedida do Sétimo Batalhão Blindado, o primeiro-tenente Ruzicka e o tenente Hospodin souberam que o major Borovicka e o major Sádlo honrariam o evento com sua presença, o que deixou os dois oficiais políticos em uma atividade fervilhante. O evento, originalmente interno, seria dessa vez um teste público da bravura do batalhão. A celebração, na qual os soldados diriam adeus aos dois anos (ou dois anos e meio) do serviço militar básico serviria para demonstrar o que eles haviam aprendido em termos morais e intelectuais. As canções militares de massa, as danças militares e folclóricas, as recitações e performances artísticas, os espetáculos de marionetes, os contadores de história e os mágicos seriam apresentados como uma demonstração de criatividade popular. Era essa apresentação que estava preocupando os dois oficiais políticos, que trabalhavam com afinco mas também com algum atraso.

Felizmente, eles podiam contar com o comandante de tanque Manas. Esse herói mítico do Sétimo Batalhão Blindado sobrevivera ao caos na colina Zephyr, apesar de o general Helebrant tê-lo rebaixado e rasgado suas insígnias na hora em que ele foi carregado do tanque e levado na maca para o hospital. O general recorrera a esse gesto dramático para neutralizar a impressão desfavorável que a atuação do comandante de tanque dera ao general soviético, que tinha torcido o tornozelo ao pular da plataforma de observação. Mas o ex-sargento, agora soldado, recorrera a uma contramanobra igualmente dramática. Quando se recuperou parcialmente na enfermaria, serrou parte de uma viga da latrina, colocou o pescoço em um cinto trançado e pendurou-se na viga, afundando com grande estardalhaço na privada. Graças ao barulho, Manas foi descoberto imediatamente e admitido na seção psiquiátrica da enfermaria, onde o general Helebrant visitou-o. Com essa visita, o general estava simplesmente mostrando sua preocupação com um subordinado, mas, quando o soldado ajoelhou-se diante dele, o general amoleceu. Depois de uma reunião particular exigida pelo

oficial divisional da polícia secreta divisional, promoveu Manas ao seu antigo posto. Esse valioso sargento (e secreto colaborador) então recuperou-se depressa e voltou à sua unidade, justamente quando os dois oficiais políticos procuravam freneticamente um programa para demonstrar os resultados de suas atividades educacionais.

Como sempre, Manas mostrou uma pronta conscientização política, e ofereceu seus serviços. Disse que recitaria seu próprio poema "Adeus à nossa segunda casa", leria sua própria história humorística "O acidente do soldado Pimkas", e atuaria em uma peça de um ato escrita por ele, mas precisaria de um ator coadjuvante e uma moça para fazer o papel feminino. Estava disposto a apresentar vários truques de cartas (se conseguisse lembrar-se deles), organizaria um jogo chamado "Um teste de conhecimento político" e, para finalizar a noite, apresentaria uma peça satírica chamada "A hipnose e o poder de sugestão". Isso lhes daria uma noite completa de apresentações, uma espécie de *one-man show*; em circunstâncias normais os oficiais políticos aceitariam encantados.

Mas agora, depois das péssimas notícias dos quartéis-generais da divisão, eles não tinham mais certeza se o major Borovicka, que encontrava defeito em tudo, gostaria que o comandante de tanque Manas recitasse um poema do comandante de tanque Manas, lesse uma história humorística do comandante de tanque Manas, atuasse em uma peça de um ato do comandante de tanque Manas, e fizesse truques de cartas e um *sketch* cômico interpretado pelo comandante de tanque Manas. Portanto, de todas essas sugestões eles só aceitaram o poema, a peça de um ato e a leitura de sua história, pois esse era um papel que ele desempenhava sempre na divisão. Depois os dois foram procurar um grupo de canto que, na vaga memória do tenente Ruzicka, fora criado formalmente há muito tempo mas na verdade jamais fizera coisa alguma. As pistas para encontrar esse grupo de canto eram muito vagas e quase inexistentes — de fato, o único vestígio que encontraram foi um violão pertencente ao sargento Kobliha — e eles decidiram que podiam criar um grupo de emergência. Por mais estranho que fosse, o sargento Kobliha dispôs-se a apresentar sua arte para ajudar os oficiais.

O tenente Hospodin teve a brilhante ideia de trancar o salão do rancho quando o Sétimo Batalhão Blindado estava fazendo suas refeições finais, e Ruzicka pediu que os soldados reunidos ali formassem um grupo de canto e ensaiassem algumas canções. A resistência foi feroz, mas houve negociações e chegou-se a uma solução: todos os presentes aprenderiam uma canção, desde que o processo não levasse mais de meia hora. Enquanto o ensaio era organizado por Ruzicka, Hospodin procurava um teatro de marionetes que fora doado à unidade por uma fábrica local há algum tempo, quando o tenente ainda tinha

ilusões sobre a possibilidade de colocar em prática a atividade cultural de massa per se.

Ele procurou no sótão das barracas, na sala especial destinada aos eventos de massa, nas acomodações dos quatro esquadrões e nos quartos dos comandantes, e finalmente encontrou vestígios do teatro de marionetes no porão, parcialmente cortado para servir de lenha. Mas os bonecos haviam desaparecido como que por encanto. (Mais tarde, quando a maioria dos homens estava de volta à vida civil, eles reapareceram em uma caixa verde de mapas de manobras táticas, que o primeiro-tenente Pinkas tinha levado para casa.) Infeliz com essa derrota, Hospodin apressou o ritmo e percorreu as sedes do batalhão sem um objetivo claro em mente. No segundo andar deparou-se com o sargento Omámeny, um atirador, famoso por sua extraordinária dedicação às aulas de educação política e pelos baixíssimos resultados que essa dedicação lhe trouxera. De nacionalidade húngaro-eslovaca, ele era a personificação da subserviência; embora estivesse no exército há trinta meses e logo voltasse para a vida civil, bateu continência para o tenente Hospodin, que ficou tão espantado que perguntou se Omámeny conhecia alguma dança folclórica.

— É claro que sim, comandante tenente.

— Quais? — perguntou rapidamente o tenente. — Aquela do bandido e do guarda com o feder pus — declarou Omámeny, numa mistura de dialetos hana, glatz e alemão.

— Então você vai dançar amanhã — decidiu o tenente.

— *Raraxó* — respondeu o sargento em russo, batendo continência para o tenente, que desapareceu na escada antes que o soldado dissesse que precisaria de música para dançar.

— *Jebemte hegedüss*! — xingou a vítima, numa mistura de palavrões em polonês e húngaro, ao voltar para as barracas a fim de engraxar seus sapatos.

Hospodin desceu a escada, atravessou o corredor e dirigiu-se para a saída. Na porta deu de cara com o sargento Krajta, que tinha sido trancado no rancho com os outros.

— Camarada sargento, por que o senhor não está ensaiando com o coro?

— Eu preciso ir ao banheiro — respondeu Krajta.

— Quero que o senhor conte uma história interessante na noite de despedida — ordenou o tenente, encorajado pela falta de resistência do sargento Omámeny. Ele tinha uma vaga ideia de uma noite, há muito tempo, durante as instruções de tiro, em que estava escondido atrás de um tanque e ouviu por uma escotilha o sargento Krajta contar a um cabo da infantaria, que se abrigara da chuva dentro do tanque, uma história de um livro pornográfico. Naquela época ele achou (com certa inveja) que Krajta estava contando uma história pessoal.

— Eu não conheço nenhuma história, camarada tenente — disse o sargento Krajta.

— Você está mentindo, Krajta.

— Mas eu só conheço história sujas...

Porém o tenente já estava saindo às pressas para outro lado, e Krajta ouviu-o gritar por cima do ombro.

— Então conte uma história suja. — O que eu posso fazer? — disse o sargento para um novato que estava de plantão no corredor. — Ordem é ordem. — E foi para a latrina ler um romance policial sádico chamado Mate o matador, da biblioteca particular do Dr. Mlejnek, que fazia mais negócios que a Biblioteca Gottwald oficial.



O tenente contornou o prédio e, desesperado, foi para os escritórios do departamento político preparar o programa. Depois de cinco tentativas, conseguiu datilografar tudo com um mínimo de erros de datilografia e de gramática.

NOITE DE DESPEDIDA
para os homens e oficiais convocados do 7° Batalhão Blindado
PROGAMA CULTURAL
1. Pântano do corpo blindado — cantado em grupo
2. Adeus à Nossa Segunda Caza — ressitado pelo comandante de tanque Manas
3. Discursso do comandante da companhia
4. Dansa de bandidos — sargento Omámeny
5. Cuidado! O inimigo está ouvindo — peça com o comandante de tanque Manas, o cabo Lakotus e uma camarada atriz
5. Dois duetos — cantados pelo sargento Kobliha e o cabo Pískal
6. História popular — contada pelo comandante de tanque Manas e o sargento Krajta
7. Falcões robados — cantado em grupo
Depois do progama cultural vai aver uma dança com os camaradas da União dos Jovens Tchecoslovacos.

FIM



No dia seguinte chegaram o Diabo-Anão e o major Sádlo, e foram encaminhados à mesa da frente do rancho do batalhão. O salão estava especialmente iluminado para a ocasião e as mesas armadas em forma de U, com um espaço no meio para servir de palco. Todo o batalhão entrou no salão, usando a farda de passeio pela última vez, para a última ceia comemorativa, que constava de salsichas e salada de batatas, regada a um copo de vinho oficial (só um para cada) e uma quantidade indeterminada não oficial de bebida forte, contrabandeada em uma aldeia e escondida debaixo das mesas.

Os oficiais casados levaram suas esposas. A esposa do capitão Matka tinha um ar cansado, e estava grávida pela sexta vez para fazer jus à segurança material da classe de oficiais. O férreo tenente Pinkas levou sua doce esposa Janinka, vestida de preto, com lábios vermelhos e os olhos de gazela constantemente voltados para a mesa dos oficiais convocados. A tristeza daqueles olhos, que vinha desaparecendo aos poucos nas últimas semanas, tinha voltado. O arrogante primeiro-tenente Bobby Kohn, com a perna ainda engessada, apareceu com uma mulher muito bonita. O primeiro-tenente Kámen, chamado de "boca suja", levou sua esposa gordinha, que distribuiu entre os homens uma cesta de pães de queijo feitos por ela própria. E finalmente apareceram os comandantes dos oficiais dos esquadrões individuais, com as insígnias brilhando nos ombros: o puxa-saco tenente Hezky, aplaudindo os membros do seu grupo no fundo do salão numa tentativa de ser cordial, e perguntando jovialmente com voz fanhosa "Podem me dizer quem é o ministro da Indústria de Processamento de Madeira?"; o discreto Slajs, que se sentou em silêncio na ponta da mesa dos oficiais e bebeu, sem que ninguém visse, duas das garrafas de conhaque reservadas para os convidados de honra; o maroto Jakubec, que se sentou ao lado da esposa do major Sádlo e, ao longo da noite, rompeu suas defesas e marcou um encontro no domingo seguinte em uma boate de Praga; e o brincalhão Grünlich, que se concentrou em comer. Finalmente vieram os dois oficiais políticos, parecendo as Máscaras da Consciência de uma peça medieval de moralidade.



Alguém bateu com um garfo em uma tigela de cerâmica até ela quebrar, e no meio da mesa dos oficiais o Diabo-Anão levantou-se para ficar mais alto que os outros oficiais à sua volta. Todos pararam de conversar, o Diabo-Anão estufou o peito e, enquanto as salsichas da cozinha esfriavam e as bebidas debaixo da mesa esquentavam, começou a discursar para os soldados reunidos ali com sua voz de falsete.

— Camaradas! Vocês estão aqui por ordem do seu oficial comandante para celebrar, da forma adequada aos soldados, o término de seu honrado serviço de vinte e quatro meses ao nosso Exército Democrático do Povo, ao qual a maioria de vocês acrescentou seis meses. E vocês fizeram isso com entusiasmo — disse, em um tom zangado —, embora muitos sem o entusiasmo natural que esperávamos de um soldado do Exército Democrático do Povo. Aqueles que não cumpriram as ordens com entusiasmo — continuou, levantando o punho acima da cabeça — perderam o direito de ser considerados pertencentes aos seus postos! — Àquela altura ele já estava agitado e começou a falar com veemência. — O povo e a classe trabalhadora, o governo e o Partido Comunista não permitirão que a disciplina do exército seja quebrada por elementos subversivos. Vocês passaram trinta meses no exército e devem ter visto que é um tempo curto demais para o soldado aprender como operar bem uma máquina complexa como o tanque T-34. Um treinamento básico de três anos se faz necessário! — Sua voz ficou estridente, mas como a maioria dos soldados do salão não se sentia afetada por essa terrível sugestão, o Diabo-Anão não conseguiu criar o desejado terror, a não ser para um recruta de primeiro ano que estava ao lado da porta da cozinha segurando um prato de salsichas — que ao ouvir essas observações do major começou a tremer tanto que deixou cair o prato no chão. Depois que a excitação diminuiu e as salsichas foram levadas para a cozinha para serem limpas com um pano úmido usado para secar o chão, o Diabo-Anão continuou: — O povo trabalhador verá em breve que um período de três anos é extremamente necessário, e o povo é soberano. Os que têm consciência política adequada servirão ao exército com entusiasmo, e passarão os três anos assimilando e dominando as técnicas da guerra. Haverá sempre, é claro, os que não cumprem seus deveres com o tipo de entusiasmo esperado de um soldado do nosso

Exército Democrático do Povo. Mas esses homens sentirão o pesado punho do povo sobre eles, e isso os fará desempenhar suas funções com entusiasmo. E se isso não funcionar, eles serão expulsos do Exército Democrático do Povo. E sua falta não será sentida, pois os que permanecerem cumprirão as ordens de seus oficiais comandantes com maior entusiasmo, caso contrário o povo cuidará deles prontamente. E o povo verá logo que uma arma complexa como o famoso tanque T-34 requer um treinamento de três anos... — O Diabo-Anão enrolava-se num círculo vicioso de argumentos. — Eles irão com entusiasmo... mas haverá uns que... serão forçados a... caso contrário... serão expulsos, camaradas. — E com essas palavras, ou com variações pouco perceptíveis, ele concluiu seu discurso de dez minutos. Os oficiais e o comandante de tanque Manas e o sargento Omámeny aplaudiram educadamente.

A única ressalva ao espírito sério e disciplinado da plateia foi a voz bêbada do sargento Líbezny, do exército regular, que respondeu às ameaças do major gritando:

— Viva a URSS! — Quando o sargento Krajta o mandou calar a boca, ele acrescentou: — Viva nosso grande amigo e defensor, nosso líder e professor, nosso querido libertador, o que humilha nossos detestados ocupantes, o grande, o sábio, o magnânimo e imortal, o único generalíssimo Josef Filho da Puta Stalin!

Felizmente para Líbezny, sua brincadeira de mau gosto perdeu-se no ruído de talheres e pratos e na excitação provocada pela entrada dos novos recrutas com bandejas de salsichas. O bater das colheres (com exceção do comandante de tanque Manas, só os oficiais usavam garfo e faca) ampliou-se e o som subiu e ecoou pelo teto de madeira, onde guirlandas de flores de papel empoeiradas convergiam para uma grande estrela vermelha por trás da mesa principal. À direita da estrela havia um retrato do presidente Zápotocky, e à esquerda um retrato do ministro da Defesa, general Cepicka. Ambos estavam fardados e cobertos de medalhas, e ambas as fotos tinham aquela coloração desbotada dos daguerreótipos do século passado. No meio da estrela vermelha, o sargento Remunda colou um retrato de Stalin, e um retrato do recém-falecido presidente Gottwald estava pendurado na estrela com um barbante, em respeito à simetria e à hierarquia.



Enquanto os homens do Sétimo Batalhão Blindado destroçavam montanhas de salsichas sem qualquer dificuldade, a bela Janinka comia como um pardal, com os olhos em distante contemplação. O comandante de tanque Smiricky não mostrou tal falta de apetite, mas ficou flertando com ela. Ele tinha pena de terminar as coisas daquela forma, mas ao mesmo tempo sentia-se livre; ainda não conhecia a relatividade da vida. As promessas incertas de Praga chamavam-no a distância, e travavam uma batalha desigual com o charme da esposa do primeiro-tenente.

Nenhum dos oficiais políticos apreciou muito a refeição, e também comeram como passarinhos, lançando olhares nervosos para o capitão Matka. O capitão comeu fartamente, mas ele comia até prego, e só no final da refeição lembrou-se por que todos estavam reunidos ali. Depois de alguns arrotos, inclinou-se para a frente c pronunciou a sentença fatal:

— Tudo bem, Ruzicka, que tal iniciarmos o programa?

Sentindo-se como condenados a caminho da guilhotina, Ruzicka e Hospodin levantaram-se da mesa e começaram a reunir os remanescentes do grupo de canto improvisado. Os dois se perfilaram no espaço entre as mesas, e com voz trêmula anunciaram que o programa cultural de massa para despedida do serviço militar teria início. O coro colocou-se diante da mesa principal, diretamente em frente ao Diabo-Anão, que tinha derramado maionese na sua túnica e estava irritadíssimo. Começaram a cantar uma interpretação atonal da "Marcha do Corpo Blindado", uma versão da famosa "Marcha das Forças de Segurança".

O resultado foi um tanto absurdo, mas agradável aos ouvidos do capitão Matka.

Mais uma vez estamos marchando para casa
Das montanhas do leste,
Jovens operadores de tanque reunidos
Prontos para a besta imperialista...

Isso era o que a maioria do coro cantava, mas o grupo em volta do sargento Krajta parecia desviar-se do texto, o que só os ouvidos supersensíveis do tenente Hospodin captaram. Em vez de "das montanhas do leste" ele ouviu uns cantando "dos bordéis do leste"; mas as palavras foram taticamente abafadas pelas vozes roucas que mal conseguiam seguir a melodia, muito menos respeitar a harmonia.



Afora as qualidades musicais do coro, a música expressava plenamente os sentimentos momentâneos dos cantores, e a intensidade de sua interpretação superava quaisquer erros na melodia e na harmonia. Felizmente o Diabo-Anão não tinha ouvido para música. O major Sádlo tinha, e nas circunvoluções do seu cérebro, onde devia estar o centro da musicalidade, ele começou a suspeitar que o coro do Sétimo Batalhão Blindado não atingia os padrões estabelecidos pelo coro divisional (chamado *O Punho do Povo*, mas às vezes referido em particular pelos seus próprios membros como *O Punho na Cara*) que se apresentava nos festivais locais das aldeias vizinhas. Mas essa suspeita era disfarçada por uma expressão firme, quase inteligente, e quando a tormenta vocal terminou ele aplaudiu educadamente.

O espaço entre as mesas ficou vazio, e o comandante de tanque Manas levantou-se e tentou parecer inspirado; mas o efeito foi anulado por seus lábios sensuais e sua barriga de glutão, que aumentara consideravelmente durante dois anos de atividade basicamente ideológica. A postura de Manas expressava confiança, com o polegar da mão esquerda preso no cinto e a mão direita livre para qualquer gesto que pudesse dar mais dramaticidade ao poema. Então ele começou a recitar seu poema:

Que os canhões trovejem e as minas explodam;
Debaixo dos nossos tanques esmagaremos o inimigo.
A bandeira vermelha tremulará sobre a confusão;
O Sétimo Batalhão Blindado está em ação.

O capitão Matka respondeu vigorosamente. Quebrando um segundo prato de cerâmica com uma batida forte do seu garfo, levantou-se para fazer uma de sua série de palestras, que tinham sido fonte de caçoada o ano todo dos decadentes elementos de seu batalhão. Ruzicka e Hospodin esperavam que Matka dissesse alguma coisa tão especialmente idiota que as inadequações de seu programa desapareceriam. Mas ele os desapontou porque falou pouco e de forma inteligente.

— Camaradas, na véspera de suas comemorações nós tivemos boas notícias.

Um dos Estados Unidos da América, o Equador, retirou-se da União Americana. Camaradas! O campo imperialista está caindo aos pedaços. O colapso dos EUA começou! As contradições do campo imperialista estão destruindo o campo do imperialismo!

Essa espantosa notícia deixou a maioria dos soldados indiferente. De todos os presentes, apenas o soldado de primeira classe Dr. Mlejnek conseguiu pensar na notícia em sua própria perspectiva. Como único leitor regular de *A Defesa do Povo,* só ele tinha lido um artigo mínimo que dizia que o Equador estava se retirando de um acordo comercial pan-americano sobre exploração dos excrementos da tartaruga. Os outros membros do batalhão, ou pelo menos os oficiais, acharam o discurso de despedida um grande sucesso, em termos ideológicos; o major Sádlo decidiu que usaria essa informação na palestra de dez minutos do dia seguinte.



O programa continuou inexoravelmente. A tentativa fracassada da dança eslovaca do bandido, apresentada pelo sargento Omámeny, foi seguida da peça do comandante de tanque Manas, Cuidado! O inimigo está ouvindo! Era um drama simbólico, ou pelo menos fazia uso liberal de símbolos. O cabo Lakatos, o cordial eslovaco que fora colocado em um dos papéis principais, apareceu com uma roupa brilhante de borracha emprestada de uma unidade de guerra química e um chapéu com uma escovinha na aba dobrada sobre os olhos (o chapéu e o casaco eram em geral conhecidos emblemas de subversão). Manas veio do outro lado e entrou em cena com um passo exagerado e arrogante e uma flor na lapela da farda (para indicar que estava de licença). Quando pisou no espaço entre as mesas, parou em frente ao Diabo-Anão, puxou uma cigarreira do bolso e tentou acender um cigarro. O isqueiro funcionou, o que não estava programado; o nervoso Lakatos foi até Manas e, com dedos trêmulos, quebrou três fósforos antes de tentar acender o cigarro que já estava aceso. E falou, com voz muito tensa:

— Então, soldado? Gosto bom? Gosto bom?
O comandante da tropa Manas respondeu com um tom profissional:
— É, tem gosto muito bom.

O diálogo continuou a partir daí.

Espião: Eu também já estive no exército.

Manas (frio e ríspido): Verdade?

Espião: Eu juro. Na primeira república. Tudo era diferente naquela época.

Manas: Tenho certeza que sim.

Espião: Naquela época eu tinha direito a dez cigarros por dia.

Manas: É mesmo?

Espião: Quantos você pode fumar agora?

Manas (cautelosamente): Quantos eu quiser.

Espião: Você fuma muito?

Manas: Depende do que você chama de muito.

Espião (esquecendo sua fala): Ah...

Manas (soprando para ele): "Licença."

Espião: E sua licença... você tem muitos dias de licença?

Manas: O suficiente para nos satisfazer.

Espião: Eu... eu... eu...

Manas (soprando para ele): "Eu tinha licença todo dia."

Espião: Eu tinha licença todo dia. Bom, até logo.

Com isso Lakatos acabou abruptamente a primeira cena. O roteiro era muito mais longo, mas ele esqueceu o resto das linhas e achou que a plateia já ouvira o bastante para captar a intenção da cena. Mexeu na aba do chapéu com os dedos, e saiu aliviado. Apareceu uma moça de camisa azul usada pelas artistas (em estilo soviético), que se aproximou timidamente do comandante de tanque Manas. Ele esticou o braço e gritou:

— Márinka! Olhe para você, Márinka, você está novinha como um tanque depois de uma revisão geral.

Manas tinha dado muita ênfase àquela comparação militar, mas isso muito antes de Hospodin descobrir alguém para o papel; a comparação feita agora provocou uma gargalhada geral. A mulher corou e a resposta "Oh, que bobagem, seu lisonjeador!" mal foi ouvida pela plateia. As linhas seguintes foram mais audíveis:

— E aonde você foi no domingo passado, Honza? Eu fiquei te esperando...

— Eu não pude vir, Márinka. Estava de guarda no depósito de munição; você sabe, o depósito entre as bétulas, onde fica aquele grande ponto de triangulação, o que dá para ver da cidade, uns cinquenta metros a oeste do cruzamento da estrada.

Com uma facilidade espantosa, a moça extraiu dele informações precisas

sobre todos os setores da guarda e das vezes em que ela era trocada, sobre cada localização da unidade no campo, plano de emergência do batalhão, nomes de todos os comandantes e até do chefe da divisão, consumo diário de comida, detalhes técnicos sobre os motores dos tanques, ordens vigentes sobre o comportamento dos soldados durante seu período de licença, e o aniversário do ministro da Defesa. Depois de conseguir todas essas informações, a moça repreendeu-o exemplarmente por sua falta de vigilância. Em outras palavras, ninguém teve dúvida do que a peça simbolizava, nem mesmo o major Sádlo, que se queixava sempre da falta de clareza das obras de arte.

Os dois oficiais políticos, olhando de esguelha para o rosto inexpressivo do major, aplaudiram animadamente. A moça, agora com o rosto afogueado, agradeceu os aplausos e correu para junto de seus dois amigos da União dos Jovens, e no centro da sala entraram o cabo Pískal e o sargento Kobliha, com um violão, para cantar "canções a duas vozes".

Àquela altura as garrafas da mesa dos oficiais estavam quase vazias, e os homens pegaram as que tinham escondido e puseram nas na mesa em frente a eles. Por sorte, a quantidade de álcool consumida pelos oficiais foi maior que a medida aceitável. Em meio ao ruído dos copos, o sargento Kobliha começou a tocar o violão e o duo cantou uma música que, felizmente, nenhum dos oficiais soube ser de origem imperialista, a não ser o primeiro-tenente Pinkas (bêbado demais para se importar com isso).

Oh, eu quero uma caaaasa por onde paaaassem os búfalos Por onde os veaaaaados e os antílopes brzzzznquem...

A voz de tenor de Kobliha criou um contraste especial com a voz de falsete do cabo Pískal. Eles sustentaram cada nota até o limite máximo, e quando a melodia chorosa e o ritmo lento do violão tomaram conta do salão, os soldados e oficiais ficaram em silêncio e ouviram. A música subia acima da fumaça dos cigarros, acima dos vapores alcoólicos, acima das cabeças dos oficiais políticos, até o alto do rancho, onde as caras petrificadas dos retratos olhavam para baixo, rodeadas de papel crepom descolorado. No alto da parede, um cartaz com letras vermelhas dizia:

AVANTE COM NOSSOS ALTOS IDEAIS!
AVANTE COM NOSSO PAÍS!
NENHUM PASSO ATRÁS!
AVANTE COM O SOCIALISMO!

Onde quase nunca se ooouve uma palavra desanimaaaaada E os céeeeeeeeus não têm nuvens o dia inteiro, cantava Pískal com voz de falsete; Kobliha puxava as cordas do seu violão mal afinado e os homens reunidos ali

enchiam-se de emoção. O primeiro-tenente Kámen, o "boca-suja" (com uma garrafa quase vazia de Chartreuse à sua frente) começou a chorar, e quando a música terminou ele aplaudiu com grande entusiasmo. Antes que o Diabo-Anão pudesse reagir, o duo começou a cantar uma música usada nos workshops culturais dos guardas de fronteira, mas com letra adaptada à divisão blindada.

Entusiasmados com a reação e a aceitação do seu primeiro número, eles alongavam as vogais ainda mais, inserindo estranhos ruídos guturais quando uma sílaba curta caía em uma nota longa — o que dava um encanto hipnótico à balada, atingindo os corações dos soldados e até mesmo o coração duro do capitão Matka.

Onde as áaaaaguas prateaaaadas do Vltava correm
Um jovem motorista de tanque estáaaa de guaaaarda,
Com uma forte metralhadooooora na mãaaaaao
Para manter a paaaaaz da sua teeeeeerra.
Enredada em astúuuuucias e mentiiiiiras
Nossa teeeeerra natal se encontra prisioneeeeira,
Nosso motorista segue com coragem para o oeste
E enfrenta nossos inimiiigos.
Baixa seu punho de aaaaaaço
Para esmagar o traidor na sua toca,
Ele não teme o periiiigo nem a tristeza Nem a
mooooooorte que o pode abateeeeer.

Vários lenços saíram dos bolsos, e lágrimas úmidas rolaram pelo rosto dos soldados. Ruzicka debruçou-se sobre o major Sádlo no meio dos aplausos e comentou que os soldados tinham o coração no lugar certo; que um certo tipo de canção tinha o poder de comovê-los muito, e outros tipos podiam levá-los a maiores conquistas e ações mais nobres. O major Sádlo não respondeu, pois não conseguia mais controlar a língua. Os cantores continuaram:

E quando finaaaalmente cumpre sua miiiissão,
Ele volta exaaaaausto para casa,
Onde uma linda jooooovem o espera pacieeeente,
E ao seu laaaado vai ficaaaar.

A mão do violonista passava pelas cordas fazendo um elegante semicírculo, suspendendo no ar uma corda longa e ligeiramente fora do tom, doce como mel... e mais aplausos calorosos, gritos de bravo, copos batendo, corpos caindo

debaixo da mesa, homens engatinhando por cima das mesas, gritando, chorando. O rígido veterano tenente Pinkas caiu por cima da mesa do banquete, e seu cabelo ralo encharcou-se em uma poça de uísque. O primeiro-tenente Kámen abraçou o Diabo-Anão e, decidido a lhe dar um beijo no rosto, não deixou que o major, que estava tão comovido com a música como com todo o resto, fizesse qualquer comentário. Janinka olhou nos olhos do comandante de tanque Smiricky, fez um gesto com a cabeça na direção da porta e ele saiu depressa do salão.

Inspirado pela performance anterior e pelo estado dos oficiais, um quarteto improvisado formado pelo sargento Krajta, sargento Vytáhly, soldado Bamza e cabo Strevlícek colocou-se entre as mesas e começou a cantar uma música queixosa. Hospodin e Ruzicka, acreditando que tudo terminaria bem, ficaram imóveis quando ouviram a letra: Mil novecentos e cinquenta e um O ano em que eu fui convocado; Vou matar o homem que me recebeu O cretino de uma figa!

Pelo canto do olho o tenente Hospodin viu o Diabo-Anão, ainda imobilizado pelo abraço de Kámen, ficar alerta de repente e começar a franzir a cara. Pelo canto do outro olho, viu Matka prestando atenção.

Eles me trouxeram aqui para Kobylec,
Essa cidadezinha de merda,
Espero em Deus que arrasem este lugar
E queimem tudo até ficar em cinzas.

O capitão Matka pulou da cadeira com uma energia fora do comum, mas, em vez de intervir como um oficial em comando, gritou:

— Ei, rapazes, vamos cantar nossa música, aquela linda música bolchevique. Kámen, venha para o meu lado!

Por estranho que fosse, Kámen, que era geralmente lento para obedecer ordens, soltou o Diabo-Anão na cadeira, que se mantinha ainda em estado de choque com aquele abraço demorado. Em um instante os dois oficiais cantavam uma canção marcial:

Somos bolcheviques muito vermelhos
E como somos vermelhos não estamos mortos;
E nunca iremos para a cama
Com os cachorros capitalistas,
Não, nunca iremos para a cama
com os cachorros capitalistas!

Kobliha juntou-se a eles com seu violão e pegando rapidamente a melodia familiar passou a acompanhá-los. Os oficiais puseram os braços nos ombros uns dos outros e continuaram:

Eles nos chamam de terroristas vermelhos
Os dervixes de Gottwald;
Nós nos vingaremos do seu ataque,
Construiremos um poderoso patíbulo.

Levados pela exuberância daquela interpretação, vários soldados bêbados juntaram-se a eles e logo depois os dois oficiais políticos entraram também no grupo. O verso final da canção de batalha — que não constava de nenhum livro de canções militares — soou no salão enfumaçado:

Quando Gottwald der suas ordens
Do castelo em Praga,
Nós pegaremos os burgueses pelo pescoço
E os esganaremos como cães.

Como a maioria dos soldados cantava animadamente e a amistosa influência do álcool escondeu a animosidade que os subalternos alimentavam contra seus superiores, a performance dos oficiais foi recebida com aplausos. Mas o quarteto do sargento Krajta não foi superado. A música revolucionária dos oficiais era dos tempos pré-comunistas; eles cantaram outra dos tempos atuais:

A classe operária nos deu armas,
E nos ensinou a usá-las;
Mas agora ternos o coração partido
E gostaríamos de recusá-las.

Era uma canção estimulante e, surpreendentemente, chegou a provocar um senso de honra no primeiro-tenente Kámen. Ele pôs os braços em volta do pescoço do capitão Matka, puxou o tenente Hospodin para seu lado, bateu no chão com suas botinas de montaria para estabelecer o ritmo e, acompanhado no violão pelo sargento Kobliha, começou a cantar uma canção fatalista:

Quando os rapazes vierem
dos Estados Unidos
Vão nos enforcar num só dia,

Não vão deixar ninguém vivo
Oh, vão nos enforcar num só dia.

O quarteto do sargento Krajta sobrepôs-se a isso com uma canção otimista e espirituosa, com ritmo de dança. Todos que não estavam bêbados demais juntaram-se ao refrão:

Quando entramos para o exército, rapazes
Tínhamos uma canção nos lábios
Achávamos que ninguém nos atingiria
Não sabíamos merda nenhuma.
Oh, o exército é um patife
O exército é uma puta
O exército esmaga nossos bagos
E nos obriga a pedir mais.

Ouviu-se um tiro de pistola. Todos congelaram, apavorados. O Diabo-Anão estava de pé na mesa dos oficiais, com um revólver fumegante na mão. Uma pequena nuvem de poeira branca descia do canto do teto da sala, onde a bala estava alojada, e os cantores estatelados sentiram os pedaços de gesso que caíam em suas cabeças. Olhando para a plateia em estado de choque, o Diabo-Anão balançou a pistola no ar e gritou:

— Soldados! Todos para suas barracas imediatamente! — Fez uma pausa dramática, mas foi tomado de raiva e gritou de novo: — Não vou permitir que ninguém insulte nossa classe operária, nosso país e o Exército Democrático do Povo. Parece, camaradas, que dois anos de treinamento político não foram suficientes para os senhores! É assim que o senhor cumpre suas obrigações, camarada tenente? — E virou-se para o tenente Ruzicka, que ficou verde e tonto. — Esse é o respeito que os senhores têm pelas belas oportunidades que o nosso Exército Democrático do Povo lhes deu, camaradas? — continuou o Diabo-Anão, virando-se para os soldados. — Isso... é o que vocês chamam de noite de despedida ao mais sagrado dever de um cidadão de uma democracia do povo? Os senhores mostraram como são, camaradas. Os senhores se portaram como um bando de terríveis reacionários.

O zunzum hostil da sala foi aumentando. Soudek pulou no meio da multidão com uma garrafa na mão.

— Que porra é essa, seu imbecil? Quem você está chamando de reacionário, seu filho da puta?

— Amanhã os senhores se apresentem ao oficial em comando — gritou o

majorzinho. Depois parou e corrigiu-se: — Ao oficial da divisão! E o senhor também, camarada capitão — disse, virando-se para Matka.

O capitão bateu os calcanhares e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Sim, senhor.

— E agora... estão dispensados! — berrou o Diabo-Anão com voz esganiçada. Um turbilhão de vozes elevou-se no ar, e mais uma vez a de Soudek foi a mais alta.

— Enxotem esse cara daqui — gritou ele.

— Vamos chutar a bunda dele! — gritou o soldado Bamza. As vozes se tornaram mais altas, e formou-se um círculo perigoso em volta do majorzinho. Hospodin e Ruzicka, pálidos como cera e quase mortos de medo, protegeram-no com seus próprios corpos.

Mas o Diabo-Anão não estava a fim de morrer como herói. Sacudiu os punhos e gritou para a multidão.

— Vocês todos sofrerão as consequências disso! — Virou-se depressa, atravessou o corredor e disparou pela noite.



Quando o comandante de tanque Smiricky se viu do lado de fora, atravessou rapidamente a estrada até uma árvore alta com uma ampla copa. Grupos de distantes nebulosas cobriam o céu, como moluscos cintilantes nadando num mar de tinta. As estrelas brilhavam sobre a base militar, sobre as castanheiras onde as últimas folhas balançavam na brisa noturna, sobre a rede de estradas que saíam em todas as direções. Na extremidade de cada estrada havia um guarda que não deixava ninguém passar, pois recebera ordens para isso. As estrelas também brilhavam sobre o silencioso campo de instrução, sobre as depressões de pouso dos paraquedistas cheias de areia branca e sobre as torres de madeira de onde os treinandos pulavam. Uma mistura de vozes e gargalhadas vinha da janela do rancho. Danny encostou-se na parede de madeira do depósito de equipamentos e olhou para a entrada do refeitório, um retângulo escuro na parede branca.

De repente uma mulher apareceu naquele retângulo. O brilho claro do céu misturou-se à escuridão da noite, iluminando seu rosto e o vestido preto. Sobre seu seio um pingente verde brilhou por um instante. Ela olhou em volta e a esmeralda do vestido voltou a brilhar.

A mulher foi até a estrada, iluminada pelas estrelas, e olhou à volta com incerteza. A poucos passos dali sentiu um movimento, como se alguém no escuro tivesse sussurrado um lindo verso, e temporariamente a esposa do tenente sentiu que ganhava a parada contra o sedutor aroma da vida civil e das atrações de Praga. Era como se uma comporta tivesse sido aberta no seu coração e deixado passar seu rio da tristeza sobre ânsias frustradas e uma patética forma da vida.

— Janinka! — chamou uma voz baixinho. Ela atravessou a estrada correndo e jogou-se nos braços de Danny. — Danny! — murmurou a esposa do tenente. Ele a beijou, e o brilho da esmeralda apagou-se quando foi coberto por sua sombra.

— Vamos para lá. — Puxou-a pela mão e os dois entraram no campo de instrução, parando na borda das depressões de pouso dos paraquedistas. Ela apertou o corpo contra o dele mas não disse nada. Danny queria falar, mas à sombra do depósito de equipamentos, onde as cordas penduravam-se como nós de um imenso patíbulo, ele se sentiu angustiado.

— Vamos subir por aqui, Janinka.

Ela olhou para cima, para o céu, e riu. — Nós não somos macacos, não é, Dr. Smiricky? Foi uma fraca tentativa de humor, e sua voz tremeu. — Droga — disse ela. — Tudo bem, vamos, vamos, Danny. Me dê sua mão. Vai ser maravilhoso ficarmos debaixo das estrelas.

Querendo se exibir, Danny pendurou-se vigorosamente no primeiro degrau da alta escada e esticou a mão. Ela pôs uma das mãos na dele e agarrou-se ao degrau com a outra, tentando se equilibrar.

— Espere um instante — disse ela. — Vou tirar minhas meias.

Danny a ficou observando enquanto ela levantava a saia, primeiro de um lado e depois do outro. Aquela cerimônia deixou-o excitado. Duas nuvens cinzentas de fumaça flutuavam sobre a areia branca, e ela subiu até onde ele estava, com os joelhos brilhando. Depois eles subiram mais pela escada de madeira.

A plataforma estava em silêncio. As estradas que serpenteavam pelos prédios e em volta do campo de instrução pareciam linhas de um mapa, e sob aqueles moluscos fosforescentes do céu surgiu o contorno do Old Roundtop, cenário de tantas batalhas gloriosas. A brisa soprou ligeiramente no rosto da esposa do tenente. Ela se enroscou no comandante de tanque, cruzou as pernas e eles ficaram ali na escuridão, brilhando na noite como dois faróis, os pezinhos dela apontando para as depressões de pouso.

— Então, será depois de amanhã?

— É.

— E nós não vamos nos ver mais.

— É claro que vamos — disse ele. — Podemos nos encontrar em Praga. Você vai dar um jeito de ir lá, não é?

— Não sei.

— Por que não? Seu marido está sempre de plantão. Ele nem vai saber que você saiu de casa. Você pode tomar o expresso da manhã...

— Por que você tinha de entrar na minha vida? — Ela o interrompeu, com uma voz triste e exasperada.

— O que quer dizer com isso?

— Por que você apareceu, droga? — disse ela com um tom infeliz, olhando para a massa escura do Old Roundtop, para as sentinelas que andavam no meio da noite com seus passos ritmados e para as fronteiras do seu mundo perdido chamado Kobylec. — Eu tinha o pequeno Honza, a cantina, os oficiais, o cinema três vezes por semana, um apartamentinho na vila dos oficiais casados, o tédio, o vazio, e à noite os tanques no campo de instrução e as lindas balas traçantes no ar. Tudo como devia ser. E então você aparece. Por que, pelo amor de Deus, por quê?

— Janinka, não fique triste. As coisas estão agora como devem ser. É assim mesmo que elas devem ser.

— Como devem ser? Eu não devo gostar mais do meu marido? É assim que deve ser? Eu não devo ligar para todos os homens que vieram antes de você ou todos que virão depois de você, é assim que você quer que seja? Quer que eu sinta saudades suas? Mais do que já senti de qualquer um? É assim que deve ser, Danny?

— Não é isso...

— Já sei — disse ela. — Eu sou uma mulher histérica. Uma mulher burra casada com um oficial, provavelmente muito mal falada, não é?

— Mas...

— Não, não, não diga nada. Cale essa boca linda, preciosa e má. Eu não quero que você minta para mim. Eu sei que é verdade, e você também sabe.

— Janinka — disse ele, comovido com aquela paixão boba —, eu só sei que a amo. E muito. Você significa mais para mim que qualquer outra coisa do mundo. Fuja comigo, Janinka.

— Para onde? — disse ela, sem esperança. — Para um apartamentinho barato em Praga? Em pouco tempo você iria embora para não ter de olhar mais para esta pobre e ignorante Sra. Pinkasová...

— Mas Jan...

— ... que ama tanto e ao mesmo tempo tão pouco que se torna uma carga para você.

Lágrimas escorriam da torre do paraquedas para a areia branca. Danny pegou seu lenço e murmurou alguma coisa.

— Que pena — disse ela. — Eu o amo muito, muito, muito mesmo, Danny. Não sei o que é isso. Eu sou uma mulher sem graça. Por que tenho de amá-lo tanto? Eu transei com cinco comandantes de tanque antes de você. Isso mesmo, e meu marido também opera com tanques há muito tempo, e tudo isso é horrível, horrível... Danny.

— Janinka, peça o divórcio — disse ele, mas sem convicção. E de repente percebeu que sua voz o traía.

— Não diga isso, Danny, por favor. Eu o amo, mas não posso fazer nada; não tenho nenhuma aptidão, os livros não me interessam... mas eu o amo. Terrível. Oh, Danny, não me deixe. Fique comigo.

— Com você? — disse ele desconsolado; e ficou lívido quando lhe passou pela cabeça a ideia idiota de que ela sugeria que ele entrasse para o exército regular.

— Oh, você não entendeu. —Ela suspirou. — Você é um bobo, um sujeito sem coração, mas eu o amo. Eu só disse isso para não dizer todo o tempo que o amo. Tudo o que eu digo, toda palavra que eu pronuncio significa na minha linguagem eu o amo. Sabe disso, Danny? Sabe disso?

— Eu sei — falou ele.

— Não, não sabe. Você não sabe de nada. Você teve de esperar até a Sra. Pinkasová, essa imoral, essa Jezebel, dar o sinal verde. Você não percebe as coisas, você é um bobo, um idiota, meu querido. E tem muito o que aprender. Mas será que alguém vai querer ensiná-lo? Alguém vai querer ensiná-lo?

— Ensinar o quê, Janinka?

— Oh... eu gostaria... eu quero... não... — Ela se sentia sozinha, perdida naquele campo de instrução, com tristes lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Não, é bobagem, é idiotice. É burrice. Não. Eu não quero nada. As coisas estão bem assim. As coisas estão ajeitadas dessa forma idiota e ninguém tem o direito de esperar que sejam diferentes. É assim que as coisas devem ser. Venha cá, Danny — falou, virando-se para o comandante de tanque. — Por que você está sentado aí? Eu posso ver essas estrelas a qualquer hora, mas não vou ver você de novo. Venha cá.

Janinka desceu uns degraus da escada com a saia amarrada na cintura e os joelhos brilhando como as estrelas. Talvez essa fosse a resposta para tudo, a única resposta que ela sabia dar, uma resposta que ninguém podia ter dado. Danny sentiu-se esquisito e ignorante quando desceu atrás dela para o escuro depósito de equipamentos, onde se viam apenas as pilhas de colchões para exercício.



Entre aquela noite e o dia em que os membros do Sétimo Batalhão Blindado voltaram à vida civil, não ocorreu nada de especial. A alegria daquele último e maior acontecimento da carreira deles no exército encobriu por completo o grande enigma que foi investigado em vão pela polícia secreta militar. O major Borovicka, mais conhecido como Diabo-Anão, havia desaparecido misteriosamente. Ele não voltou para casa depois daquela comemoração final, e nenhum dos participantes chegou a ser punido.

Em vista de fatos desvendados muito mais tarde, uma circunstância parece especialmente importante. As únicas testemunhas foram o comandante de tanque Smiricky e a esposa do seu oficial superior; mas Smiricky já estava há muito tempo na vida civil e a esposa do tenente guardou segredo.

Depois que eles fizeram amor no depósito de equipamentos e voltaram pela estrada para o rancho, ouviram o baque de alguma coisa caindo na água; viram um soldado, que pelo jeito de falar o comandante de tanque achou ser o soldado Bamza, sentado no chão com os pés numa espécie de buraco.

— Que porra! — disse o soldado com raiva. — Esses malditos cozinheiros! Alguém podia cair nessa vala de merda.

O comandante de tanque e a esposa do oficial esconderam-se nas sombras. O soldado levantou-se, pegou uma tábua e resmungou: — Os cretinos deixaram a vala aberta! — E cobriu o buraco do chão com a tábua.

O buraco era a abertura de uma enorme fossa séptica, para a qual todos os canos de esgoto do campo convergiam.



Muitos anos depois — quando o sentimento de liberdade entre os soldados recém-liberados havia se evaporado, a esposa do oficial começava a aparecer nos escritórios do batalhão para avaliar os novos recrutas com seus olhos tristes, e o

Dr. Daniel Smiricky se preocupava de novo com os pequenos e insignificantes detalhes da vida, esquecido das palavras sábias de Janinka — um veículo especial apareceu na abertura da fossa séptica do Sétimo Batalhão Blindado. O motorista retirou a tábua que cobria a abertura da fossa, introduziu a imensa mangueira do caminhão no buraco, ligou o motor, acendeu um cigarro e começou a comer uma salsicha frita que um cozinheiro lhe oferecera.

A máquina funcionou bem a princípio, mas de repente encontrou alguma resistência e parou com a sucção.

— Que diabo vocês puseram aí no tanque, rapazes? — perguntou o motorista, pondo a salsicha semicomida no para-lama do caminhão. Desligou o motor e começou a recolher a mangueira. — Alguma coisa está entupindo isso aqui.

O cozinheiro foi ajudá-lo, e, quando os dois puxaram a pesada mangueira para fora da fossa séptica, viram um objeto preto enfiado na boca da mangueira. Tiraram o objeto e constataram que era uma botina de montaria, de um oficial de pequenas proporções.

FIM

Este livro foi composto na tipologia
American Garamond em corpo 12/14
e impresso em papel Chamois Fine 80g/m2
no Sistema Cameron da Divisão Gráfica
da Distribuidora Record.

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini
Fevereiro de 2013